

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A sexualidade dos jovens e as redes sociais online

Ricardo Filipe Alves Couto

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):

Doutora Rita Espanha, Professora Associada com Agregação,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

A sexualidade dos jovens e as redes sociais online

Ricardo Filipe Alves Couto

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador(a):

Doutora Rita Espanha, Professora Associada com Agregação,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

"O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele próprio teceu."

(Geertz, 1973)

Agradecimentos

Gratulo sinceramente todas as pessoas e organismos que tornaram possível a redação e posterior conclusão desta dissertação de mestrado. Em primeiro lugar, quero expressar a minha gratidão à minha orientadora, a Professora Doutora Rita Espanha, pelo seu apoio extraordinário ao longo deste processo. Considero-a uma profissional exemplar e uma pessoa atenciosa, carismática e imensamente hábil no exercício das suas funções. Agradeço-lhe por ter-me dotado dos recursos necessários para alcançar resultados significativos, por ser exigente e paciente em simultâneo e por fazer a leitura correta dos meus estados de espírito, a empatia é uma característica crucial para o trabalho com outras pessoas. Sem a sua motivação, ajuda e imparcialidade, dificilmente tinha concluído este trabalho académico.

Seguidamente, quero deixar umas palavras de agradecimento a todos os meus ex-docentes, por se mostrarem sempre dispostos a contribuir para o meu sucesso académico e por nunca terem desistido de lecionar, sem a vossa ajuda o ensino português e a minha bagagem de instrução encontravam-se hoje mais desfavorecidos. Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas e docentes do curso de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, concretamente à colega e amiga Inês Antunes, cujo apoio e estima verificaram-se em todos os momentos.

Agradeço a todos os meus amigos, especialmente aqueles que acompanharam este desafio de perto, sem a vossa cooperação, insistência e bem querer, não estaria neste momento a redigir o presente texto. Agradeço à minha família, pela preocupação e pelo orgulho que sempre demonstraram, a minha ambição é reflexo das esperanças que me incutiram. Quero sobretudo homenagear o meu primo Marco Boto AKA “Sadhe”, pelo seu talento incomensurável e pela autenticidade que sempre preencheu o seu coração.

Por último, mas sempre em primeiro, agradeço à minha mãe, Ana Maria dos Santos Alves, pelo amor incondicional que sempre demonstrou ter. Independentemente das minhas opções de vida, está a meu lado, a apoiar e a fazer de tudo para que eu seja o mais feliz e realizado possível. É uma pessoa altruísta, genuína, evoluída e corajosa. Sem o seu esforço e dedicação de uma vida, nada do que sou hoje existiria, a sua missão ficará inscrita nas ações e nos corações dos seus descendentes. Sou eternamente grato pela sua existência.

Resumo

Numa época onde as redes sociais online (RSO) configuram-se tão efetivas como as demais, é de extrema importância entender a influência que os processos comunicacionais mediados virtualmente detêm sobre a construção / desenvolvimento da sexualidade dos jovens, bem como alcançar os efeitos e os riscos para a saúde mental e física dos jovens que recorrem às RSO para compreender e manifestar o seu processo sexual, assumindo-se como os objetivos primordiais da atual investigação. Tratámos informações provenientes de duas entrevistas concretizadas a organismos de ação social no campo da sexualidade e dados resultantes de um inquérito por questionário que realizámos a uma amostra de 85 jovens, entre os 16 e os 18 anos, residentes no distrito de Lisboa e que utilizam as RSO atualmente. Para tal, empregámos uma estratégia de métodos mistos (qualitativos e quantitativos) com o intuito de melhor compreender os fenómenos em estudo e de gerar conclusões válidas e pertinentes.

Iremos concluir, que na sua generalidade, a comunicação por intermédio das RSO afeta de distintas formas a construção da identidade e autoexpressão de cada jovem, com ênfase no domínio da sua sexualidade. Por via de uma educação sexual cada vez mais abrangente, é urgente capacitar os jovens de ferramentas e recursos que garantam: um conhecimento sólido sobre estas matérias; a autonomia nas decisões sexuais; a proteção e segurança em ambientes online, etc. Tais conclusões podem servir de repto para melhorias na educação, na consciencialização e nas políticas que almejam uma sexualidade saudável e o bem-estar dos jovens.

Palavras-chave: jovens, identidade, sexualidade, autorrepresentação, redes sociais online, educação sexual, segurança online, comunicação online.

Abstract

In an era where online social networks are as effective as any other means of communication, it is of paramount importance to comprehend the influence that virtually mediated communication processes exert on the construction and development of the sexuality of young individuals. Additionally, it is crucial to grasp the effects and risks to the mental and physical health of young people who turn to online social networks to understand and express their sexual journey. These objectives stand as the primary focus of the following research. Data from two interviews conducted with social action organizations in the field of sexuality, and data resulting from a questionnaire survey administered to a sample of 85 young individuals, aged 16 to 18, residing in the district of Lisbon, and currently using online social networks, has been gathered. A mixed-method approach, combining qualitative and quantitative methods, has been employed to collect the mentioned data. This study aims to gain a deeper understanding of the phenomena analyzed, as well as to generate valid and relevant conclusions.

The conclusions drawn express the effects communication through online social networks have on the construction of the identity and self-expression of each young individual in various ways, with a particular focus on the realm of their sexuality. In light of an increasingly comprehensive sexual education, it is imperative to empower young people with resources. These conclusions can serve as a challenge for improvements in education, awareness, and policies aimed at promoting healthy sexuality and the well-being of young individuals.

Keywords: youth, identity, sexuality, self-representation, online social networks, sexual education, online safety, online communication.

Índice

Capítulo I – Introdução	1
Capítulo II – Sexualidade nos jovens e o online	3
2.1. O desenvolvimento da sexualidade.....	3
2.2. Representações sociais e a sexualidade dentro e fora do ciberespaço	5
2.3. Género e sexualidade nas redes sociais online.....	7
2.4. Adolescência, relacionamentos e sexualidade nas redes sociais online	9
2.5. Os riscos oriundos das redes sociais online	11
2.6. Intimidade, privacidade e anonimato.....	12
Capítulo III - Desenho de pesquisa, metodologia e técnicas de recolha de informação	15
3.1. Problema de pesquisa e objetivos.....	15
3.1.1. Questões de partida.....	15
3.1.2. Objetivos da pesquisa.....	15
3.2. Plano de investigação e métodos.....	16
3.2.1. Conceptualização e operacionalização	16
3.3. Desenho da pesquisa	17
3.3.1. Estratégia metodológica	17
3.3.2. Caso analisado	18
3.3.3. Métodos e técnicas de recolha de dados.....	18
3.3.4. Métodos e técnicas de análise de dados	20
Capítulo IV – Apresentação e análise dos dados.....	21
4.1. Caracterização sociodemográfica da amostra inquirida	21
4.2. Experiência sexual: Práticas.....	21
4.3. Experiência sexual: Atitudes.....	24
4.4. Experiência sexual: Discursos.....	26
4.5. Redes sociais online: Acesso	28
4.6. Redes sociais online: Utilização	29
4.7. Saúde: Comportamentos online de risco	34
Capítulo V – Notas conclusivas.....	39
Referências bibliográficas	43
ANEXO A – Guião de entrevista	49
ANEXO B – Guião de inquérito.....	53
ANEXO C – Resultados do inquérito	65

Índice de quadros e figuras

Quadro 3.1. Quadro dos conceitos, dimensões e indicadores	17
Quadro 4.1. Quadro da caracterização sociodemográfica da amostra inquirida.....	21

Glossário de siglas

APF – Associação para o planeamento da família.

DST – Doenças sexualmente transmissíveis.

EPC – Educação para a cidadania.

OSA – Atividades sexuais online.

RSO – Redes sociais online.

Capítulo I – Introdução

A sexualidade, segundo Martins (2003), é experimentada de inúmeras formas e feitios, tendo frequentemente como delimitação a essa "experiência" os "condicionamentos sociais e culturais" impostos num determinado tempo e lugar, como salienta Vilar (2003), as ditas "regras morais, culturais e sociais". Assim sendo, as práticas sexuais seguem ao ritmo do que é aceitável em cada sociedade, sofrendo alterações e atualizando a conduta imposta com o passar dos tempos. (Queiroz, 2019)

De acordo com Silva (2010), o que indica os valores e atitudes demonstrados por cada indivíduo é a predisposição que este possui para os vários tipos de afetividade, o que acaba por influenciar as decisões que se tomam e os relacionamentos com os outros. As chamadas redes sociais, que de acordo com Aboim (2011, p. 209), tendem a reger as "orientações normativas dos indivíduos relativamente à moral sexual, como os seus comportamentos sexuais". A adolescência, como enuncia Eisenstein (2013), é fase do ciclo da vida de um indivíduo onde o desenvolvimento da sexualidade é mais acentuado: ocorrem transformações no corpo (físico) e nos comportamentos (psicológico); iniciam-se os relacionamentos socio-afetivos (namoro, sexo, etc.).

"A socialização e a sexualização são interdependentes durante este período e passam por processos cerebrais, mentais e neuro-hormonais que se expressam nos desejos, buscas, dúvidas, ansiedades, intimidades, medos, vacilos, incertezas e muitas encruzilhadas, confrontos e riscos na escolha das opções sexuais." (Eisenstein, 2013, p. 63-64)

Como afirma Griffiths (2012), a constante comunicação via internet traduz uma maior exploração da sexualidade humana sem padrões comedidos notórios, frequentemente alienada de controlo parental (Livingstone, Bober e Helsper, 2005). Exemplo disso é o aproveitamento das RSO, por grande parte dos adolescentes, para a realização de OSA.

Iniciaremos a presente investigação académica com uma breve contextualização da literatura acerca dos seguintes temas em estudo: (1) desenvolvimento sexual da criança / adolescente; (2) representações sociais e a sexualidade no ciberespaço; (3) género e sexualidade online; (4) adolescência e relacionamentos nas RSO; (5) os riscos de ordem física e mental oriundos das RSO; (6) intimidade, privacidade e anonimato online.

Pois bem, as questões a que pretendemos responder advêm da comunicação nas redes sociais online por parte dos jovens em Lisboa, procuramos identificar, interpretar e aprofundar as formas de influência dessa comunicação na construção / desenvolvimento da sexualidade desses jovens. Por via das práticas, atitudes, discursos, isto é a sua experiência sexual. Por meio das formas de acesso e utilização das redes sociais online. E também entendendo como se caracterizam os comportamentos online de risco e o seu impacto na saúde destes jovens.

Na segunda parte, é anunciada a metodologia de investigação empregue. A começar pelas entrevistas realizadas a dois organismos que trabalham os temas em estudo com os jovens, onde o objetivo passou por enquadrar a ação dos mesmos na educação sexual dos jovens e na estruturação destes para as vicissitudes presentes no online. Posteriormente, explicamos o questionário online realizado a jovens entre os 16 e os 18 anos residentes no distrito de Lisboa, de resposta tendencialmente fechada, mas com abertura em algumas perguntas para uma maior perceção da realidade.

Na terceira parte faremos uma análise quantitativa e qualitativa dos resultados que será a base das conclusões apresentadas no final.

Capítulo II – Sexualidade nos jovens e o online

2.1. O desenvolvimento da sexualidade

Como afirma Bia (2008), a noção de sexualidade tem vindo a sofrer constantes alterações desde dos primórdios da humanidade.

“As lógicas de experimentação sexual e o elogio do prazer erótico associam-se integralmente a processos históricos de individualização social, que progressivamente substituíram a ética institucionalista orientada para a procriação por outra, mais hedonista e centrada no indivíduo.” (Aboim, 2011, p. 209)

Com o declínio do poder religioso nas sociedades ocidentais, a noção supramencionada é orientada e emendada à luz da evolução da medicina. Essa orientação pela ciência originou contributos vários, como por exemplo a criação e a democratização dos métodos contraceptivos, o que conferiu um maior grau de segurança às distintas práticas sexuais; a transfiguração do papel social e profissional da mulher, fomentando a igualdade entre géneros (Baptista, 2004).

“A afetividade e as emoções constituem uma dimensão central do ser humano, determinante para o estabelecimento das relações interpessoais essenciais à vida em sociedade.” (Sequeira, 2011, p. 9)

Na ótica de Damásio (2000), a tomada de decisões deriva da articulação entre “emoção e cognição”, pela ciência apelidada de “marcadores somáticos” que se caracterizam pelo “registo que o nosso cérebro fez das experiências positivas e negativas”. As emoções, para Eisenstein (2013), são produzidas no cérebro do indivíduo por via da correlação corporal, em outros termos são perceções e sensações que seguem via neurotransmissores para o cérebro.

Para Goleman, Boyatzis e Mckee (2007), a teoria da inteligência emocional explica em cinco etapas correlacionadas como as emoções regem (positivamente ou negativamente) o pensamento e as decisões:

1. “Autoconhecimento emocional, autoconsciência e autoconfiança, consiste na perceção que cada pessoa tem de si própria e dos seus sentimentos;
2. Controlo emocional e capacidade de gerir os sentimentos, é a capacidade de autorregulação dos sentimentos e comportamentos;
3. Automotivação, relacionada com os fatores intrínsecos de resiliência e de resolução dos problemas do quotidiano;
4. Empatia, a capacidade de se relacionar com os outros respeitando, antecipando e percebendo os seus sentimentos e emoções;

5. Aptidão social determina as relações interpessoais, isto é, o relacionamento do indivíduo com o grupo e a qualidade das relações estabelecidas entre o sujeito e os elementos do grupo como um todo.”

(Goleman, Boyatzis e Mckee, 2007)

Na linha de pensamento de Goleman (2000), a referida teoria auxilia a compreensão individual e coletiva dos sentimentos, apontando para o equilíbrio na convivência em sociedade a partir da gestão eficaz das emoções.

O mesmo autor (1997) indica que a fase da puberdade é crucial para a progressão da inteligência emocional, por se tratar de um período de mudanças abruptas no funcionamento biológico e cerebral. O que conduz o adolescente a abordagens distintas dos seus pares e na interação com as “diferenças de gênero”. (Machado, Veríssimo e Peixoto, 2006)

Em suma, existem diversas fases no desenvolvimento da sexualidade na adolescência, sem ordem ou idade de surgimento, a saber:

- Começo do interesse sexual - aparecimento da menarca (menstruação) e semenarca (ejaculação); emoções variadas como algumas fantasias e devaneios; autoestímulo sexual.
- Experimentação sexual - relacionamentos amorosos com outrem; treino da imagem social própria e dos comportamentos de sedução.
- Escolha do parceiro sexual - relações mais prolongadas e com uma maior consciência do cuidado afetivo mútuo; maior aceitação da sexualidade; aperfeiçoamento dos aspetos íntimos de sua feminilidade / masculinidade, o que leva a uma maior autoestima e afirmação da identidade sexual.

(Eisenstein, 2013)

Posto isto, é importante destacar a relação entre as emoções e as relações "afetivo-sexuais". Citando Lopes (2008), as relações "afetivo-sexuais" estão repletas de emoções relacionadas com “o amor romântico, a assertividade, a empatia, o apoio emocional e a sexualidade”.

Como Eisenstein (2013) afirma:

“Os impulsos da sexualidade são marcados por limites sociais que muitas vezes desafiam os riscos da impulsividade e da liberdade, assim como as regras de proteção, códigos morais e éticos, que operam tanto subjetivamente como na dimensão social.” (Eisenstein, 2013, p. 64)

Para a International Planned Parenthood Federation (IPPF), a sexualidade pode ser entendida atualmente como:

“Um conceito em constante evolução que engloba a atividade sexual, identidades de género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é constituída através da interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais.” (Declaração dos Direitos Sexuais, IPPF, 2009, p. 11)

Deste modo, Puerto (2009) e Gomes (2009) apontam para a importância da sexualidade no crescimento psicológico e físico de cada um, bem como contribui para o equilíbrio psicoemocional. A mesma é crucial para a construção da identidade cultural dos grupos sociais, pois possui uma importância extrema para “a continuidade evolutiva e o poder reprodutivo, além da busca do prazer do corpo, da imaginação e das fantasias”. (Eisenstein, 2013) Pereira e Leal (2005) acrescentam que para além das características que definem a sexualidade, cada pessoa deve orientar-se pela sua identidade sexual para viver uma sexualidade em pleno.

2.2. Representações sociais e a sexualidade dentro e fora do ciberespaço

Para melhor entendermos as representações sociais, Berger e Luckmann (1973) argumentam que, desde dos primórdios da humanidade existiu a vontade de significar as coisas, conferindo-lhes sentido(s). Esses significados e sentidos são alicerçados num sistema de símbolos dando origem a um “universo simbólico.” Os mesmos autores (1973) constataam que qualquer sociedade ou grupo contém um universo simbólico, que auxilia e orienta os indivíduos no seu quotidiano por via de atributos / preceitos culturais, assim como arquiteta as esferas morais, religiosas, filosóficas, entre as demais.

Cada “universo simbólico” é alimentado por meio da partilha feita entre constituintes de um “grupo social”, só assim se estabelecem “representações coletivas” para cada “campo social”, configurando uma perspetiva sobre o mundo relativamente semelhante numa sociedade. Ao assomar-se uma ou mais leituras, por via da ação social, distintas das pré-existentes num “universo simbólico”, uma nova realidade tenta-se efetivar, podendo representar uma ameaça para esse universo prevalecente. (Berger e Luckmann, 1973)

Atualmente, na ótica de Santos et al. (2021), o smartphone é o instrumento primordial dos adolescentes para a permanente conexão ao ciberespaço. A partir dele é possível executar infinitas ações com significado na vida virtual e na não virtual. O domínio da sexualidade não fica de fora, o ambiente online propicia entre utilizadores, o conhecimento e a expressão de várias sexualidades, sem ainda se perceber concretamente os encadeamentos provocados nos “comportamentos sociais e sexuais dos adolescentes.” (Santos et al., 2021)

“As representações sociais são uma construção sociocultural cujos conteúdos são influenciados pelos processos emergentes na sociedade moderna, que influenciam a

realidade, os pensamentos e atitudes.” (Santos et al., 2021, p. 2, como citado em Moscovici, 2012).

Na ótica de Sá (2002) podem ser definidas por via do trato interpessoal cotidiano, onde se manifesta um combo de noções, argumentos e elucidações que as formulam.

A estrutura das representações sociais configura-se ao longo das dimensões da informação que organiza o conhecimento, do campo de representação que remete à ideia de imagem ou conteúdo concreto acerca de um aspeto preciso do objeto de representação, e da atitude que, por sua vez, focaliza a orientação global em relação ao objeto de representação social.

Toda representação está organizada em torno de um núcleo central que é o seu elemento fundamental e é ele quem determina a sua significação e a sua organização. O núcleo central tem a função de criar um significado, atribuir sentido e valor aos elementos constitutivos da representação, além disso, unifica e estabiliza a representação por ser considerado como a parte mais estável, com menores possibilidades de mudanças (Sá, 2002).

Como realça Marques e Teixeira (2012), os media na contemporaneidade detêm um papel fulcral “nos processos de socialização e de construção das identidades juvenis”, sobretudo pela avultada quantidade de tempo que ocupam na vida dos adolescentes e pelos efeitos psicossociais que dessa mutualidade advêm. Em primeira instância através do “currículo cultural que envolve um conhecimento organizado em torno de relações de poder, de regulação e controle que se concretizam na vida quotidiana. Esse repertório de significados está na base da construção de identidades hegemónicas, ensinando modos de ser mulher e de ser homem, formas de feminilidade e de masculinidade.” (Marques e Teixeira, 2012, p. 15, como citado em Sabat, 2001).

Importa perceber que as mensagens que os media transmitem, ganham significado e moldam a identidade dos mais jovens. Em segunda instância através da “pedagogia cultural que concerne qualquer instituição ou dispositivo que, tal como a escola, esteja envolvido no processo de transmissão de atitudes e valores, dando como exemplos o cinema, a televisão, as revistas e os museus, etc. Neste quadro teórico, currículo escolar e currículo cultural participam nos jogos de poder pela supremacia simbólica em torno da significação sobre o mundo. Convergentes ou divergentes, explícitos ou ocultos, formais ou informais, as leituras do real que esses currículos supõem ajudam à inunção de regimes de verdade.” (Marques e Teixeira, 2012, p. 15-16, como citado em Silva, 2000).

De acordo com Turner et al. (1987), a “autoperceção” altera-se mediante a “identidade pessoal” (perceção de si próprio) e da “identidade social” (perceção de si como parte de um grupo), isto significa que os indivíduos oscilam e “categorizam-se” em torno destas identidades consoante a circunstância. Se ocorrer uma autocategorização mais social, dá-se

uma “despersonalização”, ou seja, “as características pessoais desempenham um papel menos importante nas relações intergrupais.” (Turner et al., 1987)

Atendendo à teoria da autocategorização, em harmonia com Turner et al. (1987), um grupo só é grupo se na sua autodefinição pertencer a “uma categoria social produzida pelo processo de categorização” e se existirem igualmente outros grupos. A título de exemplo, acompanhando o raciocínio de Turner et al. (1987), todo o indivíduo inserido numa sociedade concebe representações sociais, entendendo de grosso modo como é feita a organização social. Tendo em conta esse entendimento, o sujeito “auto posiciona-se” e forma “redes relacionais” onde modifica e aprimora as suas diferentes “representações sociais”. (Turner et al., 1987)

2.3. Género e sexualidade nas redes sociais online

Na perspetiva de Marwick (2013), o conhecimento comum e científico sobre os conceitos “sexo”, “género” e “sexualidade” revela-se o “motor” para o funcionamento social de género. Para muitos são tidos erradamente como compreensões semelhantes, por conseguinte interessa especificá-las:

- Sexo – Condição biológica que socialmente designamos como binária (homem e mulher), apesar da sua complexidade. Segundo Fausto-Sterling (2000), como o entendimento do sexo advém da compreensão social de género, este é tradicionalmente abordado como binário, ocupando o “hermafroditismo” um lugar liminar de difícil compreensão. West e Zimmerman (1987) reiteram que o sexo enquanto construção social, assume-se como variável, o que pode perturbar a ordem social enraizada, uma vez que presumimos, enquanto sociedade, que um nato seja “homem” ou “mulher”.
- Género – Consciência social do sexo enquanto “experiência” e “comportamento”. Convencionalmente, conforme Marwick (2013) expressa, conjeturamos enquanto sociedade, que alguém que nasce com órgãos masculinos vincule um género masculino e o mesmo de quem nasce com órgãos femininos. “Podemos entender o género como um conjunto de normas socioculturalmente específicas que são mapeadas numa categoria de sexo”. (Kessler e McKenna, 1978; Lorber, 1994) Essas “normas”, imensamente consolidadas, são replicadas e enfatizadas inúmeras vezes: “pelos media e pela cultura popular” (Gauntlett, 2008; Van Zoonen, 1994); “pela família, escolas, grupos de pares e estados-nação” (Goffman, 1977); “por via de canções, ditos, ensinamentos, gírias, linguagem, moda e discurso”. (Cameron, 1998; Cameron e Kulick, 2003). Assim, podemos considerar, tendo em consideração a ótica de Butler (1990), que o género, ao ser arquitetado por infindas ações humanas é essencialmente “performativo”.

Historicamente, o gênero imputa-se como um “sistema de classificação” onde o “masculino” é o gênero mais enaltecido. Exemplo disso, de acordo Goffman (1977), são as hierarquias que ao longo dos tempos elegeram os símbolos (experiências) masculinos face aos femininos. Ao passo que os primeiros são comumente vistos como os “normais” ou dentro da regra (naturais) e os segundos como “variações da norma” (desviantes), em prol do clássico “processo de estabelecer e manter as normas sociais”. (Marwick, 2013) Consequentemente, verifica-se que a “violência, a discriminação e o ódio contra os transgêneros, pessoas que vivenciam a desconexão entre seu sexo biológico e o seu gênero”, é originada pelos medos sociais, pela desconstrução dos juízos encarados como “biológicos ou naturais” (Stryker, 2006).

- Sexualidade – Segundo Marwick (2013), caracteriza-se por ser uma manifestação própria e discernida do desejo. Configurasse como uma característica espontânea, podendo assumir diversas formas de orientação: heterossexualidade (atração entre gêneros opostos), homossexualidade (atração entre gêneros iguais), bissexualidade (atração entre um ou mais gêneros), pansexualidade (atração entre indiferente ao gênero), entre as restantes.

Na ótica de Burgess et. al. (2016), a internet veio transformar radicalmente sexualidades e culturas sexuais. A interligação entre indivíduos com identidades sexuais distintas permitiu:

- Uma maior rede de apoio e sociabilidade. (Cooper e Dzara, 2010; Correll, 1995)
- “O emaranhado de encarnações físicas e mediadas digitalmente da sexualidade”. (Campbell, 2004; Mowlabocus, 2010)
- Discussões e reflexões acerca do papel dos media digitais na representação da heteronormatividade. (Light, Fletcher e Adam, 2008)
- “Explorar os próprios desejos sexuais e refletir criticamente sobre as experiências associadas a eles”. (Döring, 2000)

Para Burgess et. al. (2016), a incessante reconstrução de gênero online, e por consequência na sociedade, dá-se não só por via dos fatores supramencionados, mas também através da estrutura determinada pelos proprietários de plataformas online. São eles quem decidem como o software é “programado e categorizado de maneiras específicas para ajudar empreendimentos comerciais.” (Burgess et. al., 2016) Essa programação do software não é regida por uma matriz comum a outras plataformas, cada RSO (redes sociais online) avalia internamente e decide o que programa e em função disso, incorpora ou não, opções representativas da sociedade em que se encontra inserida.

“Em vez de presumir que essas tecnologias são neutras em termos de gênero, os estudos têm demonstrado que as tecnologias da informação podem perpetuar normas de masculinidade, negócios e engenharia.” (Hofmann, 1999; Kendall, 2002, p. 60)

2.4. Adolescência, relacionamentos e sexualidade nas redes sociais online

Segundo Eleuteri et. al. (2017), as RSO (Redes Sociais Online) são constituídas pelo conjunto de meios de comunicação online que estão destinados à recepção, interação e partilha de diversos conteúdos entre indivíduos e as suas comunidades. Atualmente assumem um lugar de destaque na sociedade por permitirem uma conexão, comunicação e socialização sem limites físicos e em tempo real. Para os adolescentes estes mecanismos comunicacionais são especialmente relevantes na medida em que afetam a construção da identidade e autoexpressão de cada um, em conformidade com a comunicação face a face. (Eleuteri et. al., 2017) Como revela o estudo de Vinti et. al. (2016), os adolescentes inquiridos dizem estar mais satisfeitos em relações que surgiram em contexto offline.

Seguindo a linha de pensamento de Knop et al. (2016), os adolescentes consideram que a comunicação via chamada telefónica e face a face contribui para relações interpessoais mais próximas, em contraste com a comunicação realizada por mensagens instantâneas onde se nota um maior número de limitações. Na fase de adolescência dá-se o desenvolvimento da identidade adulta, da sexualidade, do físico e da consciência moral de cada indivíduo.

Para Kroger (2000), a construção da identidade é despoletada pela interpretação individual do contexto e por outros agentes reguladores que sustentam a composição de uma identidade saudável. “O cérebro adolescente desenvolve-se utilizando as seguintes estratégias: tomada de decisão, reações emocionais e sociais e exploração da identidade.” (Steinberg, 2008, p. 355)

A explicação neurobiológica para as oscilações comportamentais associadas à adolescência passa por: “Um aumento de atividade cerebral nas regiões pré-frontais como indicação de maturação.” (Rubia et al., 2000, 2006; Tamm, Menon e Reiss, 2002) “Atividade diminuída em regiões cerebrais irrelevantes.” (Brown et al., 2005; Durston et al., 2006; Monk et al., 2003)

À semelhança das redes sociais, as que se encontram no espaço virtual / online persuadem o adolescente nas suas tomadas de decisão por permitirem uma comunicação despojada com os seus pares a qualquer hora, o que leva frequentemente à apresentação de “perfis cuidadosamente moldados que projetam imagens perfeitas” (Eleuteri et. al., 2017), o que na ótica de Goffman (1993), podem ser apelidados de perfis de “fachada”. Uma performance que o indivíduo quer transparecer, muito controlada e ideal, que se encontra predefinida para o seu “público” (quem vê).

Segundo a teoria de Goffman (1993), o sujeito comum pondera que representação / impressão quer transmitir aos outros quando estes vão, por exemplo, visualizar a sua página de perfil numa RSO. Caso o sujeito seja desconhecido para quem assiste a esse perfil, os elementos principais notados vão ser a sua “conduta e aparência”, para que possam aproximá-lo a traços semelhantes de pessoas já por si conhecidas e conferir-lhe “estereótipos não comprovados”. Isto acontece porque “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar.” (Goffman, 1993)

Um exemplo gritante da forma como os indivíduos se apresentam online são as “selfies”. Na ótica de Eleuteri et. al. (2017), podemos identificar “selfies” como autorretratos, mas com características próprias:

- Partilha via internet imediata / em tempo real.
- Publicação online e / ou envio por mensagem instantânea.
- Quando publicadas contam com um determinado número de gostos, comentários e seguidores, o que se traduz em “engagement” (interação com a publicação) que interfere na experiência online e no sentimento de autoeficácia e autoestima do adolescente.
- Convergência da identidade com a reputação. Isto é, graças à progressiva parecença do mundo virtual com o real, é hoje muito mais fácil estabelecer relacionamentos e conexões online com o mesmo grau de realismo dos relacionamentos e conexões offline. (Hertlein e Blumer, 2013)
- Múltiplos “autorretratos” que geram a sensação coletiva de inclusão e presença no mundo. (Allen, 2015)

Segundo o estudo de Braun-Courville e Rojas (2009), é perceptível a utilização massiva das RSO, por parte dos adolescentes, para o consumo de material sexual diverso e para a comunicação de índole sexual:

“Enquanto as OSA podem ser vistas como um meio de exploração sexual, importante e saudável no contexto do desenvolvimento do adolescente, tais atividades também podem ser categorizadas como comportamentos de risco, desencadeando consequências e experiências negativas.” (Baumgartner, Valkenburg e Peter, 2010; Tripodi et. al., 2015, p. 356)

De modo a atestar a correlação entre adolescentes e sexualidade online, um grande número de adolescentes declarou que a sua primeira experiência sexual aconteceu por meio de um ambiente online. (Gravningen et al. 2016; Braun-Courville e Rojas, 2009).

2.5. Os riscos oriundos das redes sociais online

Sfoggia e Kowacs (2014), realçam que a chegada da internet mudou radicalmente o modo como comunicamos com o mundo, criando um espaço virtual social repleto de vicissitudes e “regras próprias”. Através da sociabilização online os utilizadores concebem “deliberada e inadvertidamente artefactos e dados pessoais que são persistentes, facilmente replicáveis e, por vezes, pesquisáveis.” (Boyd, 2008)

Os jovens são os que mais e melhor adotaram esta e outras tecnologias, o que representa um “espaço fundamental” nas suas vidas, conseqüentemente, representa um mecanismo moldador da sua identidade adulta (Sfoggia e Kowacs, 2014).

Para Vogt e Knapman (2008), são causas pessoais e privadas que justificam a enorme implicação das pessoas com as RSO. “Podem-se agrupar em cinco motivadores-chave: a necessidade de reconhecimento, de sentir-se criativo, a necessidade de pertencer, de fazer novas descobertas, explorar ou ter novas experiências, e finalmente a necessidade de sexo.” (Sfoggia e Kowacs, 2014, p. 7, como citado em Vogt e Knapman, 2008)

É notória a procura por experiências sexuais diversas na internet, e, como realça Eisenstein (2013), os media sociais são uma porta para a descoberta da sexualidade de cada um, onde “tudo” é possível e onde a maioria dos comportamentos sexuais online revelam-se pansexuais. “No isolamento e no anonimato do seu computador, o adolescente inicia o seu conhecimento sexual e os seus relacionamentos com as informações obtidas livremente de outras pessoas de todos os tipos e idades, porém cuja identidade real é desconhecida.” (Eisenstein, 2013, p. 64). É nesta descoberta que muitas vezes, sem se aperceber, o jovem cai em “armadilhas” e torna-se vítima de comportamentos (riscos / crimes) praticados online, os mais comuns na perspectiva de Eisenstein (2013) e Sfoggia e Kowacs (2014) são:

- Cyberbullying - reprodução do bullying no digital, ou seja, comportamentos que manifestam “mensagens hostis, agressivas, cheias de ódio ou ameaçadoras, com conteúdos sexuais associados ou não”; caracteriza-se frequentemente por assédio sexual online e conteúdos de violência, intolerância social e ignorância cultural contra minorias; pode refletir-se no cibersexo: “sexo virtual como substituto do sexo real”. Para Branch, Rosick, Johnson e Solano (2017), na contemporaneidade, verifica-se um acréscimo de condutas singulares de cariz agressivo e sexualmente violento. Alguns exemplos: “pornografia de vingança, cyberstalking, coerção sexual e aliciamento”.
- Sexting – partilha / receção de conteúdos (textos, imagens) curtos, simples e diretos de cariz sexual / erótico (sobretudo via smartphone); caracteriza-se frequentemente por material audiovisual sexual inapropriado, muitas vezes tido como pornografia, que invade a privacidade, despoletando a vitimização e coerção. Na ótica de Hasinoff (2013), esta prática é comumente considerada como uma “crise tecnológica, sexual e moral”. Nos EUA, todas as formas de sexting são ilegais, desconsiderando a sua

utilização sexual íntima consensual em contexto legal que engloba também fins benéficos. (Slane, 2010) Os media ao resumirem a sua conceção do sexting a fatores sensacionalistas de vitimização online propicia a criação de políticas públicas que “não abordam as formas mais prováveis de danos sexuais a menores”. (Wolak et al., 2008) Na ótica de Hasinoff (2013), “para reconhecer com precisão comportamentos não consensuais, prejudiciais e maliciosos, é um pré-requisito entender que o sexting pode ser consensual”. Para a mesma autora (2013), uma das soluções para suprimir o sexting abusivo seria direcionar as suas campanhas de combate para a não disseminação de conteúdos sem autorização, ao invés de incentivar jovens a não produzir / criar os mesmos.

- Grooming - abordagem manipulativa e sedutora do agressor com o intuito de ganhar confiança com a vítima, estabelecendo uma “dependência emocional” para depois “iniciar um relacionamento de cunho sexual com uma criança ou adolescente”; precede normalmente o abuso / exploração sexual.
- Abuso / exploração sexual - “representa a violação do direito humano fundamental ao desenvolvimento de uma sexualidade saudável e ameaça a integridade física e psicossocial”; caracteriza-se fundamentalmente pela exploração sexual comercial online de menores sem o consentimento prévio e / ou mútuo. Segundo Miller-Perril e Wurtele (2016), existe um número demasiado avultado de crianças que são dispostas à mercê de redes de “prostituição, pornografia e turismo sexual”.

Como defende Sfoggia e Kowacs (2014), torna-se fundamental a adoção por parte dos adolescentes de estratégias e ferramentas para a utilização da web e para a minimização de riscos, para que se possam defender. Entre elas: “a alteração de senhas ou dos perfis de identidade online em RSO com relativa frequência; não publicar fotos pessoais; executar configurações de privacidade seguras e anónimas nas RSO”. (Van den Eijnden et al., 2008)

2.6. Intimidade, privacidade e anonimato

Segundo Ross (2005) um dos riscos oriundos da comunicação realizada via internet é a devassa da intimidade e privacidade. O físico e o emocional nunca sofreram tantas alterações e camuflagens como na atual era digital, de acordo com Sfoggia e Kowacs (2014), a comunicação virtual possui uma enorme capacidade para que os medos com a aparência física e com as características psicológicas possam ser mascarados e / ou ocultados, fazendo com que a outra parte da comunicação (outra pessoa) pense que está a interagir com o perfil que foi construído (falso), quando na verdade está a interagir com uma pessoa totalmente diferente (real), isto é:

“O símbolo pode suplantar a realidade, quando se decide o que se quer mostrar e o que não será revelado. Ultrapassa-se e liberta-se o corpo da feiura e da beleza, existe essa liberdade. Quando um anónimo interage e reage com as fantasias de outro, torna-as mais reais.” (Sfoggia e Kowacs, 2014)

Seguindo a linha de pensamento de Sfoggia e Kowacs (2014), a privacidade online é vista pelos mais jovens como o partilhar das suas informações pessoais somente com os mais próximos, ou seja, se os amigos utilizam certos sites ou RSO e não arrecadam problemas de maior, significa que esse espaço online é confiável. Mas como afirma Eleuteri et. al. (2017), a tendência tem sido para que cada vez mais se suprimam fronteiras entre indivíduos no que à privacidade concerne e tal não é sinónimo de relações mais íntimas e profundas, verificando-se justamente o oposto.

É neste segmento que surgem os intitulados “predadores sexuais online”. Na ótica de Hasinoff (2013), desde o início das RSO que existe “uma preocupação generalizada de que os chamados predadores online tenham como alvo menores, principalmente meninas, que aparecem em espaços públicos online.” (Hasinoff, 2013) Ao conseguirem mascarar uma identidade que não é a deles, convencem adolescentes ingénuos a marcar encontros presenciais. (Marwick, 2008; Shade, 2007; Thiel-Stern, 2009)

O outro lado da moeda no que ao anonimato diz respeito é, como defende Hasinoff (2013), reconhecer que o facto dos indivíduos anónimos estarem distanciados, quer fisicamente, quer pelo relativo anonimato, faz com que determinados adolescentes em situações delicadas (exemplo dos jovens marginalizados e queer) possam encontrar nessas figuras anónimas um escape para os “estigmas e restrições” a que estão sujeitos no seu dia a dia. Como refere o estudo de Thurlow e Bell (2009):

“Reclama uma fonte potencial de apoio social e um poderoso recurso de identidade para vários grupos marginalizados, incluindo aqueles que enfrentam barreiras culturais, económicas e políticas nas suas comunidades de origem”. (Thurlow e Bell, 2009, p. 1045)

Como relata Shade (2007), já nos anos 2000 as recomendações de segurança para o combate à predação sexual online passavam por consciencializar as jovens a omitir as informações de género e idade no ciberespaço, como também não estabelecer comunicação com estranhos. Para o domínio da produção de media tais recomendações inibiam as jovens adolescentes de produzir conteúdo digital da sua autoria, uma vez que eram vistas, segundo as recomendações de segurança online, como irresponsáveis só por se constituírem como jovens e femininas. (Hasinoff, 2013) Por outras palavras, o problema não se concentrava nas

falhas de segurança das RSO em relação ao comportamento dos predadores, mas sim na forma como as jovens se apresentavam online.

Em conformidade com Draper (2012), as inquietações sociais sobre a produção de imagens sexuais por parte dos adolescentes centram-se no género feminino. Para Goldstein (2009) e Thiel-Stern (2009), o conteúdo sexual online produzido por raparigas é visto como irresponsável e descontrolado. Já o comportamento sexual online dos rapazes é frequentemente entendido como apenas o consumo de material sexual (pornografia) e não tanto criação de conteúdo sexual online. (Hasinoff, 2013) Como sugere o seguinte excerto:

“Não existe um discurso paralelo generalizado de que a tecnologia faz com que os rapazes criem imagens sexuais ou sejam 'provocativos'. Ser sexualmente inibido não é esperado ou desejado no género masculino e aceder pornografia online geralmente é visto como norma.” (Hasinoff, 2013)

De acordo com Eleuteri et. al. (2017), o sexting pode ser abordado de distintas formas, contendo uma conotação prejudicial, bem como uma componente construtivista. Importa agora aprofundar esta última abordagem para complementar o entendimento sobre esta prática. Assume-se igualmente como uma atividade inscrita na modernidade, pela qual os adolescentes têm potencial de experimentar a sua identidade, sobretudo a sexual. Para exemplificar, citando Hasinoff (2013):

“(…) um adolescente que opta por enviar, com consentimento, imagens sexualmente explícitas a um colega está envolvido numa atividade muito diferente do que alguém que distribui uma imagem privada com intenções maliciosas ou coage outra pessoa a produzir uma imagem explícita.” (Hasinoff, 2013, p. 450)

Isto implica, na linha de pensamento de Albury e Crawford (2012), uma maior consciência por parte dos adolescentes a respeito da ética necessária à prática do sexting, alicerçada no consentimento, no respeito e nos direitos individuais e coletivos.

Capítulo III - Desenho de pesquisa, metodologia e técnicas de recolha de informação

3.1. Problema de pesquisa e objetivos

3.1.1. Questões de partida

Para dar início ao presente estudo foi necessário entender as noções (mais abrangentes) de sexualidade e de redes sociais online, e como estas se relacionam. A partir delas procurou-se afunilar a pesquisa, formulando sub-questões e hipóteses que pretenderam dar resposta aos objetivos traçados. Todos os projetos têm como base uma problemática, é partir desse ponto que o mesmo ganha sentido e progride. A primeira questão surge então dos conceitos supramencionados: *Qual a relação que se estabelece entre a comunicação nas redes sociais online e a construção da sexualidade à luz do contexto juvenil?*

Segundo Eisenstein (2013), podemos entender a sexualidade como um processo em evolução constante (ao longo de toda a vida), intimamente ligado ao desenvolvimento “biológico, psicológico e social”, que permite a reprodução da espécie e auxilia a constituição da personalidade de cada indivíduo, bem como a sua realização pessoal.

De acordo com o mesmo autor (2013), a chegada da revolução tecnológica despoletou acentuadas alterações nos padrões de comunicação e no relacionamento social, transformando igualmente o modo “como se aprende e manifesta a sexualidade”, sobretudo nas redes sociais online.

Posto isto, a segunda e a terceira questão tentaram deslindar a relação entre as noções supramencionadas, ao mesmo tempo que incorporam quais os grandes riscos na saúde mental e física do jovem que recorre às redes sociais online para compreender e manifestar o seu processo sexual: *Como é que o acesso e a utilização por parte dos jovens em Lisboa das redes sociais online influenciam o seu desenvolvimento sexual? Quais os principais riscos para a sua saúde física e mental?*

3.1.2. Objetivos da pesquisa

Na ótica de Guerra (2002), os objetivos gerais têm o dever de traçar diretrizes que em sintonia com a finalidade do estudo formulam o que se pretende trabalhar. Os objetivos gerais desta dissertação foram:

- Precisar as noções de comunicação nas redes sociais online e de sexualidade, bem como a sua inter-relação, à luz do contexto juvenil.
- Identificar, interpretar e aprofundar as formas de influência da comunicação nas redes sociais online na construção / desenvolvimento da sexualidade dos jovens em Lisboa.

3.2. Plano de investigação e métodos

3.2.1. Conceptualização e operacionalização

Tendo como base a problemática definida no capítulo III, importa realçar e definir os significados dos termos principais em estudo. Para tal, segundo Babbie (2021), é essencial recorrer ao processo de conceptualização, ou seja, estabelecer e especificar um conjunto de conceitos algo abstratos por meio da definição dos termos principais, conferindo-lhes determinados indicadores que auxiliam a sua compreensão. Para o mesmo autor (2006), um indicador atesta se um determinado conceito está ou não presente no estudo em causa.

De acordo com Bryman (2015), os conceitos auxiliam-nos na interpretação do “mundo social”, conferem-lhe sentido / significado. Melhor dizendo, fazem com que as teorias ganhem nexos e possam ser facilmente referenciadas na linguagem quotidiana. “São rótulos que damos a aspetos do mundo social que têm características comuns que nos parecem significativas.” (Bryman, 2015) Para Blaikie (2019), as estratégias de pesquisa diferem-se pela discrepância de perspetivas sobre as definições e a origem dos conceitos a estudar. Neste caso, tratando-se de uma dissertação assente numa estratégia metodológica dedutiva, cabe-me, enquanto responsável pela mesma, “selecionar os conceitos relevantes e defini-los antes do início da pesquisa.” (Blaikie, 2019)

Serão estudadas as práticas, atitudes e discursos sexuais presentes nas redes sociais online que influenciam a construção da sexualidade na faixa etária selecionada e que podem originar riscos para a saúde desses jovens, abordando os seguintes conceitos:

- Experiência sexual - Na ótica de Queiroz (2019), a sexualidade não pode ser vista apenas como um conjunto de práticas “penetrativas”, vai para além disso, englobando um leque variado de “práticas, atitudes e discursos sexuais” que representam distintas situações / experiências, conferindo-lhes significado.
- Redes sociais online - “O emergente envolvimento com as tecnologias usadas na comunicação parece ter um espaço fundamental nas vidas sociais dos jovens, tornando-se, portanto, uma ferramenta para a formação da identidade adulta.” (Sfoggia e Kowacs, 2014)
- Saúde - “A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.” (Referencial de Educação para a Saúde - Carvalho, 2017)

Para os conceitos supramencionados é necessário explicitar as suas dimensões e indicadores:

Quadro 3.1: Quadro dos conceitos, dimensões e indicadores

Conceitos:	Dimensões:	Indicadores (operacionalização):
Experiência sexual	Práticas	- quais práticas? como se caracterizam? principais repercussões?
Experiência sexual	Atitudes	- quais atitudes? como se caracterizam? principais repercussões?
Experiência sexual	Discursos	- quais discursos? como se caracterizam? principais repercussões?
Redes sociais online	Acesso	- quais redes? quem acede? como acede?
Redes sociais online	Utilização	- como é feita a sua utilização? porque utiliza?
Saúde	Comportamentos online de risco	- quais comportamentos? quais riscos? como se caracterizam? quem os pratica? como preveni-los? principais repercussões?

3.3. Desenho da pesquisa

3.3.1. Estratégia metodológica

Tendo em consideração a complexidade dos conceitos em estudo e da sua inter-relação, utilizou-se uma estratégia de métodos mistos na tentativa de enriquecer as conclusões vindouras. Como refere Creswell (2003), os métodos mistos são a evolução da metodologia de pesquisa, utilizam os “pontos fortes da pesquisa qualitativa e quantitativa”, que no presente caso será uma mais valia para a compreensão de fenómenos em estudo. Com os dados quantitativos recolhidos pretendeu-se “entender, explicar e / ou desenvolver os resultados da abordagem qualitativa”. Isto quer dizer que se obteve as informações pretendidas em fases.

A estratégia adotada foi a exploratória sequencial, com uma abordagem dedutiva, que segundo Creswell (2003), inclui uma primeira fase onde são recolhidos e analisados os dados qualitativos e uma segunda fase onde são recolhidos e analisados os dados quantitativos,

depois comparados com os resultados vindos da primeira fase (qualitativa), para auxiliar a sua compreensão / interpretação.

Primeiramente trabalhámos à luz do quadro teórico qualitativo a que nos propusemos, aliando dados suplementares oriundos das entrevistas semiestruturadas que realizámos a responsáveis dos seguintes organismos: *associação para o planeamento da família; educação para a cidadania*. O objetivo nesta fase foi explorar as dimensões e os indicadores mencionados no capítulo anterior com os participantes das entrevistas, tirando conclusões / entendimentos.

Na segunda fase, realizámos um inquérito por questionário a uma amostra representativa da população estudada (ver ponto 3.3.2), com o intuito de alargar o entendimento sobre o quadro teórico anterior, trazendo novos acrescentos às conclusões / entendimentos, comprovando fenómenos, teorias, hábitos e comportamentos relacionados com os possíveis efeitos na saúde (psicológica e mental) da comunicação das redes sociais online para o desenvolvimento / construção da sexualidade da amostra apurada.

3.3.2. Caso analisado

Os jovens são os que melhor adotaram a vinda das novas tecnologias, o que representa um “espaço fundamental” nas suas vidas, conseqüentemente, representa um mecanismo moldador da sua identidade adulta. (Sfoggia e Kowacs, 2014)

Sendo que a tecnologia associada ao online e aos espaços de partilha social tende a representar um grande peso na construção identitária dos adolescentes e jovens, considerámos relevante para o estudo do desenvolvimento da sexualidade mediada pelas redes sociais online a escolha dos jovens, entre os 16 e os 18 anos, residentes no distrito de Lisboa e que utilizam redes sociais online atualmente, para representar o caso investigado.

3.3.3. Métodos e técnicas de recolha de dados

Na recolha dos dados incluíram-se informações relevantes ao quadro teórico, dados secundários e documentais, que possibilitaram um entendimento mais profundo acerca das dimensões em estudo. Paralelamente, enquanto investigadores, segundo Bryman (2015), estabelecemos previamente o que era necessário conhecer e para isso projetaram-se instrumentos de pesquisa que implementam essa necessidade.

Como referido no ponto 3.3.1, em primeiro lugar realizámos duas entrevistas semiestruturadas aos organismos: *associação para o planeamento da família; educação para a cidadania*. Tendo como objetivo a obtenção de dados sobre as dimensões em estudo, reforçando-as e aprimorando-as. Citando Bryman (2015), este método de recolha de dados é utilizado para que os conceitos e teorias possam emergir dos dados, possibilitando alguma liberdade às respostas, o que origina um maior contributo para os dados recolhidos.

Elaboraram-se e-mails a convidar os referidos organismos a participar na investigação, onde se deu a conhecer o âmbito da dissertação e foi disponibilizada a revisão da literatura para o enquadramento da mesma.

A primeira entrevista foi realizada ao organismo *educação para a cidadania*, da competência da Direção-Geral da Educação, por via de um guião de entrevista realizado previamente, com as questões a responder (consultar Anexo A – Guião de entrevista). Obtivemos o retorno pelo Dr. José Carlos Sousa, diretor de serviços do organismo e pela Dra. Isabel Lopes, da direção de serviços de projetos educativos, em formato escrito com respostas a 11 perguntas das 33 que constam no guião da entrevista. A justificação dada para a não resposta à totalidade das questões foi por não deterem dados, nem nacionais, nem regionais (Lisboa), que permitissem responder às mesmas. Acrescentaram que as respostas dadas situaram-se no contexto do trabalho desenvolvido, pelo organismo, no âmbito do domínio da sexualidade.

A segunda entrevista foi realizada ao organismo *associação para o planeamento da família*, por recurso a um guião de entrevista realizado previamente, com as questões a responder (consultar Anexo A – Guião de entrevista). Obtivemos retorno da Dra. Paula Pinto, coordenadora do departamento de sexualidade pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, via videoconferência. Posteriormente as respostas foram transcritas e cruzadas com as questões em análise, tendo sido obtidas respostas a 18 perguntas das 33 que constam no guião da entrevista. A justificação dada para a não resposta à totalidade das questões foi por não deterem dados, nem nacionais, nem regionais (Lisboa), que permitissem responder às mesmas.

Seguidamente, foi construído um inquérito por questionário para ser respondido pelo máximo de jovens possível, com as características pretendidas (Anexo B – Guião de inquérito). Como Bryman (2015) afirma, o questionário engloba os tais instrumentos de pesquisa necessários para extrair informações valiosas e através das suas perguntas foi possível responder às questões que orientam o presente estudo. Foram consultados alguns questionários disponíveis online e adaptaram-se algumas questões segundo o mais adequado e eficaz para o tema e para os objetivos deste estudo.

Depois de desenvolvermos o guião do inquérito e de o passarmos para o Google Forms, por estarmos mais familiarizados com a plataforma, por ser de utilização gratuita e por preencher todas as necessidades do presente inquérito, realizámos um pré-teste com vários indivíduos, a fim de verificar se existiam erros ou inviabilidades. O feedback foi precioso para acrescentar o que estava em falta e ajustar o que se encontrava incorreto e verificaram-se alguns erros de interpretação e estrutura. Após esse processo, o inquérito foi colocado online. A divulgação foi feita: por intermédio de amigos e familiares, pedindo-lhes que partilhassem o inquérito com jovens dessa faixa etária e / ou com pessoas que conhecessem jovens dessas

idades; através dos contactos das redes sociais online e email pessoal para diversas entidades / pessoas que trabalham ou lidam com o público alvo em estudo; contactámos também docentes de algumas escolas secundárias e superiores com base em contactos pessoais. O inquérito esteve disponível para resposta de 18 de setembro a 8 de outubro de 2023 e no total obtiveram-se 85 respostas por parte do público-alvo.

O desafio do supramencionado foi retirar conclusões / entendimentos, comprovando fenómenos e teorias, bem como perceber as características sociodemográficas da amostra, perceber os seus comportamentos e hábitos, entender se existe dependência do online no que toca a estas matérias.

Em todo o processo a observação participante foi crucial no reconhecimento das dinâmicas da comunidade: como agem perante a exposição a temas sensíveis; quais as motivações para a responder a um inquérito deste cariz; qual a sua perceção deste tipo de abordagem / estudo.

3.3.4. Métodos e técnicas de análise de dados

Como refere Bardin (2000), para se proceder à análise dos dados qualitativos (entrevistas, notas de campo, artigos científicos, teses, etc.) é preciso, sistematicamente, valer-se de um “sistema de categorias teoricamente orientadas”. Isto é, um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / receção (variáveis inferidas) destas mensagens”. (Bardin, 2000, p.119)

A mesma autora (2000) salienta que na análise qualitativa interessa a regularidade com que certos aspetos dos dados aparecem, já na análise quantitativa importa a “presença / ausência de uma determinada característica”.

De acordo com Bryman (2015), a análise de dados é encarada como a “redução de dados”, em outras palavras, pretende restringir o grande volume de dados obtidos pelo investigador com o objetivo de compreender e adaptar esses mesmos dados.

Capítulo IV – Apresentação e análise dos dados

4.1. Caracterização sociodemográfica da amostra inquirida

Quadro 4.1: Quadro da caracterização sociodemográfica da amostra inquirida

Total de 85 inquiridos	Maioria	Outros
Idade	18 anos (58,8%)	17 anos (23,5%) 16 anos (17,6%)
Género	Masculino (68,2%)	Feminino (25,9%) Não-binário (4,7%)
Orientação sexual	Heterossexual (51,8%)	Homossexual (28,2%) Bissexual (15,3%)
Estudos concluídos	Ensino secundário (70,6%)	Ensino básico (29,4%)
Ano / grau escolar	12º ano (41,2%) Ensino superior (30,6%)	11º ano (18,8%) Não estuda (4,8%)
Agregado familiar	Vive com o(s) pai(s) (91,8%)	Vive com amigos ou outros familiares (5,9%)
Área de residência	Meio urbano (88,2%)	Meio rural (11,8%)
Nacionalidade	Portuguesa (81,2%)	Brasileira (9,4%) Angolana (2,4%)
Escala de bem-estar com corpo e aparência física	3º grau (37,6%) indiferente 4º grau (37,6%) bem	5º grau (11,8%) muito bem 2º grau (9,4%) mal

No total da amostra estudada foram inquiridos 85 jovens, na sua generalidade são de nacionalidade portuguesa, já atingiram a maioridade civil (18 anos), são do género masculino e possuem como orientação sexual a heterossexualidade. A maioria concluiu o ensino secundário e atualmente frequenta o 12º ano de escolaridade ou já ingressou no ensino superior. A quase totalidade dos inquiridos reside com o(s) pai(s) em zonas urbanas. Os gráficos que descrevem os restantes dados relativos à caracterização sociodemográfica da amostra inquirida podem ser consultados no Anexo C – Resultados do inquérito.

4.2. Experiência sexual: Práticas

Interessa perceber quais são as práticas sexuais tendencialmente mais comuns entre os jovens, por meio da resposta da representante da APF à questão nº1 do guião da entrevista e tendo como indicador que “práticas são e como se caracterizam”. A entrevistada refere que o trabalho que desenvolvem é a nível nacional e que é possível deduzir algumas práticas que são realizadas por jovens, através das questões feitas à associação. Refere que em primeira linha, em relações heterossexuais, verificam-se questões sobre a prática do coito. Uma vez que está associada a relações de risco, por gravidez involuntária e pela transmissão de DST,

tornando essa prática como uma das mais abrangentes. Posteriormente refere que existem algumas questões sobre práticas de sexo oral e sexo anal, em torno do contágio de DST, o que pode indicar a presença de práticas desse tipo. A tomada de decisões surge em prol da racionalidade e das emoções de cada um, interferindo no funcionamento biológico (estados de saúde). Para Halpern-Felsher, Baker e Stitzel (2016), essas tomadas de decisão tendem a assumir-se como comportamentos de risco à saúde.

Na questão nº 4 do guião de entrevista, o indicador visa perceber “quais as repercussões, na saúde sexual e emocional dos jovens, das práticas sexuais entre os jovens”. A entrevistada afirma que vai depender da preparação do jovem para se envolver num contexto de intimidade ou numa relação sexual. Através do inquérito realizado foi possível mensurar a autopercepção do conhecimento dos inquiridos sobre sexualidade humana e práticas seguras, 42,4% dos jovens considera-se razoavelmente informado e 36,5% julga ter bastante conhecimento, o que indica que a maioria dos inquiridos julga saber muito acerca de sexualidade humana e práticas seguras. A entrevistada reitera que é fundamental que o jovem esteja bem informado sobre o que vai fazer, dos cuidados a ter, que planifique e estruture a sua ação para que a sua experiência seja o mas positiva possível, de modo a evitar envolver-se numa situação para a qual não está preparado. Ou seja, saber quais são os seus limites e saber comunicá-los, para que se chegue a um consenso entre intervenientes e se estabeleça, nesse campo, uma relação de poder igualitária. Isto é, ingressar pela via do consentimento, do diálogo e da proteção para que o impacto emocional, psicológico e da sua saúde física esteja salvaguardado. Quando questionados se já tiveram acesso a informações sobre consentimento e relacionamentos saudáveis, 87,1% dos inquiridos responderam que sim. A entrevistada confere que por via da planificação e do conhecimento evitar-se-á situações de stress e de risco, aconselhando a antecipação das práticas sexuais. Desse modo, importa perceber com que frequência os inquiridos procuram informações sobre sexualidade e saúde sexual / reprodutiva afim de se informarem sobre práticas sexuais saudáveis: 40% procuram com alguma regularidade, em oposição a 24,7% que raramente procuram essas informações.

A representante da APF na questão nº 2 do guião da entrevista, onde o indicador presente é entender “se as práticas sexuais dos jovens, aliadas às suas representações sociais da sexualidade online, vão ou não ao encontro das normas culturais e sociais predominantes”, indica que o que pode ser perceptível nas questões feitas pelos jovens é que não se deve generalizar e que cada um possui os seus valores e perspetivas de vida, o que pode ir ao encontro ou não das normas culturais e sociais predominantes. Todavia admite que existem influências a nível social, cultural, religioso, dos pares, que podem levar à criação de regras perante o comportamento destes jovens. É de extrema importância perceber e aprofundar os significados / representações sociais que os adolescentes dão à sexualidade online, afim da construção de conselhos / recomendações mais eficazes e úteis que contribuirão para uma

correta repercussão de “práticas, condutas e políticas” que convirjam com a autonomia dos direitos sexuais de cada um (Santos et al., 2021).

O que nos remete para a questão nº 3 do guião de entrevista onde o indicador visa perceber “quais as repercussões, na saúde sexual e emocional dos jovens, das práticas sexuais eventualmente influenciadas pela comunicação online”. A representante da APF afirma que a internet assume-se, atualmente, como uma fonte de informação crucial para os jovens em particular. Segundo dados do inquérito, 87,1% dos indivíduos opta pela internet (sites, redes sociais online, podcasts, etc.) quando quer obter informações sobre sexualidade e saúde sexual / reprodutiva. Seguidamente, 62,4% disseram que contam com os amigos enquanto fonte de informação e 30,6% indicaram que procuram esclarecimento junto de profissionais de saúde. A entrevistada reitera a importância de que essas fontes sejam o mais fidedignas possível, cientificamente comprovadas, relativamente a questões da sexualidade em geral, para que ocorram vivências saudáveis, que colmatem as necessidades dos jovens.

Importa perceber se os jovens inquiridos sentem-se à vontade para discutir questões relacionadas com a sexualidade no seu seio familiar, isto é, com os seus pais / responsáveis e com isso perceber se é uma prática bem recebida nos agregados familiares destes jovens. Os resultados mostram que 37,6% dos inquiridos responderam que dependia dos assuntos a abordar e uma boa parte, 34,1%, considera estar à vontade para discutir tais questões. Podemos deduzir que existem certos temas onde tende a existir uma maior abertura para o diálogo, em paralelo com outros em que poderá subsistir um maior tabu ou reticência de ambas as partes. Tal é comprovado quando são questionados sobre o nível de abertura do seu meio familiar para o diálogo no que concerne temas relacionados com a sexualidade, 28,2% dos jovens atribui o nível 4 (aberto); 20% confere o nível 5 (muito aberto); 20% alega com o nível 3 que o seu ambiente familiar revela-se neutral na abordagem a esses temas.

Procurou-se perceber a que outras fontes de apoio / orientação os jovens inquiridos recorreriam em caso de dúvida ou preocupação sobre sexualidade. Os dados recolhidos indicam que os seriam os amigos a primeira fonte a apelar, com 68,2% dos votos. Deduz-se que por constituírem-se como pares, por norma, vivenciam experiências semelhantes e possuem dúvidas e curiosidades parecidas, facilita a abordagem de questões deste género, a sensação comum de estarem “todos no mesmo barco”. Em segundo lugar, a Internet (google, ChatGPT, etc.) com 50,6% e depois com 49,4% a Internet (sites, redes sociais online, podcasts, etc.), por permitir aos jovens a sensação de anonimato que não encontram em outro lugar e por ser mais fácil interagir com uma máquina face a uma pessoa. 45,9% nomearam os profissionais de saúde, o que pode ser um indicador de confiança nos mesmos, na sua capacidade de resposta face a preocupações de cariz sexual. 36,5% reiteram que os pais / responsáveis estão aptos a ajudá-los nestas circunstâncias, sustentando o que foi analisado anteriormente.

4.3. Experiência sexual: Atitudes

Como explicita Bozon (2005) e Heckathorn (1999), apesar da progressiva “individualização das vivências da sexualidade”, os comportamentos sexuais (atitudes), mais ou menos descomedidos, são fortemente motivados pelo “grau de conservadorismo ou de permissividade” da rede social de cada sujeito, refletindo-se epidemiologicamente em condutas mais ou menos preventivas. Numa primeira abordagem interessou perceber se o grupo de jovens inquiridos já tiveram experiências sexuais ou íntimas, para que adiante pudessem caracterizá-las. Conforme os resultados do inquérito, conseguimos perceber que a maioria (77,6%) respondeu que sim, percebendo que 11 inquiridos, ao responderem que não, vivenciaram apenas experiências sexuais ou íntimas individuais.

De acordo com Machado (2003), os contributos para o desenvolvimento da definição de sexualidade levaram ao entendimento de que também a noção de prazer era determinante para o bem-estar “afetivo-emocional” de cada um, bem como de cada casal. Posto isto, na questão nº 5 do guião de entrevista o principal indicador é “de que forma a procura pelo prazer caracteriza as atitudes e comportamentos dos jovens face à sexualidade”. A entrevistada refere que a APF trata a educação sexual de modo abrangente / multidimensional, para que a vivência da sexualidade possa ser experienciada como positiva, de modo a proporcionar o prazer e o bem-estar. Dá o exemplo da utilização do preservativo, que para muitos jovens é vista como um inibidor de prazer, pois é a experiência que possuem. Relativamente às experiências não individuais, segundo os dados do inquérito, 39,2% revelaram ter utilizado proteção nessas vivências e 35,1% admitiram ter utilizado ocasionalmente, o que representa uma conduta moderadamente preventiva por parte dos inquiridos e uma predisposição parcial para a utilização de métodos contraceptivos ou outro tipo de proteção.

A entrevistada refere que se a questão do uso de proteção sexual for trabalhada e der a conhecer formas de prazer com a utilização de proteção, existe uma alternativa saudável que junte a prevenção dos riscos e o prazer de cada indivíduo, mostrando que não constituem situações opostas e promovendo uma sexualidade positiva. Em sintonia com os resultados do nosso inquérito, verificámos que as principais motivações dos jovens inquiridos, para a consumação de experiências sexuais ou íntimas não individuais, foram: a atração (67,6%), o interesse sexual pelo(a) parceiro(a); prazer (56,3%), o desfrutar dessas experiências; curiosidade (52,1%), o desejo de querer saber como seria experienciar; amor (46,5%), o sentimento forte que nutrem pelo(a) parceiro(a). Podemos deste modo inferir que as referidas motivações relacionam-se com uma “intimidade física e psicológica” que os inquiridos quiseram estabelecer com os seus parceiros sexuais. Para Cordeiro (2003), a sexualidade pressupõe a “intimidade física e psicológica” dos integrantes da relação afetivo-sexual.

Na pergunta nº 7 do guião de entrevista o indicador passa por entender “as principais repercussões que podem advir das atitudes que os jovens demonstram no desenvolvimento

da sua sexualidade”. As tomadas de decisão dos jovens, influenciadas por fatores cognitivos, psicológicos, sociais e culturais, nem sempre são as mais indicadas, o que origina frequentemente o incremento de “lesões não intencionais como violência, abuso, gravidez indesejada e infecções sexualmente transmissíveis.” (Eaton et al, 2006) Seguindo esta linha de pensamento, interessou perceber se os questionados sentem algum tipo de pressão para se envolver em atividades sexuais. A maior percentagem, 78,8% dos inquiridos responderam que não, o que representa um aspeto positivo e indica que a generalidade não sofreu de influências exteriores que os levassem a tomar decisões e por consequência ações, relativas à sua sexualidade, que não quisessem praticar. Ainda assim, 18,8% admitem que sentem-se pressionados, o que revela uma parcela significativa de inquiridos que poderão estar em risco.

Os representantes da EPC referem que o papel, enquanto agente da educação, passa por promover, junto de crianças e jovens, a adoção de comportamentos saudáveis, assentes no desenvolvimento de competências socioemocionais, trabalhadas desde a educação pré-escolar. Também a maioria dos jovens inquiridos avaliam sua experiência relativamente à sexualidade humana e práticas seguras de forma bastante positiva: 39,4% dizem estar bem informados e procurar práticas seguras e 32,4% alegam saber agir saudavelmente em contexto sexual. O que significa que se sentem muito experientes neste âmbito, dando a impressão que já detêm o conhecimento todo sobre a matéria. Quando lhes é pedido que classifiquem a adequação da sua experimentação sexual: 36,5% dos jovens atribuí o nível 3 (indiferente) e 29,4% confere o nível 4 (adequada), o que pode significar que os mesmos pensam que as suas atitudes refletem comportamentos adequados ao exercício da sua sexualidade ou não sabem ao certo se estão a agir saudavelmente neste contexto.

Nesse sentido, foi questionado aos jovens da nossa amostra qual o nível de risco que julgavam possuir, em contrair uma DST: 50,7% pensam que é muito pouco provável e 23,9% consideram que o risco é baixo. O que vai ao encontro do descrito anteriormente, os jovens inquiridos, por alegarem agir saudavelmente em contexto sexual e por determinarem a sua experimentação sexual como tendencialmente adequada, consideram que o risco de contrair alguma DST é baixo e, portanto, na sua ótica, é pouco provável que tal se suceda. O que é reiterado pela maioria dos inquiridos quando questionados se já contraíram DST, 78,9% dos jovens responderam que não. Ora é neste ponto que surge uma contradição, uma vez que também a maioria dos inquiridos respondeu nunca ter sido testada para DST, 74% dos jovens. Se nunca foram testados, não poderão estar certos que nunca contraíram DST, e assim sendo, o risco de possuírem alguma DST não poderá ser considerado muito baixo e a sua experiência sobre práticas seguras não conseguirá ser estimada como bastante positiva. Os representantes da EPC acreditam que, face à adoção de comportamentos saudáveis, haverá repercussões positivas na saúde emocional dos jovens, e em consequência na física, com um sentimento global de bem-estar, assente em relações interpessoais também elas saudáveis.

Na questão nº 8 do guião de entrevista o indicador é “de que modo as atitudes dos jovens podem variar consoante a sua identidade online”. Para Barry et al. (2017), o contacto com as novas tecnologias provoca alterações na representação que os adolescentes possuem de si mesmos, o que origina um confronto entre a sua identidade em desenvolvimento e a sua vontade de ser visto, conseqüentemente o adolescente manifesta-se online afincadamente. A representante da APF declara que existem vários recursos que devem estar disponíveis aos jovens, sobre sexualidade, que os ajudem a construir a sua identidade sexual. Onde a base passa por uma educação sexual formal, cientificamente comprovada e orientada para cada faixa etária. Esta base permitirá aos jovens uma maior estruturação da sua identidade sexual e auxiliará os mesmos em caso de necessidade de autoexpressão da sua sexualidade. Para tal, é crucial que se garantam espaços onde os jovens se sintam confortáveis para esclarecer as suas questões / dúvidas (caso as tenham), espaços esses pautados pela confidencialidade e o anonimato. Com o intuito de elucidar os jovens em matéria sexual, para que possam livremente identificar-se com a sua natureza sexual e a partir daí estruturar a sua identidade sexual, tão válida como outra qualquer. Isto é, dar ao jovem um sentimento de pertença à sociedade independentemente da sua perceção sobre a sexualidade.

4.4. Experiência sexual: Discursos

A questão nº 10 do guião de entrevista pretende responder ao indicador “que discursos da comunicação online nas RSO impactam a perceção da sexualidade pelos jovens”. A representante da APF assume que existem cada vez mais recursos online sobre a sexualidade, de ordem diversa, e que para os compreender e analisar é necessária uma base primária em educação sexual formal, de modo a que os jovens estejam aptos a discernir / filtrar quais os recursos fiáveis e que servem de resposta às suas necessidades / interesses.

No nosso inquérito, quando questionados se já participaram em algum curso, seminário, programa ou aula sobre educação sexual, 60% dos inquiridos responderam que sim. Ou seja, grande parte dos jovens inquiridos já teve algum contacto com educação sexual, um sinal positivo na prevenção dos riscos inerentes à prática da sexualidade. Nesse contexto, 49,4% dizem estar confortáveis com o ensino que tiveram a este respeito e acham que fez sentido e 16,5% afirmam que foi bastante útil e que tendem a aplicar o que aprenderam. Entendemos que a maioria dos inquiridos avalia a sua experiência com a educação sexual como positiva.

A questão nº 11 das entrevistas pretende responder ao indicador “quais os discursos de natureza sexual que impactam o conhecimento e identidade de cada jovem, especialmente por via dos media”. Os representantes da EPC afirmam que os media desempenham um papel relevante em muitos dos aspetos de socialização, mas o seu papel pode ser negativo ou positivo. Na ótica de Silva (2000), as “questões de sexualidade e género” integram-se no “conhecimento” e na “identidade” de cada um, e ao serem semeadas pelos media definem,

em grande parte, o modo como os jovens socializam entre si. Pois veiculam significados que talham distintas “atitudes sociais”, persuadindo comportamentos e realidades sociais, com efeito nas normas sexuais de cada jovem “espectador” (Oliveira e Paulo, 2008).

Nessa linha de pensamento, foi colocada a questão nº 12 das entrevistas afim de responder ao indicador: “de que forma a hipervalorização da sexualidade nos discursos dos media afeta a percepção e construção da sexualidade dos jovens”. A representante da APF diz que a sugestão à perfeição e a um determinado estilo de vida utópico por parte dos media com o objetivo de gerar bem-estar e felicidade ou de conferir mais sucesso na vida sexual dos recetores, é uma situação a ser trabalhada e que já pouco corresponde ao panorama real. A própria atesta que ultimamente têm-se verificado movimentos de “body positivity”, onde o individuo assume o seu corpo como é, percebendo o potencial de melhoria e por conseguinte aprende como sentir-se bem dessa forma. Marques e Teixeira (2012) defendem que, por norma, nas produções mediáticas a sexualidade é expressada com deslumbramento, ignorando as “eventuais consequências do ato sexual”. Nesse sentido, Oliveira e Paulo (2008) afirmam que a “hipervalorização da sexualidade” dissimula as vicissitudes económicas e sociais, ao iludir o público e ao gerar, posteriormente, um ciclo de desencantamento.

A partir do inquérito, 48,2% dos jovens acha que a “hipervalorização da sexualidade” está presente nos discursos online e 40% disseram que não sabiam. De seguida foram questionados se sentiam que a “hipervalorização da sexualidade” muitas vezes presente nos discursos online influenciava o modo como a sua identidade sexual é formulada: 44,9% afirma não saber; 34,8% assegura que não tem qualquer influência no modo como a sua identidade sexual é formulada. Conseguimos inferir que a falta de conhecimento faz com que muitos dos jovens inquiridos não tenham a consciência que a construção da sua identidade sexual é também moldada pela presença da “hipervalorização da sexualidade” nos discursos online.

A representante da APF refere na entrevista que a estratégia a promover diante dos jovens passa por cada um perceber o seu potencial, as suas características, para se sentir bem consigo mesmo e dessa forma não estar dependente de um ou mais ideais de beleza e / ou comportamento face à sexualidade, que são expostos pelos media e / ou pelos discursos online. Todavia, a entrevistada reconhece que é um processo difícil tendo em conta que os jovens tendem a ser mais suscetíveis a determinadas influências, por estarem em fase de construção da sua identidade e como tal estão mais vulneráveis ao entendimento de certos conceitos, o que pode interferir na edificação de determinados valores. A questão nº 13 visa responder ao indicador: “se os discursos expostos nos media geram repercussões na sexualidade dos jovens e de que forma essas repercussões se caracterizam”. Marques e Teixeira (2012) considera que os media têm o dever moral e social de moderar as “questões de sexualidade e género”, criando âmbitos apropriados à: “promoção da saúde sexual”; “desconstrução das mensagens e dos estereótipos sexuais dissimulados ou evidentes”;

construção / implementação de “ferramentas para avaliar os efeitos nefastos dos próprios media”; “adoção de determinados comportamentos sexuais”. Estes espaços visam combater as “encenações mediáticas” que sugestionam modos utópicos de vivenciar tanto os “relacionamentos amorosos”, como a performance sexual / erótica. (Marques e Teixeira, 2012)

Os representantes da EPC reiteram, na entrevista, que a responsabilidade é enorme e em todos os aspetos focados na questão supramencionada. Já a representante da APF afirma que a sexualidade pode ser vivida de formas bastante diversas e por pessoas muito diversas, é fundamental que se quebrem estereótipos. Salientando que os media devem ser sensíveis a estas questões, utilizando e reformulando conteúdos, para que estes se tornem mais inclusivos e para que representem / respeitem a individualidade de cada um.

Como afirma Marwick (2013), os dois grandes influenciadores e produtores de género online (engloba expressão de género e sexualidade) são os softwares das plataformas de media sociais e os utilizadores que as utilizam e as modificam vezes sem conta. Aludindo às interações dos utilizadores nas referidas plataformas, estas variam consoante o contexto social (offline) de cada utilizador ou de grupos de utilizadores e é esse contexto que vai ditar que comportamentos são aceitáveis num determinado ambiente online. (Marwick, 2013) De acordo com a mesma autora (2013), estas tecnologias tendem a introduzir à priori, “normas e valores” que representam um “ideal de transparência diretamente no software.” Na nossa amostra do inquérito, quando questionados se sentem que os discursos online sobre as “questões de sexualidade e género” devem ser moderados pelas plataformas online, de modo a promover a saúde sexual e a evitar efeitos nefastos nos seus recetores, parece existir uma maior concordância (64,7% diz que sim) para que as plataformas online filtrem as questões desta natureza e sejam agentes ativos na promoção da saúde sexual.

4.5. Redes sociais online: Acesso

Uma vez que a investigação debruça-se sobre as vicissitudes presentes no online, vale a pena perceber quanto tempo é dispensado pelos jovens no acesso à internet. Os resultados do inquérito revelam que, 34,1% diz passar entre 5 a 6 horas online; 28,2% está 7 ou mais horas na internet; 28,2% fica por 3 a 4 horas online. Isto significa que a maioria dos inquiridos utilizam a internet mais do que 3 horas por dia, o que representa uma fatia considerável do seu dia. De modo a evidenciar um pouco mais o objeto em estudo (RSO), é elementar identificar quantas horas por dia os inquiridos dedicam às RSO: 52,9% diz aceder entre 3 a 4 horas; 21,2% diz passar entre 5 a 6 horas. É possível observar que a maioria dos jovens inquiridos acede 3 ou mais horas por dia às RSO, o que pode expressar uma comunicação virtual constante. Com o smartphone (telemóvel) sempre presente torna-se difícil “desligar” do mundo exterior, o acesso às diferentes RSO propiciou uma comunicação incessante por meio do envio / partilha de “fotos, mensagens, e-mails, etc”. (Boyd, 2008)

A par dos dados anteriormente descritos, realizámos a questão nº 14 das entrevistas onde o indicador é “quais as RSO mais utilizadas pelos jovens em Lisboa e os seus motivos”. A representante da APF refere que não possui dados regionais nesse âmbito, mas pelo trabalho com jovens e através dos seus discursos, conseguiu perceber que as RSO mais acedidas são o Instagram, pelas partilhas e pelas relações que se estabelecem. De acordo com Ramirez e Wang (2008), a troca de intimidade está associada à autorrevelação e nas RSO a tendência é para que aconteça uma autorrevelação acelerada, isto é a vasta partilha de informações pessoais e íntimas sem hesitações, o que origina o chamado “efeito de hiperpersonalização”. (Ramirez e Wang, 2008) O WhatsApp, pela partilha de informação em grupos e pelas relações que se estabelecem. Existe uma enorme apropriação dos sistemas de mensagens instantâneas por parte dos jovens, uma vez que os mesmos facilitam o contacto entre indivíduos e auxiliam a construção de uma identidade de grupo. (Eleuteri et. al., 2017) Os dados recolhidos do inquérito corroboram e dizem-nos que a RSO acedida com mais frequência pelos inquiridos é o Instagram, selecionado por 92,9%. A seguir, o WhatsApp foi a escolha de 85,9%; 78,8% acedem com frequência ao TikTok; 57,6% elegem o Youtube.

Na questão nº 16 das entrevistas o indicador presente é “como as relações desenvolvidas via RSO podem impactar a forma como os jovens desenvolvem e exploram a sua sexualidade”. A representante da APF afirma que o feedback por parte dos jovens entende o estabelecimento de relações via RSO como importante numa primeira fase de relacionamento. Tendo como objetivo levar, posteriormente, esse contacto para contextos offline (tendencialmente). O que se verifica pela maioria dos inquiridos nunca se ter envolvido em relacionamentos exclusivamente online de natureza romântica ou sexual (58,8%). O relacionamento online poderá ainda ser visto como uma ponte possível para alcançar a outra margem, a do relacionamento offline, seja ele de que natureza for. Como afirma a entrevistada, dizendo que um primeiro contacto via RSO pode servir de sinopse para o conhecimento parcial do indivíduo com quem se está a estabelecer relação, como a partilha de interesses, gostos e o reconhecimento de pontos em comum que levem à cimentação da relação. Em suma, um primeiro contacto via RSO pode servir de veículo para o estabelecimento de relações presenciais de natureza sexual, por via do diálogo online sobre expectativas, interesses e desejos. Todavia, Sfoggia e Kowacs (2014), alertam para que uma implicação excessiva nas RSO possa significar “uma falsa sensação de conexão e de intimidade entre indivíduos”, porque basta um convite numa rede e a respetiva aceitação do mesmo para que uma falsa sensação de confiança se estabeleça e se venham a originar relacionamentos de cariz sexual, que poderão não ser consentidos.

4.6. Redes sociais online: Utilização

Na questão nº 17 do guião de entrevista o indicador é “de que forma a utilização das RSO

influencia a comunicação entre os jovens”. A representante da APF afirma que a troca de mensagens / informações online, bem como estabelecer o contacto imediato e em vários contextos, facilita a interação entre os jovens. O comportamento quotidiano dos jovens atualmente, passar por estarem sempre ligados virtualmente através do seu smartphone, prontos a comunicar rapidamente e muitas vezes de forma permanente, o que poderá refletir uma vantagem, uma vez que não se encontram isolados. Para Sfoggia e Kowacs (2014), as fronteiras existentes e o tempo não são mais um problema no que à comunicação diz respeito, atualmente a conexão interpessoal é realizada constantemente e em tempo real.

Na questão nº 19 das entrevistas o indicador passa por “perceber os benefícios e desafios da inter-relação, oriunda da utilização das RSO, entre a comunicação online e a sexualidade”. A representante da APF assume que é desafiador regular determinados espaços e conteúdos online, que possam não ser os mais vantajosos à utilização por parte dos jovens. Uma vez que o acesso aos mesmos existe e, portanto, é apostar na prevenção e na informação para que os jovens consigam diferenciar o que é real do que é online, da exposição a que podem estar sujeitos no online quando partilham conteúdos que os possam comprometer ou que sejam pessoais ao ponto de fácil identificação da sua identidade. Nesse sentido, quando questionados se já receberam informações ou orientação sobre a sua segurança online e proteção da sua privacidade, 84,7% dos inquiridos responderam que sim. É possível perceber que quase todos os inquiridos já tomaram conhecimento ou tiveram algum tipo de orientação de como devem salvaguardar a sua segurança e privacidade em ambientes online.

A maioria dos inquiridos (80%) diz saber proteger as suas informações pessoais e a sua privacidade enquanto utiliza a internet. Tal facto poderá sugerir que os mesmos, se tomaram conhecimento e entenderam as orientações prestadas, estão aptos a defender-se dos riscos provenientes do online. Podemos deduzir que os jovens inquiridos estão significativamente mais aptos a lidar com a proteção dos seus dados e da sua privacidade. Tendem a deter um conhecimento generalizado dos meandros das plataformas online e dos seus utilizadores, cresceram a utilizá-las, e como tal, não se deixam enganar facilmente. É importante ter igualmente em consideração situações onde existem indivíduos online com intenções diversas, muitas vezes não perspetivadas por parte dos jovens, nas quais o risco de se sucederem abordagens ofensivas e abusivas é real e acrescido. Estas são algumas das vulnerabilidades que advêm da supramencionada inter-relação e às quais os jovens devem prestar atenção / cuidado, estando cientes de como se podem salvaguardar de determinadas situações de perigo. Quando questionados se sentem-se à vontade para falar com alguém de confiança sobre experiências ou preocupações relacionadas à sexualidade online, 43,5% disseram que dependia das experiências ou preocupações que teriam para expor e 36,5% responderam que estão à vontade. Eventualmente grande parte dos jovens inquiridos dão o benefício da dúvida pois sabem que estão a falar com a alguém da sua confiança.

Segundo o prisma de Ross (2005), o ciberespaço veio facilitar o contacto íntimo à distância, o que pode colmatar ausências físicas, mas tem potencial para que discussões íntimas se repliquem, “desobrigadas das convenções sociais presentes no contato face a face”. Nesse contexto, importou saber se os jovens inquiridos já partilharam conteúdo de natureza sexual ou íntima online, 48,2% responderam que não e 43,5% disseram que sim. Existe uma propensão para um equilíbrio entre os que partilham e os que não o fazem. Seguidamente, foi perguntado aos que responderam que realizavam essa partilha, quais foram os seus principais motivos: 53,5% indicaram o prazer como motivo primordial, 51,2% selecionaram o desejo de agradar ao recetor do conteúdo como motivação, 32,6% disseram que o fizeram por nutrirem sentimentos pelo recetor do conteúdo. Podemos inferir que grande parte dos inquiridos tende a preocupar-se com os desejos do recetor do conteúdo e a valorizar o prazer pessoal conferido pela prática deste tipo de partilha online, à semelhança dos motivos que assinalaram para a consumação de experiências sexuais ou íntimas não individuais. Colocando a questão de outra forma e questionando se já enviaram ou receberam mensagens de natureza sexual especificamente por meio de aplicações de mensagens ou RSO, 64,7% disseram que sim. Verificamos que em oposição à questão: já partilhou conteúdo de natureza sexual ou íntima online? os inquiridos nesta pergunta revelam que a partilha desse tipo de conteúdo é mais acentuada, de qualquer modo, é certo que a maioria dos jovens inquiridos já teve contacto com este tipo de experiência sexual online.

Posteriormente, importou entender em que RSO se sentiram mais confortáveis para enviar ou receber mensagens de natureza sexual. A maioria (61,8%) prefere o Instagram; 60% optam pelo WhatsApp; 41,8% recorrem ao Snapchat. Os dois primeiros já estavam no topo das RSO mais acedidas pelos inquiridos e o Snapchat torna-se mais popular quando os mesmos querem partilhar estas mensagens. Provavelmente por se tratar de uma RSO onde as mensagens possuem uma duração determinada, o que pode trazer um maior sentimento de confiança aos jovens por acharem que as mensagens (provas) vão desaparecer. Para afinar a perceção destas partilhas online, perguntamos aos inquiridos quais são os formatos de mensagens de natureza sexual que eles mais utilizam: 57,1% preferem partilhar outras fotografias que não selfies; 50% utilizam as selfies; 50% servem-se dos vídeos; 48,2% conversam por sexting (mensagens de texto de cariz sexual). Assim sendo, é notória uma maior utilização de mensagens mais visuais / figurativas por parte dos inquiridos, até porque se deduz que sejam mais sugestivas e explícitas. Não deixando para trás o sexting, que apesar de se tratar, neste contexto, de texto escrito, é capaz de cativar boa parte dos jovens, talvez por se demonstrar menos comprometedor e “real” em caso de prova. Hasinoff (2013) sugere debater o sexting como “media production” uma vez que concerne na sua índole a importância da privacidade e do consentimento na autoria de “conteúdo efémero de media social” (Hasinoff, 2013). Reputar o sexting como uma das práticas da produção mediática

confere-lhe motivações na ordem da exploração sexual e do prazer, é geralmente entendida pelos jovens como uma “forma diferente de erotismo” (Albury e Crawford, 2012) e como uma “alternativa mais segura à atividade sexual da vida real” (Lenhart, 2009). Atendendo aos riscos associados a esta partilha de conteúdo pessoal e íntimo, foi questionado aos inquiridos, que disseram que o fizeram, se já se sentiram expostos ou vulneráveis devido à partilha de informações sobre a sua sexualidade nas RSO e a maioria afirma nunca se ter sentido exposta ou vulnerável (69,6%). Todavia, uma parte significativa respondeu que sim (25%) e, portanto, supõe-se que essa partilha tenha confirmado certos riscos inerentes a tais práticas online.

Na questão nº 22 da entrevista o indicador passa por entender “se o modo como alguns jovens utilizam as RSO pode permitir aos mesmos uma maior liberdade para escolher a sua sexualidade e / ou género e formular identidades alternativas”. Wynn e Katz (1997), insinuam que as tecnologias conferem aos utilizadores a possibilidade da “desincorporação”, ou seja, como não estão fisicamente reunidos (estão aparentemente “livres” de julgamentos), usufruem de uma maior liberdade para escolher a sua sexualidade ou género, formulando identidades alternativas. Tal fenómeno incentivou a expansão na produção de género, rompeu com as convenções binárias e despertou uma sexualidade e expressão de género mais autêntica. (Marwick, 2013) Por outro lado, a representante da APF declara que as RSO não potenciam uma maior liberdade para tal, tendo em conta que outrora já existiam indivíduos a sentirem-se como tendo identidades alternativas. Assevera que o que pode favorecer essa liberdade, é a aproximação que as RSO permitem entre jovens e os grupos com os quais se identificam, os chamados grupos de pertença, que podem facilitar a perceção do jovem para algo que ele se identifica, suportando-o e disponibilizando recursos. 68,2% dos inquiridos diz ter recebido informações sobre sexualidade e desenvolvimento sexual por meio das RSO, o que pode testemunhar que este tipo de informações está presente, visto que as mesmas tendem a espelhar um retrato dos temas abordados na sociedade em geral.

Segundo dados do inquérito, 40% dos jovens sente-se em segurança para interagir com outras pessoas online em relação à sexualidade e 34,1% diz que esse sentimento vai depender das pessoas com quem interage. Contudo é possível inferir que caso não exista um sentimento de confiança nos ambientes online, a sexualidade pode sempre ser tratada não mencionando aspetos e verdades dos próprios intervenientes, o que poderá conferir ao tema (sexualidade) uma maior abertura para o debate. Porém, mais de metade dos inquiridos (55,3%) não se sente confortável para discutir assuntos relacionados à sexualidade nas RSO, enquanto que 44,7% afirma estar confortável para discutir esses temas nas referidas plataformas. Apesar dos resultados estarem bastante equilibrados, podemos especular que os inquiridos sentem-se apreensivos a discutir assuntos de cariz sexual, com um grupo alargado de pessoas ou comunidade, por ainda se tratar de uma matéria tabu em sociedade.

À luz dos resultados anteriores, quando questionados em que rede(s) social online se sentiriam ou sentiram mais confortáveis para discutir assuntos relacionados à sexualidade, 64,4% preferem o Instagram e 55,6% sentem-se confortáveis para o fazer no WhatsApp. Consegue-se conjecturar que tal resultado possa advir, do lado do Instagram, por se tratar de uma RSO com utilizadores mais jovens e por isso mais abertos para o diálogo sobre sexualidade. Do lado do WhatsApp, por ser uma RSO propícia para as comunidades e para os grupos, daí possam surgir debates sobre todo e qualquer tema. Ainda assim, a quase totalidade dos inquiridos diz nunca ter participado em grupos ou comunidades online relacionadas à sexualidade nas RSO, com um total de 91,8%, o que denota pouca afluência destes jovens a este tipo de prática online. Em síntese, a representante da APF assegura que a existência online de grupos de apoio ou de ativistas por uma determinada causa / questão de natureza sexual, possibilita o conhecimento por parte dos jovens da existência de diversos caminhos, que podem eventualmente ajudar no processo de descoberta de uma determinada identidade de género e/ou orientação sexual. Apesar disso, a maioria dos inquiridos (62,4%) considera que as RSO não são neutras em termos de género, podendo-se deduzir que grande parte julga as RSO como tendenciosas para um determinado género, face aos restantes.

Na questão nº 23 da entrevista o indicador é “a forma de influência dos proprietários das RSO na estruturação da comunicação sobre sexualidade”. A representante da APF indica que tem conhecimento de ações das RSO para a regulação e filtro de matérias, nomeadamente por via do bloqueio dos conteúdos: que são considerados inapropriados e / ou violentos do ponto de vista sexual; que podem potenciar e alimentar ações de predadores sexuais; que refletem comportamentos desadequados. A maioria dos inquiridos (77,6%) considera o papel das RSO fulcral, pois deveriam incentivar a promoção de relacionamentos e práticas sexuais saudáveis e respeitadas. Tal pode significar que os inquiridos pretendem que estes espaços online sejam regulamentados e que sirvam de exemplo a comportamentos saudáveis.

Quando questionados acerca do nível de influência das RSO na sua compreensão sobre sexualidade, relacionamentos e práticas sexuais, 37,6% dos jovens diz que umas vezes influencia, outras não e 22,4% admite que possui certa influência. No geral, os inquiridos presumem que as RSO (o seu cerne) possuem um nível considerável de influência na compreensão dos seus utilizadores sobre os temas supramencionados. De acordo com Munno et al. (2017), a gestão das ferramentas pertencentes ao campo da “tecnopsicologia: condição psicológica das pessoas que vivem sob a influência da inovação tecnológica” (Kerckhove, 2009) torna-se mais difícil para adolescentes que possuem “traços psicóticos, baixa autoestima, problemas escolares e familiares”. Nestes casos a probabilidade de se viciarem e demonstrarem comportamentos descontrolados e de risco é acrescida (Munno et al., 2017). A representante da APF dá o exemplo do conteúdo pornográfico, que pode tornar-se ilusório e provocar efeitos nefastos, caso seja consumido por jovens que ainda não estejam

estruturados para entender que a ficção, muitas vezes, não corresponde à prática real e por conseguinte incorrem em riscos desnecessários por tentarem replicar comportamentos irreais.

A quase totalidade dos inquiridos (91,8%) confirma que já se deparou com conteúdo sexualmente explícito ou pornográfico sem procurar. Desse modo, é possível depreender que um pouco por todo o ambiente online, nomeadamente onde o utilizador pode contribuir com a sua partilha, existe conteúdo sexualmente explícito. O mesmo tende a infiltrar-se entre perfis e publicações, como se de um vírus se tratasse e acaba por alimentar algoritmos. É neste ponto que é possível supor que uma percentagem significativa vá clicar nesse conteúdo e acabe por consumi-lo, fazendo com que a sua identidade sexual seja de certa forma afetada, sem que houvesse uma pesquisa do referido conteúdo por parte do utilizador. A maioria dos inquiridos (84%) admite ignorar quando esse tipo de conteúdo sexualmente explícito ou inadequado surge espontaneamente nas RSO, talvez por estarem focados em realizar outras tarefas online e não tomam nenhuma ação direta contra o referido conteúdo.

4.7. Saúde: Comportamentos online de risco

Na pergunta nº 26 das entrevistas o indicador passa por compreender “como se caracterizam os comportamentos online dos jovens, nomeadamente a partilha de conteúdo sexual e quais os riscos para a sua autoestima e identidade”. Os representantes da EPC referem que existe uma preocupação em alertar os jovens sobre os riscos da partilha de conteúdo relacionado com a intimidade na internet, sensibilizando-os para as graves consequências que daí podem advir. No entanto, não possuem informação sobre a forma como afeta a autoestima e identidade e que tal pode variar com a personalidade de cada pessoa, com o contexto e com o tipo de partilha. A maioria dos inquiridos (82,4%) confirma que já teve acesso a informações sobre os riscos e consequências de partilhar conteúdo sexualmente explícito online. Partindo do pressuposto que detêm o conhecimento essencial acerca desses riscos e consequências, é de se esperar que atuem de forma consciente e saudável aquando dessa prática online.

Em relação ao nível de impacto das RSO na autoimagem e autoestima dos inquiridos relativamente à sexualidade, 31,8% dos jovens afirma que por vezes impacta e 22,4% admite que tem um impacto substancial. Em síntese, grande parte dos inquiridos é da opinião que as RSO impactam, positivamente ou negativamente, a autoimagem e a autoestima dos seus utilizadores relativamente à sexualidade, o que poderá estar relacionado com a constante comparação entre corpos e modos de viver expostos em conteúdo audiovisual partilhado nas RSO. Inevitavelmente, os utilizadores enquanto seres críticos, fazem essa comparação e muitas vezes agem consoante o entendimento que advém desse exercício mental. Dessa forma, 52,9% dos inquiridos diz que já se sentiu desconfortável ou ansioso ao se comparar com outras pessoas nas RSO em relação à sua sexualidade. Woods e Scott (2016) defendem que as RSO despoletam, por via desse sistema de reputação perfeita, problemas de saúde

como a ansiedade, baixa autoestima e depressão em adolescentes. Tais sentimentos poderão depender das expectativas e objetivos que cada um têm consigo próprio. Caso um indivíduo ambicione muito uma determinada coisa, no campo da sexualidade, e por motivos alheios não o consegue, se estiver constantemente a ver outras pessoas a consegui-lo e a fazê-lo, é provável que se sinta ansioso e desconfortável. Quando questionados se já se sentiram pressionados a seguir padrões de aparência ou comportamento relacionados à sexualidade devido ao que viram nas RSO, 51,8% dos inquiridos responderam que sim e 48,2% disseram que não. Percebe-se que os inquiridos encontram-se divididos em relação a este tópico.

Na questão nº 27 das entrevistas o indicador é “perceber que estratégias educativas podem prevenir os riscos e desafios das RSO”. Os representantes da EPC anunciam que já existem estratégias e recursos para a sensibilização dos riscos e desafios das redes sociais, quer ao nível da educação para a cidadania, nos domínios da sexualidade, da saúde e dos media, quer da cidadania digital. O combate a tais riscos e desafios vai depender, segundo Sfoggia e Kowacs (2014), da educação dos utilizadores e do desenvolvimento de estratégias e ferramentas para a utilização da web e para a minimização de riscos. A representante da APF diz que uma educação sexual abrangente e respeitadora de todos os valores dos jovens é a base fundamental para capacitar os jovens de estratégias educativas e pessoais de prevenção contra os riscos e desafios das RSO e com isso alcançarem experiências sexuais online saudáveis / positivas. Estratégias essas: de promoção para comportamentos seguros; de treino da assertividade individual e da capacidade de negociação numa relação; de discernimento sobre a veracidade e a fidedignidade de informações de cariz sexual; de sensibilização para os riscos.

No campo das informações de cariz sexual, quando questionados se as RSO podem servir de fonte segura para procurar apoio em questões de sexualidade, 52,9% dos inquiridos responderam que depende das questões e 31,8% dizem que é uma fonte segura. Apesar da maioria considerar as RSO fidedignas, em determinadas questões, neste tipo de apoio ou orientação, a maior razão de desconfiança poderá estar assente na veracidade da informação prestada. Isto é, ainda que se encontre muita informação sobre sexualidade nas RSO, dicas e conselhos, nem sempre esses dados estão verificados cientificamente ou oficialmente, o que contrasta com certos sítios online de maior credibilidade. À semelhança da questão anterior, 50,6% dos inquiridos acredita que as RSO poderão servir de espaço seguro para partilhar algumas experiências e preocupações relacionadas à sexualidade, porém confessam que pode depender da partilha. É notória a reticência dos inquiridos quando se fala em expor socialmente questões sobre a sexualidade, por ser plausível que os jovens não estão à vontade para partilhar informações e experiências demasiado pessoais num fórum ou espaço presente nas RSO, nada lhes garante que as informações que prestam não serão mais tarde utilizadas para fins dúbios. Como constatado ao longo da análise, os inquiridos

preferem realizar essa partilha com amigos, pares, alguém da sua confiança e em ambientes online onde não tenham que assumir um perfil identitário.

Na questão nº 28 das entrevistas o indicador presente é entender “quais os comportamentos alarmantes que devem ser notados e analisados quando um jovem utiliza as RSO”. Os representantes da EPC avisam que os pais devem estar sensibilizados para certas alterações de comportamento, nomeadamente aqueles que levem a situações de ansiedade e pânico, podem ser indicadores de que algo não estará bem. A representante da APF afirma que é necessário algum controlo parental no que a utilização das RSO por parte dos jovens diz respeito. Mas nem sempre é fácil dosear aquilo que é a liberdade, intimidade, individualidade e a privacidade do jovem, daquilo que é a abordagem a um determinado comportamento alarmante ou anormal. O controlo parental possui uma enorme importância no combate aos riscos online, mediando a aprendizagem criança – tecnologia. Como defende Eleuteri et. al. (2017), torna-se difícil enfrentar situações de perigo quando os progenitores / tutores legais não detêm conhecimento necessário acerca do histórico online do adolescente, bem como dos riscos que dessa utilização advêm. A representante da APF aconselha, para um auxílio eficaz ao jovem: deve-se perceber quais são os recursos online utilizados pelo mesmo; se o tempo dispensado a estes recursos é avultado; se existem alterações de humor / comportamento significativas durante e após o contacto com as RSO. Estes fatores podem indicar que algo não está bem e o diálogo aberto, sem tabus nem repressões e / ou recriminações, sobre o assunto, é recomendado. A entrevistada reitera que quanto mais cedo ocorrer (em idades mais precoces) este tipo de intervenção por parte dos responsáveis / pais, melhor preparados estarão os jovens para distinguir e compreender que conteúdos online devem consumir e como devem relacionar-se positivamente do ponto de vista sexual online.

Na questão nº 29 do guião de entrevista o indicador passa “pelos riscos associados à privacidade e segurança dos jovens nas RSO”. Os representantes da EPC afirmam que reconhecendo riscos e benefícios, a sua atividade nas RSO será mais facilmente pautada pela proteção da sua privacidade e segurança. Nessa perspetiva, a maioria dos inquiridos (91,8%) alega estar ciente dos riscos associados à partilha de informações pessoais com estranhos online, nomeadamente dos riscos associados à partilha de informações íntimas ou sexualmente explícitas nas RSO. Como tal pensa-se que agem de forma informada e de livre e espontânea vontade. Como a análise tem vindo a demonstrar, fazem-se valer destas ferramentas e mecanismos para se autossatisfazer e para satisfazer quem pretendem. Em contrapartida, Freeman-Longo (2000), afirma que os comportamentos de risco inerentes ao cibersexo advêm do escasso autocontrolo e da procura por sensações distintas por parte dos adolescentes, estes não possuem a compreensão e o desenvolvimento necessários ao correto discernimento entre uma utilização saudável e não saudável das RSO. Com base no inquérito, conseguimos verificar em que situações os inquiridos acreditam que o uso

consciente das RSO pode contribuir para um desenvolvimento sexual mais saudável: 77,6% selecionaram o esclarecimento de dúvidas; 77,6% apontam para a consciencialização dos perigos; 60% indicam o aprimoramento do conhecimento; 51,8% aponta para a partilha de experiências. Na ótica dos inquiridos, estes são eventos a ser realizados nas RSO afim de um desenvolvimento mais saudável para os seus recetores / utilizadores.

Na questão nº 30 das entrevistas os indicadores associados são “as repercussões próprias dos comportamentos de risco online e como prevenir esses comportamentos”. Os representantes da EPC asseveram que a saúde mental (e física) dos jovens é seriamente afetada em situações que os envolvam como vítimas de cyberbullying ou sexting. Ao nível da alimentação, do sono, da autoestima, do desempenho académico, da confiança e nas relações interpessoais. A prevenção passa por reforçar a importância de os jovens conhecerem os riscos da sua atividade na internet, nomeadamente na partilha de materiais (fotos, vídeos, mensagens) de foro íntimo, desse modo será mais facilmente pautada pela proteção da sua privacidade e segurança. Na ótica de Medrano, Rosales e Gamez-Guadix (2017), o cyberbullying é retratado como um conjunto de vivências de “humilhação e constrangimento, “status” social reduzido, relacionamentos danificados, sintomas depressivos”. Quando questionados se já foram vítimas de assédio, bullying ou de algum tipo de abuso online de natureza sexual, 65,9% dos inquiridos responderam que não e 29,4% disseram que sim. Logo, é possível perceber que uma parte significativa dos inquiridos já foi alvo de algum tipo de abuso online de natureza sexual, o que é preocupante. Pode ser uma prova que a consciencialização e sensibilização, para a prevenção dos comportamentos online de risco, está longe de atingir os seus objetivos, e como tal, é necessária e imprescindível a sua intervenção em todos os ambientes online.

Na questão nº 31 das entrevistas o principal indicador é “como prevenir os riscos intrínsecos à utilização das RSO, com a ajuda dos profissionais de saúde”. Os representantes da EPC dizem que os referidos profissionais devem sensibilizar os jovens para os sérios riscos para a sua saúde imediata e a médio prazo, decorrentes dessa utilização pouco ou nada responsável. Todavia, há que saber equilibrar e distinguir os efeitos e riscos das novas tecnologias para a saúde, em consonância com a pesquisa de Simon e Daneback (2013), na qual é descrito que se eventualmente persistir uma abordagem intransigente por parte dos representantes clínicos, relativamente à apropriação tecnológica das novas gerações, existirá igualmente resistência / contestação por parte dos jovens. Os mesmos autores (2013) propõem um apoio eficaz aos adolescentes, para que estes consigam integrar “práticas online mais seguras e úteis que facilitam uma identidade sexual afirmativa”.

Na questão nº 32 do guião de entrevista o principal indicador é “como prevenir os riscos intrínsecos à utilização das RSO, por meio de medidas de proteção e segurança a adotar pelos jovens”. Os representantes da EPC recomendam não partilhar dados pessoais, não

partilhar imagens íntimas ou de cariz sexual. Ter em conta que atrás de um ecrã, ou de uma mensagem pode estar uma pessoa diferente da que se diz ser e ter sempre presente que o que vai para a internet, fica para sempre na internet. Tendo em consideração as medidas cruciais de proteção e segurança que os jovens devem adotar ao usar as RSO, e em contraste com a não denuncia por parte dos inquiridos relativamente a conteúdo pornográfico espontâneo, a maioria dos inquiridos (68,2%) afirma já ter denunciado comportamentos inadequados ou preocupantes em plataformas online. Os jovens inquiridos parecem compreender que através da denuncia destes comportamentos, as plataformas online estarão mais aptas a agir de forma justa e fundamentada, tomando alguma ação contra os mesmos.

Quando questionados se a comunicação sobre sexualidade nas RSO pode contribuir para uma educação sexual mais aberta e inclusiva, 43,5% dos inquiridos responderam que depende do modo como essa comunicação é realizada / conduzida e 40% dizem que pode contribuir. Em função disso, é importante que essa comunicação seja estruturada e baseada cientificamente, para que alcance o objetivo pretendido e não o inverso. Tratar e disseminar questões relativas à sexualidade nas RSO pode por um lado elucidar o utilizador, desmistificando certas informações e teses falsas, mas por outro, pode dar aso à criação de um conjunto de ideias deturpadas e manipuladas (por outros utilizadores), onde o risco de propagação das mesmas poderá tornar-se elevado. A maioria dos inquiridos (57,6%) acredita que a comunicação sobre sexualidade nas RSO pode (sim) afetar a sua saúde mental. Vai depender de como a comunicação é realizada, se for invasiva e alarmante, é possível supor que alguns utilizadores (os mais suscetíveis) acabem por deixar-se afetar negativamente pelo que vêem. Por outro prisma, caso a comunicação seja clara, esclarecedora e enriquecedora, presume-se que trará efeitos positivos para a saúde mental dos seus recetores. A dificuldade em gerir as RSO de forma funcional revela uma das desvantagens deste tipo de comunicação, que cada vez mais se torna viciante e desmensurada (Griffiths, 2000).

Na questão nº 33 das entrevistas o indicador passa por “compreender as práticas dos predadores sexuais online e dessa forma encontrar formas de salvaguardar a segurança dos jovens nas RSO”. Os representantes da EPC aconselham a divulgação junto dos jovens das formas de recolher provas e como fazer a(s) denúncia(s). O “modus operandi” dos predadores caracteriza-se, geralmente, por recurso ao anonimato de modo a falsear um perfil de identidade online que corresponda a um individuo “na vida real”, ou até pertencente à rede social (offline) das vítimas. (Marwick, 2008; Shade, 2007; Thiel-Stern, 2009). A representante da APF declara que os jovens devem ser críticos quando comunicam com alguém via online, devem saber bem com quem estão a falar e / ou a partilhar conteúdo pessoal / íntimo e em caso de dúvida ou falta de informações sobre a identidade da pessoa (dados pessoais), o melhor é encerrarem o contacto com a mesma, uma vez que pode ser eventualmente um embuste e não corresponder ao tipo de pessoa que idealizaram estar a dialogar.

Capítulo V – Notas conclusivas

Afim de oferecer ao leitor as reflexões finais alcançadas com a presente dissertação, este último capítulo pretende arquitetar uma conexão entre a revisão da literatura tratada, a análise realizada e as conclusões atingidas.

Primeiramente, de forma a sustentar a investigação que agora se encerra, tornou-se fundamental o entendimento das noções (mais abrangentes) de sexualidade e de redes sociais online e como estas se relacionam. Na ótica de Erikson (1968), o desenvolvimento da sexualidade significa para o adolescente um estágio com diversas etapas de conciliação com a sua própria identidade, onde ocorre um maior desenvolvimento cognitivo e socioemocional que auxilia a orientação dos sentimentos, da consistência e coerência pessoais. Esta fase, quando aliada à utilização das RSO, sofre influências a nível da construção da identidade, da sexualidade e nos relacionamentos de cada adolescente. (Eleuteri et. al., 2017)

À luz desta relação, procurou-se por via do estudo da comunicação em torno da sexualidade nas RSO, identificar, interpretar e aprofundar as formas de influência da anunciada comunicação na construção / desenvolvimento da sexualidade dos jovens, sobretudo nos que residem no distrito de Lisboa. Para uma correta conceptualização e operacionalização dos principais termos em estudo, a investigação dividiu-se em seis dimensões distintas relativas a cada conceito: experiência sexual (práticas, atitudes e discursos), redes sociais online (acesso e utilização), saúde (comportamentos online de risco).

Seguindo esta lógica de investigação, a análise revela que os jovens tendem a praticar uma variedade de atos sexuais influenciados por fatores sociais e culturais, como defende Vilar (2003), onde são destacadas questões relativas à gravidez indesejada e à infeção de DST. Embora muitos dos inquiridos acreditem ter conhecimento sobre sexualidade, realça-se a importância de estarem bem informados e preparados para tomar decisões, que salvaguardem os limites pessoais e respeitem o consentimento de cada indivíduo. (Santos et al., 2021) A preparação, o conhecimento e o planeamento são fatores essenciais para a conceção de práticas sexuais seguras. A educação sexual abrangente é crucial no desenvolvimento da sexualidade dos jovens, e nesse sentido, a internet assume-se como fonte primordial de informação, esta deve ser pautada pela qualidade e veracidade das suas informações, afim de repercussões saudáveis na saúde emocional e física dos jovens. A eficácia da comunicação familiar sobre sexualidade varia e os amigos assumem um papel importante na abordagem a questões deste cariz.

Como argumenta Machado (2003), conseguimos entender que o prazer desempenha uma função significativa nas atitudes dos jovens em relação à sexualidade, influenciando os seus comportamentos perante a sexualidade, no entanto, a falta de informação sobre como combinar prazer e segurança tende a influenciar a utilização de métodos contraceptivos. Por meio da educação sexual abrangente percebemos que é possível conciliar a prevenção de

riscos com a procura de prazer. As principais motivações para o envolvimento sexual entre jovens incluem atração, interesse, prazer, curiosidade e amor, o que reflete a procura por intimidade. Alguns jovens parecem enfrentar pressões externas para a consumação de atos sexuais e é nesse ponto que a importância da autonomia na tomada de decisões sexuais torna-se crucial, como sugere Eaton et al. (2006). A autoavaliação dos jovens sobre a adequação das suas experiências sexuais varia, o que pode indicar a necessidade de uma educação sexual contínua sobre prevenção e proteção para práticas sexuais. Na ótica de Barry et al. (2017), a representação online impacta a formação da identidade dos jovens e a educação sexual é tida como recurso basilar na estruturação dessa identidade, promovendo o bem-estar emocional, tanto online quanto offline.

Os resultados indicam que a maioria dos jovens usufruíram de uma educação sexual formal, o que é tido como uma contribuição para a prevenção de riscos na prática da sexualidade. Todavia, percebemos que os discursos sobre sexualidade nos media e RSO tendem a moldar a identidade sexual dos jovens, por via da disseminação de estereótipos prejudiciais, como corroborado por Marques e Teixeira (2012), ou pela promoção de movimentos de "body positivity", como explicou a representante da APF. Em síntese, reitera-se a importância de estratégias que tenham em consideração a saúde mental, que elevem a autoestima e a aceitação do corpo de cada indivíduo, onde os media têm a responsabilidade de desafiar estereótipos sexuais e fornecer ferramentas para avaliar os impactos negativos. Observamos que as RSO também influenciam normas de expressão de género e sexualidade, como afirma Marwick (2013), tanto as plataformas como os utilizadores desempenham um papel fulcral na definição destas normas em contextos online. Existe assim, a necessidade das RSO moderarem os discursos online, com vista à promoção da saúde sexual.

O estudo da amostra inquirida salientou que a maioria dos jovens despende várias horas por dia na internet, principalmente em RSO como o Instagram, WhatsApp, TikTok e YouTube. Embora as mesmas desempenhem um papel importante na vida dos jovens, a maioria deles diz não se ter envolvido em relacionamentos exclusivamente online de natureza romântica ou sexual, observamos que neste domínio, as RSO são potencialmente vistas como veículo para a construção de confiança e partilha de interesses entre jovens, o que posteriormente pode evoluir para relacionamentos offline, como sugere o estudo de Vinti et. al. (2016), realizado a um grupo de adolescentes.

A maioria dos jovens entrevistados reconhece que as RSO tornam a comunicação mais fácil e livre entre eles, nessa perspetiva, uma parte considerável declarou partilhar conteúdo sexual online por prazer, por desejo de agradar ao recetor e / ou por estar envolvida afetivamente. Instagram e WhatsApp são as RSO preferidas para a realização desta prática, e a utilização de imagens é comum, bem como o sexting. O conteúdo sexualmente explícito involuntário reflete um problema atual das RSO, existindo a necessidade de regulamentar e

filtrar certos conteúdos inapropriados, de modo a proteger os utilizadores, especialmente os mais jovens, e o impacto potencial desse contacto nas suas identidades sexuais, como declara a representante da APF.

Os jovens estão conscientes dos riscos associados às práticas online, mas muitas vezes não agem de forma consciente e saudável, evidenciando a necessidade de intervenções educativas direcionadas. Na perspetiva de Eisenstein (2013) e Sfoggia e Kowacs (2014), o cyberbullying e o sexting abusivo são identificados como comportamentos prejudiciais à saúde mental dos jovens, que podem ser colmatados através da educação sexual, treino da assertividade pessoal e consciencialização de riscos, com o auxílio relevante de profissionais de saúde, educadores e pais. Destarte, torna-se primordial a adoção de medidas de proteção, a denúncia de comportamentos inadequados e a prevenção de predadores sexuais online, afim de garantir a segurança dos jovens e a promoção de uma comunicação e vivência saudáveis da sexualidade juvenil.

Constituíram-se limitações à presente investigação, a escassa disponibilidade ou capacidade de resposta, de alguns organismos portugueses, que tratam questões da sexualidade juvenil em contextos online, para contribuir com a sua experiência e conhecimento para uma melhor representação e fundamentação do atual estudo. O que denota a falta de cuidado capital, dos organismos competentes, perante a importância deste tema na atual sociedade. Apesar de não disporem de dados regionais (Lisboa), o contributo precioso dos dois organismos entrevistados, que forneceram testemunhos reais do trabalho que desenvolvem com jovens, ajudou na superação dessa limitação. O cariz sensível e ético das questões a abordar neste estudo, representou outra limitação, contudo, os 85 jovens inquiridos mostraram-se recetivos em colaborar e os seus dados foram devidamente tratados.

Como ponto de partida para futuras pesquisas nesta esfera de investigação, seria adequado alargar a análise para uma amostra maior de inquiridos e / ou até para outra região demográfica, afim de captar eventuais disparidades na (auto)perceção dos inquiridos e no trabalho realizado pelas entidades competentes locais acerca das condutas e questões de natureza sexual em contextos online. Com o intuito de aprofundar as influências oriundas dos referidos processos de comunicação, seria justificável entrevistar, com maior pormenor, jovens que sofreram repercussões significativas, resultantes do seu envolvimento sexual nas RSO.

Em suma, a presente dissertação pretendeu conceber contributos significativos que auxiliassem uma abordagem mais informada e inclusiva da inter-relação entre sexualidade juvenil e as RSO, focando-se em apoiar o desenvolvimento saudável e o bem-estar de cada jovem na relação que este estabelece com ambientes digitais em contínua transformação. Por sua vez, ambicionou contribuir para uma sociedade mais tolerante, respeitosa e solidária no que respeita as experiências dos jovens em relação à sexualidade e à comunicação nas RSO.

Referências bibliográficas

- Aboim, S. (2011). *Redes Sociais e Comportamento Sexual: para uma visão relacional da sexualidade, do risco e da prevenção*. Saúde e Sociedade.
- Albury, K e Crawford, K. (2012). Sexting, consent and young people's ethics: beyond Megan's story, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Allen, S. (2015). Adolescents, social media, and the use of self-portraiture in identity formation, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Babbie, E. (2021). *The practice of social research*. Boston.
- Baptista, A. (2004). *Fenomenologia e Sentido da Sexualidade Humana no Magistério de João Paulo II*. Tese de Mestrado em Filosofia. Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, citado por Sequeira, A. (2011).
- Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa.
- Barry, C., Doucette, H., Loflin, D., Rivera-Hudson, N. e Herrington, L. (2017). "Let me take a selfie": Associations between self-photography, narcissism, and self-esteem. *Psychology of Popular Media Culture*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Baumgartner, S., Valkenburg, P. e Peter, J. (2010). Unwanted online sexual solicitation and risky sexual online behavior across the lifespan. *Journal of Applied Developmental Psychology*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Beck, U. e Beck-Gernsheim, E. (2002). *Individualization: institutionalized individualism and its social and political consequences*. Londres: Sage, citado por Aboim, S. (2011).
- Berger, P. e Luckmann, T. (1973). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Bia, M. (2008). *A influência do parto no funcionamento sexual feminino – um estudo piloto*. Tese de Mestrado em Sexualidade Humana. Faculdade de Medicina de Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Blaikie, N. (2019). *Design social research*. Polity.
- Bozon, M. (2005). *Sociologie de la sexualité*. Paris: Armand Colin, citado por Aboim, S. (2011).
- Boyd, D. (2008). Why youth (heart) social network sites: the role of networked publics in teenager social life. In: Buckingham D (ed.) *Youth, Identity, and Digital Media*. Cambridge, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Branch, K., Rosick, C., Johnson, E. e Solano, J. (2017). Revenge porn victimization of college students in the United States: An exploratory analysis. *International Journal of Cyber Criminology*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Braun-Courville, D. e Rojas, M. (2009). Exposure to sexually explicit web sites and adolescent sexual attitudes and behaviors. *Journal of Adolescent Health*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Brown, T., Lugar, H., Coalson, R., Miezin, F., Petersen, S. e Schlaggar, B. (2005). Developmental changes in human cerebral functional organization for word generation. *Cerebral Cortex*, 15(3), citado por Eleuteri et al. (2017).
- Bryman, A. (2015). *Social research methods*. Oxford Press.
- Burgess, J., Cassidy, E., Duguay, S., e Light, B. (2016). Making digital cultures of gender and sexuality with social media. *Social Media + Society*, vol. 2, n. 4.
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, citado por Marwick, A. (2013).
- Cameron, D. (1998). *The feminist critique of language: A reader*. New York: Routledge, citado por Marwick, A. (2013).
- Cameron, D. e Kulick, D. (2003). *Language and sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press, citado por Marwick, A. (2013).
- Campbell, J. (2004). *Getting it on online: Cyberspace, gay male sexuality, and embodied identity*. New York, NY: Routledge, citado por Burgess, J. et al. (2016).
- Carvalho, A. (2017). *Referencial de Educação para a Saúde*. Direção-Geral da Educação e Direção-Geral da Saúde.
- Cooper, M. e Dzara, K. (2010). The Facebook revolution: LGBT identity and activism. In C. Pullen e M. Cooper (Eds.). *LGBT identity and online new media*. New York, NY: Routledge, citado por Burgess, J. et al. (2016).

- Cordeiro, M. (2003). Sexualidade. Algumas questões, inserido em Sá, E. et al. Quero-te. Psicologia da Sexualidade. Quarteto Editora. Coimbra, citado por Sequeira, A. (2011).
- Correll, S. (1995). The ethnography of an electronic bar: The lesbian cafe. *Journal of Contemporary Ethnography*, citado por Burgess, J. et al. (2016).
- Creswell, J. (2003). *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. Thousand Oaks. Sage.
- Damáσιο, A. (2000). *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Publicações Europa América. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Döring, N. (2000). Feminist views of cybersex: victimization, liberation, and empowerment. *CyberPsychology & Behavior*, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Draper, N. (2012). Is your teen at risk? Discourses of adolescent sexting in United States television news. *Journal of Children and Media*, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Durston, S., Davidson, M., Tottenham, N., Galvan, A., Spicer, J., Fossella, J. e Casey, B. (2006). A shift from diffuse to focal cortical activity with development. *Development Science*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Eaton, D., Kann, L., Kinchen, S., Ross, J., Hawkins, J., Harris, W., ... Wechsler, H. (2006). Youth risk behavior surveillance – United States. *Journal of School Health*, 76(7), citado por Eleuteri et al. (2017).
- Eisenstein, E. (2013). *Desenvolvimento da sexualidade da geração digital*. Adolescência & Saúde. Rio de Janeiro.
- Eleuteri, S., Saladino, V. e Verrastro, V. (2017). Identity, relationships, sexuality, and risky behaviors of adolescents in the context of social media. *Sexual and Relationship Therapy*.
- Erikson, E. (1968). *Identity, youth and crisis*. New York, NY: Norton, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Fausto-Sterling, A. (2000). *Sexing the body: Gender politics and the construction of sexuality*. New York: Basic Books, citado por Marwick, A. (2013).
- Freeman-Longo, R. (2000). Children, teens, and sex on the Internet. *Sexual Addiction & Compulsivity*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Gauntlett, D. (2008). *Media, gender and identity: An introduction*. London: Psychology Press, citado por Marwick, A. (2013).
- Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures*. EUA: Basic Books.
- Giddens, A. (1996). *As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta, citado por Aboim, S. (2011).
- Goffman, E. (1977). *The arrangement between the sexes*. *Theory and Society*, citado por Marwick, A. (2013).
- Goffman, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Goldstein, L. (2009). *Documenting and denial: discourses of sexual self-exploitation*, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Goleman, D. (1997). *Inteligência emocional*. Temas e Debates. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Goleman, D. (2000). *Trabalhar com a Inteligência Emocional*. Temas e Debates. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Goleman, D., Boyatzis, R. e Mckee, A. (2007). *Os Novos Líderes – A Inteligência Emocional nas Organizações*. Gradiva. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Gomes, R. (2009). *Alguns Factores que Influenciam o Desejo Sexual do Casal Durante a Gravidez*. Tese de Mestrado em Sexualidade Humana. Faculdade de Medicina de Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Gravningen, K., Aicken, C., Schirmer, H. e Mercer, C. (2016). Meeting sexual partners online: Associated sexual behaviour and prevalent chlamydia infection among adolescents in Norway: A cross-sectional study. *Sexually Transmitted Infections*, 92(2), citado por Eleuteri et al. (2017).
- Griffiths, M. (2000). Does Internet and computer “addiction” exist? Some case study evidence. *CyberPsychology and Behavior*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Griffiths, M. (2012). Facebook addiction: Concerns, criticisms and recommendations. *Psychological Reports*, citado por Eleuteri et al. (2017).

- Guerra, I. (2002). Fundamentos e processos de uma sociologia de ação – o planeamento em ciências sociais. Principia.
- Halpern-Felsher, B., Baker, M. e Stitzel, S. (2016). Decision-making in adolescents and young adults. In M. Diefenbach, S. Miller-Halegoua e D. Bowen (Eds.). Handbook of health decision science. New York, NY: Springer, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Hasinoff, A. (2013). Sexting as media production: Rethinking social media and sexuality. New Media & Society.
- Heckathorn, D. et al. (1999). Aids and social networks: HIV prevention through network mobilization. Sociological Focus, Cincinnati, citado por Aboim, S. (2011).
- Hertlein, K. e Blumer, M. (2013). The couple and family technology framework: Intimate relationships in a digital age. New York, NY: Routledge, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Hofmann, J. (1999). Writers, texts and writing acts: Gendered user images in word processing software. In D. MacKenzie e Judy Wajcman (Eds.). The social shaping of technology. New York: Open University Press, citado por Marwick, A. (2013).
- IPPF. (2009). Direitos Sexuais: Uma Declaração da IPPF. Federação Internacional de Planeamento Familiar. Brasil, citado por Sequeira, A. (2011).
- Kendall, L. (2002). Hanging out in the virtual pub: Masculinities and relationships online. Berkeley: University of California Press, citado por Marwick, A. (2013).
- Kerckhove, D. (2009). A pele da Cultura. São Paulo: Annablume.
- Kessler, S. e McKenna, W. (1978). Gender: An ethnomethodological approach. Chicago: University of Chicago Press, citado por Marwick, A. (2013).
- Knop, K., Oncu, J., Penzel, J., Abele, T., Brunner, T., Vorderer, P. e Wessler, H. (2016). Offline time is quality time: Comparing within-group self-disclosure in mobile messaging applications and face-to-face interactions. Computers in Human Behavior, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Kroger, J. (2000). Identity development: Adolescence through adulthood. Newbury Park, CA: Sage, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Lenhart, A. (2009). Teens and Sexting: How and Why Minor Teens Are Sending Sexually Suggestive Nude or Nearly Nude Images via Text Messaging. Pew Internet & American Life Project, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Light, B., Fletcher, G. e Adam, A. (2008). Gay men, Gaydar and the commodification of difference. Information Technology and People, citado por Burgess, J. et al. (2016).
- Livingstone, S., Bober, M. e Helsper, E. (2005). Active participation or just more information? Young people's take up of opportunities to act and interact on the Internet. Information, Communication and Society, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Lopes, C. (2008). Influências Familiares na Conjugalidade: o Clima Relacional na Família de Origem, a Satisfação Conjugal e a Proximidade Conjugal. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Lorber, J. (1994). Night to his day: The social construction of gender. In Paradoxes of Gender. New Haven, CT: Yale University Press, citado por Marwick, A. (2013).
- Machado, J. (2003). Sexualidade e História, inserido em Gomes, A. et al. A Sexologia: perspectiva Multidisciplinar. Quarteto. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Machado, P., Veríssimo, M. e Peixoto, F. (2006). Avaliação do impacto de um programa de educação emocional em jovens pré-adolescentes, inserido em Actas do VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Évora, citado por Sequeira, A. (2011).
- Marques, F. e Teixeira, F. (2012). A educação em sexualidade e os media. Revista Elo, v. 19.
- Martins, S. (2003). Alterações do Desejo Sexual Masculino, inserido em Fonseca, L. et al. A Sexologia - Perspectiva Multidisciplinar I. Quarteto Editora. Coimbra, citado por Sequeira, A. (2011).
- Marwick, A. (2008). To catch a predator? The MySpace moral panic, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Marwick, A. (2013). Gender, Sexuality and Social Media. In Senft, T. e Hunsinger, J. (eds). The Social Media Handbook. New York: Routledge.
- Medrano, J., Rosales, F. e Gamez-Guadix, M. (2017). Assessing the links of sexting, cybervictimization, depression, and suicidal ideation among university students. Archives of Suicide Research, citado por Eleuteri et al. (2017).

- Miller-Perril, C. e Wurtele, S. (2016). Sex trafficking and the commercial sexual exploitation of children. *Women & Therapy*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Monk, C., McClure, E., Nelson, E., Zarahn, E., Bilder, R., Leibenluft, E., ... Pine, D. (2003). Adolescent immaturity in attention-related brain engagement to emotional facial expressions. *NeuroImage*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, citado por Santos et al. (2021).
- Mowlabocus, S. (2010). *Gaydar culture: Gay men, technology and embodiment in the digital age*. Farnham, UK: Ashgate, citado por Burgess, J. et al. (2016).
- Munno, D., Cappellin, F., Saroldi, M., Bechon, E., Guglielmucci, F., Passera, R., ... Zullo, G. (2017). Internet addiction disorder: Personality characteristics and risk of pathological overuse in adolescents. *Psychiatry Research*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Oliveira, M. e Paulo, M. (2008). Influência dos media no processo de desenvolvimento do adolescente. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*. Faculdade de Ciências da Saúde de Garça. Editora FAEF.
- Pereira, H. e Leal, P. (2005). A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde. *Análise Psicológica*. Instituto de Psicologia Aplicada. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Puerto, C. (2009). *Educação Sexual e a Escola. Educar-se para educar. Manual para Pais, Professores e Educadores*. IdBooks. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Queiroz, T. (2019). *Juventude, sexualidade e novas tecnologias de comunicação: uma etnografia no contexto escolar em Recife*. Tese de doutoramento. Universidade Federal de Pernambuco.
- Ramirez, A. e Wang, Z. (2008). When online meets offline: An expectancy violations theory perspective on modality switching. *Journal of Communication*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Ross, M. (2005). Typing, doing and being: sexuality and the internet. *The Journal of Sex Research*, citado por Sfoggia, A. e Kowacs, C. (2014).
- Rubia, K., Overmeyer, S., Taylor, E., Brammer, M., Williams, S., Simmons, A., ... Bullmore, E. (2000). Functional frontalisation with age: Mapping neurodevelopmental trajectories with fMRI. *Neuroscience & Biobehavioral Review*, 24(1), citado por Eleuteri et al. (2017).
- Rubia, K., Smith, A., Woolley, J., Nosarti, C., Heyman, I., Taylor, E., e Brammer, M. (2006). Progressive increase of frontostriatal brain activation from childhood to adulthood during eventrelated tasks of cognitive control. *Human Brain Mapping*, 27(12), citado por Eleuteri et al. (2017).
- Sá, C. *Núcleo central das representações sociais*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, citado por Santos et al. (2021).
- Sabat, R. (2001). *Pedagogia cultural, género e sexualidade*. *Estudos Feministas*, citado por Marques, F. e Teixeira, F. (2012).
- Santos, G., Queiroz, A., Tura, L., Penna, L., Parmejiani, E. e Pinto, C. (2021). Social representations of adolescents about sexuality on the internet. *Rev Esc Enferm USP*.
- Sequeira, A. (2011). *A afetividade e sexualidade dos adolescentes com T21 que frequentam o 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico público da área da Grande Lisboa e as suas implicações na transição para a vida adulta*. Mestrado em Necessidades Educativas Especiais. ISEC Lisboa.
- Sfoggia, A. e Kowacs, C. (2014). *Sexualidade e novas tecnologias*. *Revista brasileira de psicoterapia*. Porto Alegre.
- Shade, L. (2007). Contested spaces: protecting or inhibiting girls online? In: Weber, S. and Dixon, S. (eds) *Growing Up Online: Young People and Digital Technologies*. New York: Palgrave. Macmillan, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Silva, T. (2000). *Teoria cultural e educação. Um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, citado por Marques, F. e Teixeira, F. (2012).
- Silva, R. (2010). *A inteligência emocional como factor determinante nas relações interpessoais*. Tese de Mestrado em Gestão/MBA. Universidade Aberta. Lisboa, citado por Sequeira, A. (2011).
- Simon, L. e Daneback, K. (2013). Adolescents' use of the Internet for sex education: A thematic and critical review of the literature. *International Journal of Sexual Health*, 25(4), citado por Eleuteri et al. (2017).

- Slane, A. (2010). From scanning to sexting: the scope of protection of dignity-based privacy in Canadian child pornography law. *Osgoode Hall Law Journal*, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Steinberg, L. (2008). A social neuroscience perspective on adolescent risk-taking. *Developmental Review*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Stryker, S. (2006). (De)subjugated knowledges: An introduction to transgender studies. In S. Whittle e S. Stryker (Eds.). *The transgender studies reader*. New York: Routledge, citado por Marwick, A. (2013).
- Tamm, L., Menon, V. e Reiss, A. (2002). Maturation of brain function associated with response inhibition. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Thiel-Stern, S. (2009). Femininity out of control on the Internet: a critical analysis of media representations of gender, youth, and MySpace.com in international news discourses. *Girlhood Studies: An Interdisciplinary Journal*, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Thurlow, C. e Bell, K. (2009). Against technologization: young people's new media discourse as creative cultural practice. *Journal of Computer-Mediated Communication*, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Tripodi, F., Eleuteri, S., Giuliani, M., Rossi, R., Livi, S., Petrucelli, I. e Simonelli, C. (2015). Unusual online sexual interests in heterosexual Swedish and Italian university students. *Sexologies*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Turner, J., Hogg, M., Oakes, P., Reicher, S. e Wetherell, M. (1987). *Rediscovering the Social Group: A Self-Categorization Theory*. Oxford & New York: Blackwell.
- Van Den Eijnden, R., Meerkerk, G., Vermulst, A., Spijkerman, R. e Engels, R. (2008). Online communication, compulsive Internet use, and psychosocial well-being among adolescents: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Van Zoonen, L. (1994). *Feminist media studies*. SAGE: London, citado por Marwick, A. (2013).
- Vilar, D. (2003). *Falar Disso: a educação sexual nas famílias dos adolescentes*. Porto Editora, citado por Sequeira, A. (2011).
- Vinti B., Wheldon, C., McFarlane, M., Brogan, N. e Walsh-Buhi, E. (2016). Assessing relationship and sexual satisfaction in adolescent relationships formed online and offline. *Journal of Adolescent Health*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Vogt, C. e Knapman, S. (2008). The anatomy of social networks. *Market Leader*, citado por Sfoggia, A. e Kowacs, C. (2014).
- West, C. e Zimmerman, D. (1987). *Doing gender*. *Gender & society*, citado por Marwick, A. (2013).
- Wolak, J., Finkelhor, D., Mitchell, K. et al. (2008). Online 'predators' and their victims: myths, realities, and implications for prevention treatment. *American Psychologist*, citado por Hasinoff, A. (2013).
- Woods, H. e Scott, H. (2016). Sleepyteens: Social media use in adolescence is associated with poor sleep quality, anxiety, depression and low self-esteem. *Journal of Adolescence*, citado por Eleuteri et al. (2017).
- Wynn, E. e Katz, J. (1997). Hyperbole over cyberspace: Self-presentation and social boundaries in internet home pages and discourse. *The Information Society*, citado por Marwick, A. (2013).

ANEXO A – Guião de entrevista



Sou estudante do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa e esta entrevista enquadra-se no âmbito de uma dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, tendo como principais objetivos: precisar as noções de comunicação nas redes sociais online e de sexualidade, bem como a sua inter-relação, à luz do contexto juvenil; identificar, interpretar e aprofundar as formas de influência da comunicação nas redes sociais online na construção / desenvolvimento da sexualidade dos jovens em Lisboa. As respostas recolhidas são confidenciais e somente tratadas no âmbito desta dissertação, não sendo divulgadas a terceiros. Em todo o processo estará garantido o anonimato, nomeadamente através da omissão de dados ou informações que conduzam à identificação do entrevistado.

1ª Parte – Experiência sexual: práticas

1. Quais acha que são as práticas sexuais mais comuns entre os jovens em Lisboa? Como se caracterizam?
2. De que modo as representações sociais da sexualidade online entre os jovens se relacionam com as normas culturais e sociais predominantes? São mais ou menos transgressoras ou condicentes?
3. Como é que as práticas sexuais eventualmente influenciadas pela comunicação online podem impactar a saúde sexual e emocional dos jovens?
4. Quais são as principais repercussões das práticas sexuais entre os jovens, nomeadamente na saúde sexual e emocional? Tanto positivas quanto negativas.

2ª Parte – Experiência sexual: atitudes

5. Segundo o autor Machado (2003), a noção de prazer é considerada determinante para o bem-estar afetivo-emocional. De que forma pensa que a procura pelo prazer influencia as atitudes e comportamentos dos jovens em relação à sexualidade?
6. Outro autor, Lopes (2008), aponta que as relações "afetivo-sexuais" estão repletas de emoções, intimidade física e psicológica. Como é que acha que a vivência dessas emoções pode afetar a forma como os jovens se relacionam sexualmente?
7. Quais pensa sejam as principais repercussões, tanto positivas quanto negativas, dos comportamentos sexuais dos jovens para a sua saúde física e emocional? E, no mesmo sentido, de que forma a tomada de decisões dos jovens em relação à sexualidade podem influenciar a sua identidade e bem-estar?

8. Como pensa que a representação pessoal (construção de uma identidade online) nas redes sociais online pode influenciar o comportamento dos jovens?

3ª Parte – Experiência sexual: discursos

9. De que modo a autopercepção e identidade pessoal podem afetar a forma como os jovens se categorizam em relação à sua identidade social? Como pensa que isso pode influenciar as atitudes e comportamentos dos jovens em relação à sexualidade?
10. De que forma a comunicação online nas redes sociais tem impactado a percepção da sexualidade pelos jovens?
11. Como é que as questões da sexualidade e género são integradas no conhecimento e identidade de cada indivíduo? Pensa que os media podem ser importantes para a socialização dos jovens nesse contexto?
12. Segundo Marques e Teixeira (2012), os valores e atitudes presentes nos discursos dos media, em áreas como o vestuário, ficção, publicidade e música, afetam a percepção e construção da sexualidade dos jovens. Pensa que a hipervalorização da sexualidade pode dissimular outras questões económicas e sociais?
13. Quais são as responsabilidades dos media, caso considere que as têm, no que diz respeito às questões de sexualidade e género? Podem os seus discursos promover a saúde sexual, desconstruir estereótipos sexuais e fornecer ferramentas para avaliar os efeitos negativos da influência mediática na sexualidade dos jovens?

4ª Parte – Redes sociais online: acesso

14. Quais pensa serem as principais redes sociais online utilizadas pelos jovens em Lisboa? Pode mencionar algumas plataformas específicas e discutir o motivo pelo qual são populares.
15. Quais pensa serem os principais motivos que levam os jovens em Lisboa a aceder às redes sociais online? Acredita que esses motivos podem estar também relacionados com a construção e desenvolvimento da sua sexualidade?
16. Segundo o estudo de Vinti et al. (2016), os jovens referem estar mais satisfeitos com relações que surgiram em contexto offline. Com base nisso, como pensa que as relações construídas através das redes sociais online podem impactar a forma como os jovens em Lisboa desenvolvem e exploram a sua sexualidade?

5ª Parte – Redes sociais online: utilização

17. De que forma as redes sociais online têm influenciado a forma como os jovens comunicam entre si, atualmente?
18. Quais pensa serem as principais formas de comunicação utilizadas pelos jovens nas redes sociais online?

19. Quais pensa serem os principais benefícios e desafios decorrentes da inter-relação entre a comunicação online e a sexualidade juvenil?
20. Em que medida as redes sociais online proporcionam uma maior rede de apoio e sociabilidade para os jovens em termos de sexualidade?
21. De que forma as tecnologias da informação permitem aos jovens explorar e refletir criticamente sobre seus próprios desejos sexuais e experiências associadas?
22. Em que medida as redes sociais online permitem aos jovens uma maior liberdade para escolher sua sexualidade e/ou género e formular identidades alternativas?
23. De que modo os proprietários das plataformas de redes sociais online influenciam a forma como a comunicação sobre sexualidade é estruturada?
24. De que maneira a comunicação incessante e a exposição em redes sociais online afetam a construção e o desenvolvimento da sexualidade dos jovens em Lisboa?

6ª Parte – Saúde: comportamentos online de risco

25. Quais são os principais desafios ou preocupações relacionadas à comunicação nas redes sociais online e a sua influência na sexualidade juvenil em Lisboa? De que forma é que esses desafios podem ser abordados ou minimizados?
26. De que modo os comportamentos online dos jovens, como selfies e a partilha de conteúdo sexual, podem afetar a sua autoestima e identidade?
27. Que estratégias educativas pensa que podem ser implementadas para ajudar os jovens a lidar com os riscos e desafios das redes sociais online?
28. Quais são os sinais de alerta a que os pais e educadores devem estar atentos em relação ao uso das redes sociais online pelos jovens?
29. Como pensa que os jovens podem equilibrar a utilização saudável das redes sociais com a sua privacidade e segurança?
30. Quais pensa serem as principais consequências do cyberbullying e do sexting na saúde mental dos jovens e como podemos prevenir esses comportamentos?
31. Qual pode ser o papel dos profissionais de saúde na orientação e apoio aos jovens no que respeita a utilização das redes sociais online?
32. Quais são as medidas cruciais de proteção e segurança que os jovens devem adotar ao usar as redes sociais online?
33. Qual é a forma mais eficaz de lidar com a preocupação dos predadores sexuais online e garantir a segurança dos jovens nas redes sociais online?

Obrigado pela sua participação!

iscte

**SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS**

A sexualidade dos jovens e as redes sociais online

Caro(a) participante, sou estudante do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa e este questionário enquadra-se no âmbito de uma dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, tendo como principais objetivos: precisar as noções de comunicação nas redes sociais online e de sexualidade, bem como a sua inter-relação, à luz do contexto juvenil; identificar, interpretar e aprofundar as formas de influência da comunicação nas redes sociais online na construção / desenvolvimento da sexualidade dos jovens em Lisboa.

As respostas recolhidas são confidenciais e somente tratadas no âmbito desta dissertação, não sendo divulgadas a terceiros. Em todo o processo estará garantido o anonimato, nomeadamente através da omissão de dados ou informações que conduzam à identificação do entrevistado.

Para participar no presente questionário deverá possuir entre 16 e 18 anos (inclusive), residir no distrito de Lisboa e ser utilizador frequente das redes sociais online. O questionário tem uma duração aproximada de 10 minutos.

Aproveito para agradecer desde já o seu contributo para a dissertação que me encontro a desenvolver, será certamente um elemento frutífero para a identificação e representação das formas de influência da comunicação nas redes sociais online na construção / desenvolvimento da sexualidade dos jovens em Lisboa, bem como uma mais valia para os resultados futuros que me propus a alcançar.

Em caso de dúvida ou se encontrar algum problema que queira comunicar, deverá entrar em contacto através do seguinte email: [rfaco@iscte-iul.pt](mailto:rfac@iscte-iul.pt).

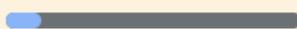
Ao prosseguir com o preenchimento e submissão do presente questionário, confirma que leu e compreendeu o objetivo de estudo e que aceita as condições para participar nesta investigação.

rccouto8@gmail.com [Mudar de conta](#)



Não partilhado

Seguinte



Página 1 de 8

[Limpar formulário](#)

Nunca envie palavras-passe através dos Google Forms.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Utilização](#) - [Política de privacidade](#)

Google Formulários



Parte I - Caracterização pessoal

1. Qual é a sua idade?

- 16
- 17
- 18

2. Género:

- Feminino
- Masculino
- Transgénero
- Não-binário
- Outro. Qual? _____
- Prefiro não responder

3. Orientação sexual:

- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual
- Assexual
- Pansexual
- Outro. Qual? _____
- Prefiro não responder

4. Estudos que concluiu:

- Ensino básico
- Ensino secundário
- Outro. Qual? _____

5. Ano do curso em que se encontra:

- 8º ano
- 9º ano
- 10º ano
- 11º ano
- 12º ano
- Ensino superior
- Outro. Qual? _____

6. Quem integra o seu agregado familiar?

- Vive com o(s) pai(s)
- Vive com amigos ou outros familiares
- Outro. Qual? _____

7. Área de residência:

- Meio rural
- Meio urbano
- Outro. Qual? _____

8. Nacionalidade:

- Portuguesa
- Outra. Qual? _____

9. Como se sente em relação ao seu corpo e aparência física? Numa escala de 1 a 5.

- 1 – Muito mal
- 2 – Mal
- 3 – Nem bem nem mal
- 4 – Bem
- 5 – Muito bem
- Outro. Qual? _____

Parte II - Experiência sexual: práticas

1. Com que frequência procura informações sobre sexualidade e saúde sexual/reprodutiva? Numa escala de 1 a 5.

- 1 – Nunca
- 2 – Raramente
- 3 – De vez em quando
- 4 – Frequentemente
- 5 – Sempre
- Outro. Qual? _____

2. Onde procura as informações supramencionadas?

- Em contexto escolar
- Na internet (sites, redes sociais online, podcasts, etc.)
- Em bibliografia especializada (livros, artigos, revistas, etc.)
- Em contexto familiar
- Com amigos
- Na televisão
- Com profissionais de saúde
- Outro. Qual? _____

3. Sente-se à vontade para discutir questões relacionadas com a sexualidade com os seus pais/responsáveis?

- Sim
- Não
- Depende dos assuntos

4. Numa escala de 1 a 5, como classifica o seu ambiente familiar quanto ao nível da abertura para o diálogo sobre temas relacionados com a sexualidade:

- 1 – Muito fechado
- 2 – Fechado
- 3 – Nem fechado nem aberto
- 4 – Aberto
- 5 – Muito aberto

- 5. Já teve acesso a informações sobre consentimento e relacionamentos saudáveis?**
- Sim
 - Não
 - Outro. Qual? _____
- 6. Se tivesse alguma dúvida ou preocupação sobre sexualidade, onde procuraria apoio ou orientação?**
- Amigos
 - Pais/responsáveis
 - Profissionais de saúde
 - Professores
 - Internet (fóruns, chat livre, pessoas anónimas, etc.)
 - Internet (google, ChatGPT, etc.)
 - Na internet (sites, redes sociais online, podcasts, etc.)
 - Em bibliografia especializada (livros, artigos, revistas, etc.)
 - Outro. Qual? _____
- 7. Como avalia o seu conhecimento sobre sexualidade humana e práticas seguras? Numa escala de 1 a 5.**
- 1 – Não tenho conhecimento
 - 2 – Possuo algumas noções sobre os temas
 - 3 – Considero-me razoavelmente informado
 - 4 – Tenho bastante conhecimento sobre os assuntos
 - 5 – Domino as matérias

Parte III - Experiência sexual: atitudes

- 1. Já teve experiências sexuais ou íntimas?**
- Sim
 - Não
 - Prefiro não responder
- 2. Caso essas experiências não tenham sido individuais, utilizou métodos contraceptivos ou outro tipo de proteção?**
- Sim
 - Não
 - Prefiro não responder
- 3. Se respondeu afirmativamente à primeira questão desta parte, qual foi a sua motivação? Pode selecionar mais que um motivo.**
- Curiosidade
 - Atração
 - Amor
 - Pressão social
 - Perder a virgindade
 - Prazer
 - Replicar comportamentos pornográficos
 - Prefiro não responder

4. Caso tenha respondido afirmativamente à primeira questão, como avalia a sua experiência relativamente à sexualidade humana e práticas seguras? Numa escala de 1 a 5.

- 1 – Não possuo experiência
- 2 – Tenho senso comum sobre a matéria e ajo consoante esse conhecimento
- 3 – Sei como agir saudavelmente em contexto sexual
- 4 – Estou bem informado(a) e procuro práticas seguras
- 5 – Domino a matéria e ajo sempre em segurança

5. Sente algum tipo de pressão para se envolver em atividades sexuais?

- Sim
- Não
- Prefiro não responder
- Outro. Qual? _____

6. Como classifica, numa escala de 1 a 5, a sua experimentação sexual até aos dias de hoje?

- 1 – Muito desadequada
- 2 – Desadequada
- 3 – Indiferente
- 4 – Adequada
- 5 – Muito adequada
- Outro. Qual? _____

Se não respondeu sim à primeira questão desta parte, passe para a próxima parte (IV).

7. Já foi testado para doenças sexualmente transmissíveis (DST)?

- Sim
- Não
- Não sei
- Prefiro não responder
- Outro. Qual? _____

8. Numa escala de 1 a 5. Qual pensa ser o nível de risco atual, que julga possuir, em contrair uma doença sexualmente transmissível (DST):

- 1 – Muito baixo
- 2 – Baixo
- 3 – Médio
- 4 – Alto
- 5 – Muito alto

9. Já contraiu doenças sexualmente transmissíveis (DST)?

- Sim
- Não
- Não sei
- Prefiro não responder
- Outro. Qual? _____

Parte IV - Experiência sexual: discursos

1. **Já participou em algum curso, seminário, programa ou aula sobre Educação Sexual?**
 - Sim
 - Não

2. **Como descreveria a sua experiência com a educação sexual que recebeu até agora? Numa escala de 1 a 5.**
 - 1 – Não recebi educação sexual
 - 2 – Má experiência
 - 3 – Não tenho interesse no que me foi ensinado
 - 4 – Acho que faz sentido e sinto-me confortável com o que me foi ensinado
 - 5 – Foi bastante útil e aplico o que aprendi
 - Não tenho opinião

3. **Qual é a sua opinião sobre a presença da “hipervalorização da sexualidade” nos discursos online?**
 - Está presente
 - Não existe
 - Não sei se existe
 - Outro. Qual? _____

4. **Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior, sente que a “hipervalorização da sexualidade” muitas vezes presente nos discursos online influencia o modo como a sua identidade sexual é formulada?**
 - Sim
 - Não
 - Não sei
 - Outro. Qual? _____

5. **Pela sua experiência, sente que os discursos online sobre as “questões de sexualidade e género” devem ser moderados pelas plataformas online, de modo a promover a saúde sexual e a evitar efeitos nefastos nos seus recetores?**
 - Sim
 - Não
 - Não sei
 - Outro. Qual? _____

Parte V - Redes sociais online: acesso

1. **Utiliza a internet regularmente? (horas por dia)**
 - Menos de 1 hora
 - 1 a 2 horas
 - 3 a 4 horas
 - 5 a 6 horas
 - 7 ou mais horas

2. Com que frequência acede às redes sociais online? (horas por dia)

- Menos de 1 hora
- 1 a 2 horas
- 3 a 4 horas
- 5 a 6 horas
- 7 ou mais horas

3. Quais são as redes sociais online que acede com mais frequência?

- Instagram
- Facebook
- Twitter
- Snapchat
- TikTok
- Youtube
- Pinterest
- WhatsApp
- Outro. Qual? _____

Parte VI - Redes sociais online: utilização

1. Já recebeu informações ou orientação sobre a sua segurança online e proteção da sua privacidade?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

2. Já recebeu informações sobre sexualidade e desenvolvimento sexual por via das redes sociais online?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

3. Já partilhou conteúdo de natureza sexual ou íntima online?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____
- Prefiro não responder

4. Se sim, quais foram os principais motivos? Pode seleccionar mais que um motivo.

- Curiosidade
- Desejo de agradar ao recetor do conteúdo
- Por nutrir sentimentos pelo recetor do conteúdo
- Pressão social
- Prazer
- Replicar comportamentos pornográficos
- Para exhibir-se online
- Porque foi forçado(a)
- Outro. Qual? _____
- Prefiro não responder

5. Já enviou ou recebeu mensagens de natureza sexual por meio de aplicações de mensagens ou redes sociais online?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____
- Prefiro não responder

Se não respondeu sim, passe para a questão 9.

6. Se respondeu sim à questão 5, em que rede(s) social online se sentiu mais confortável para o fazer?

- Instagram
- Facebook
- Twitter
- Snapchat
- TikTok
- Youtube
- Pinterest
- WhatsApp
- Outro. Qual? _____

7. Se respondeu sim à questão 5 e caso esteja disposto(a) a responder, quais são os formatos de mensagens de natureza sexual que mais utiliza?

- Selfies
- Outras fotografias
- Vídeos
- Áudios
- Outro. Qual? _____
- Prefiro não responder

8. Se respondeu sim à questão 5, já se sentiu exposto(a) ou vulnerável devido à partilha de informações sobre sua sexualidade nas redes sociais online?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____
- Prefiro não responder

9. Já se deparou com conteúdo sexualmente explícito ou pornográfico sem procurar?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

10. Caso tenha respondido afirmativamente à questão 9, como lida com a partilha de conteúdo sexualmente explícito ou inadequado nas redes sociais online?

- Ignoro
- Fico transtornado(a)
- Aprecio

- Denuncio
- Outro. Qual? _____

11. Sente-se seguro(a) ao interagir com outras pessoas online em relação à sexualidade?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

12. Já se envolveu em relacionamentos online de natureza romântica ou sexual?

- Romântica
- Sexual
- Ambos
- Não
- Outro. Qual? _____

13. Sente-se à vontade para falar com alguém de confiança sobre experiências ou preocupações relacionadas à sexualidade online?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

14. Sabe como proteger as suas informações pessoais e a sua privacidade enquanto utiliza a internet?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

15. Como percebe a influência das redes sociais online na sua compreensão sobre sexualidade, relacionamentos e práticas sexuais? Numa escala de 1 a 5.

- 1 – Não influencia
- 2 – Influencia determinadas questões
- 3 – É indiferente
- 4 – Tende a influenciar
- 5 – Influencia

16. Qual pensa ser o papel das mesmas na promoção de relacionamentos e práticas sexuais saudáveis e respeitadas?

- Fulcral, deviam incentivar as boas práticas
- Nulo, não terá influência nenhuma
- Outro. Qual? _____

17. Como percebe o impacto das redes sociais online na sua autoimagem e autoestima relacionadas à sexualidade? Numa escala de 1 a 5.

- 1 – Não tem impacto
- 2 – Tem pouco impacto
- 3 – É indiferente

- 4 – Tem algum impacto
- 5 – Tem muito impacto

18. Sente-se confortável a discutir assuntos relacionados à sexualidade em plataformas de redes sociais online?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

19. Se sim, em que rede(s) social online se sentiu mais confortável para o fazer?

- Instagram
- Facebook
- Twitter
- Snapchat
- TikTok
- Youtube
- Pinterest
- WhatsApp
- Outro. Qual? _____

20. Já presenciou ou participou em conversas que abordam questões de sexualidade nas redes sociais online?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

21. Já participou em grupos ou comunidades online relacionadas à sexualidade nas redes sociais online? Se sim, quais?

- Sim. Quais? _____
- Não

22. Acha que as redes sociais são neutras em termos de género?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

Parte VII - Saúde: comportamentos online de risco

1. Já teve acesso a informações sobre os riscos e consequências de partilhar conteúdo sexualmente explícito online?

- Sim
- Não
- Outro. Qual? _____

2. Já foi vítima de assédio, bullying ou de algum tipo de abuso online de natureza sexual?

- Sim

- Não
 - Outro. Qual? _____
- 3. Está ciente dos riscos associados à partilha de informações pessoais com estranhos online? Nomeadamente dos riscos associados à partilha de informações íntimas ou sexualmente explícitas nas redes sociais online?**
- Sim
 - Não
 - Outro. Qual? _____
- 4. Já se sentiu pressionado(a) a seguir padrões de aparência ou comportamento relacionados à sexualidade devido ao que viu nas redes sociais online?**
- Sim
 - Não
 - Outro. Qual? _____
- 5. Já se sentiu desconfortável ou ansioso(a) ao se comparar com outras pessoas nas redes sociais online em relação à sua sexualidade?**
- Sim
 - Não
 - Outro. Qual? _____
- 6. Já denunciou comportamentos inadequados ou preocupantes em plataformas online?**
- Sim
 - Não
 - Outro. Qual? _____
- 7. Acredita que as redes sociais online podem servir como uma fonte segura para procurar apoio ou orientação em questões de sexualidade, se necessário?**
- Sim
 - Não
 - Outro. Qual? _____
- 8. Acredita que as redes sociais online podem servir como um espaço seguro para partilhar experiências e preocupações relacionadas à sexualidade?**
- Sim
 - Não
 - Outro. Qual? _____
- 9. Acredita que a comunicação sobre sexualidade nas redes sociais online pode contribuir para uma educação sexual mais aberta e inclusiva?**
- Sim
 - Não
 - Outro. Qual? _____

10. Acredita que a comunicação sobre sexualidade nas redes sociais online pode afetar a sua saúde mental?

- Sim
- Não
- Indiferente
- Outro. Qual? _____

11. Em que situações acredita que o uso consciente e responsável das redes sociais online pode contribuir para um desenvolvimento sexual mais saudável?

- Esclarecimento de dúvidas
- Partilha de experiências
- Aprimoramento do conhecimento
- Consciencialização dos perigos
- Outro. Qual? _____

Muito obrigada pela sua colaboração!

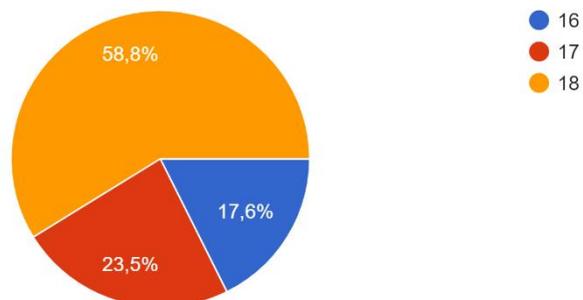
Caso pretenda receber informação sobre os resultados deste estudo, por favor envie email para: rfaco@iscte-iul.pt

ANEXO C – Resultados do inquérito

Parte I - Caracterização pessoal

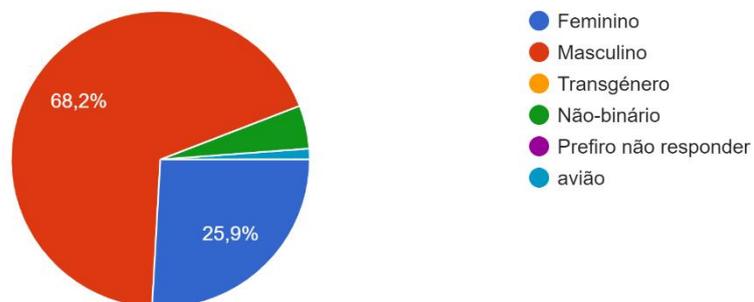
1. Qual é a sua idade?

85 respostas



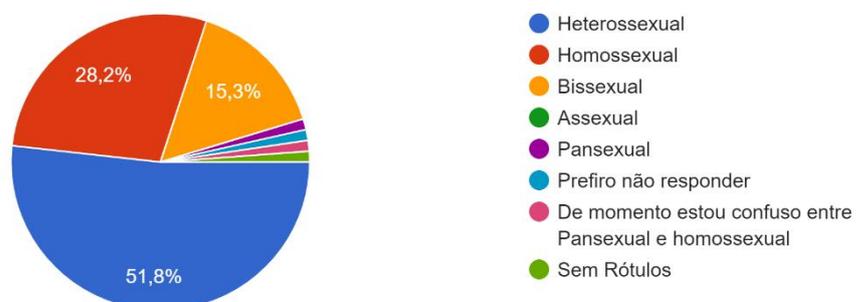
2. Género:

85 respostas



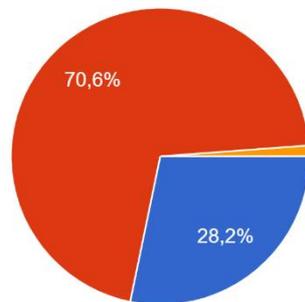
3. Orientação sexual:

85 respostas



4. Estudos que concluiu:

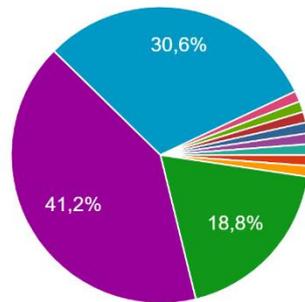
85 respostas



- Ensino básico
- Ensino secundário
- Estou a meio do ensino secundário

5. Ano do curso em que se encontra:

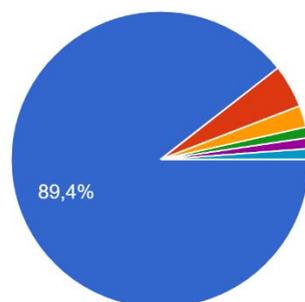
85 respostas



- 8º ano
 - 9º ano
 - 10º ano
 - 11º ano
 - 12º ano
 - Ensino superior
 - Terminei a escola
 - Assistir a aulas
- ▲ 1/2 ▼

6. Quem integra o seu agregado familiar?

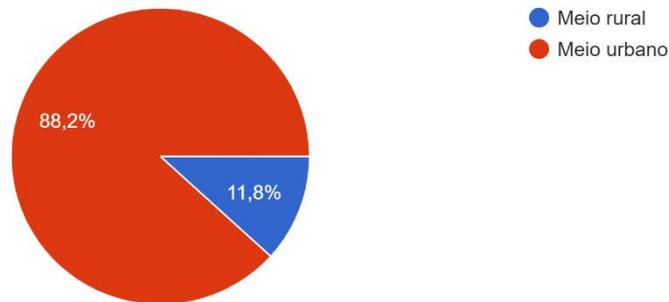
85 respostas



- Vive com o(s) pai(s)
- Vive com amigos ou outros familiares
- Sozinho
- Com a avó e a irmã mais nova.
- Vivo com a mãe padrasto e irmã
- i live with my mother and brother

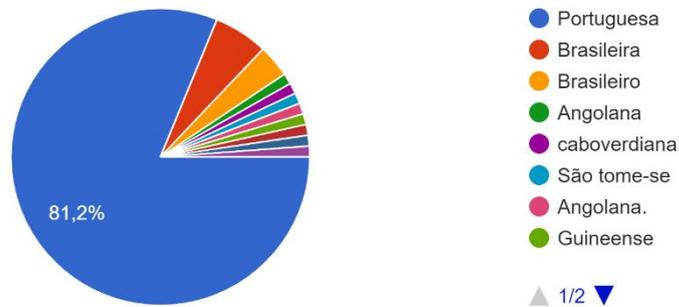
7. Área de residência:

85 respostas



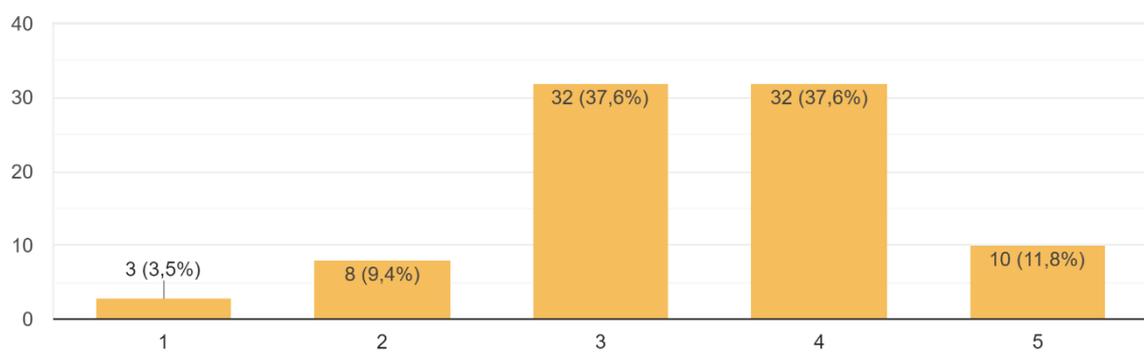
8. Nacionalidade:

85 respostas



9. Como se sente em relação ao seu corpo e aparência física? Numa escala de 1 a 5.

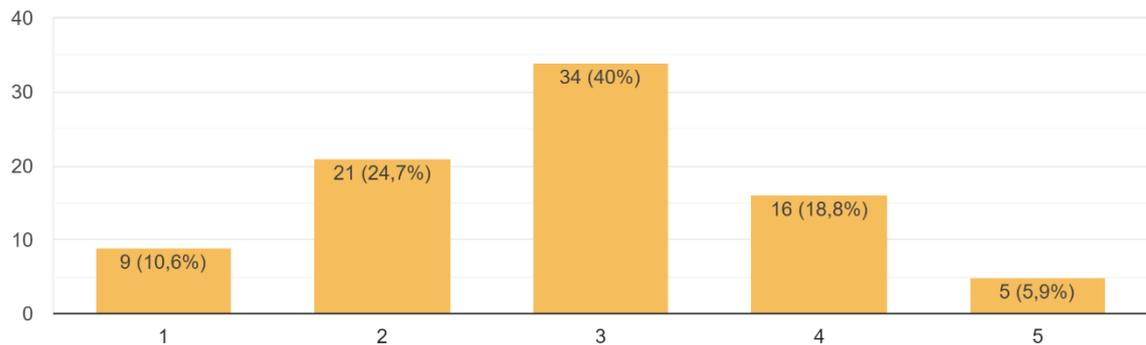
85 respostas



Parte II - Experiência sexual: práticas

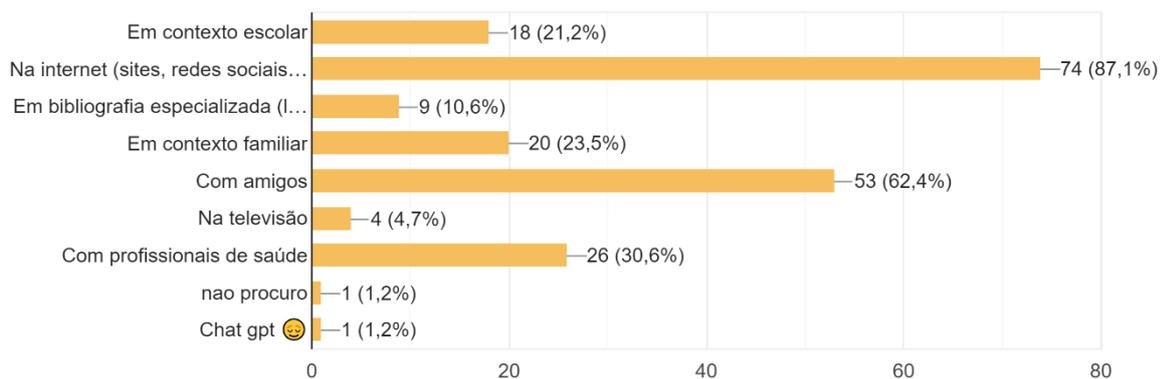
1. Com que frequência procura informações sobre sexualidade e saúde sexual/reprodutiva? Numa escala de 1 a 5.

85 respostas



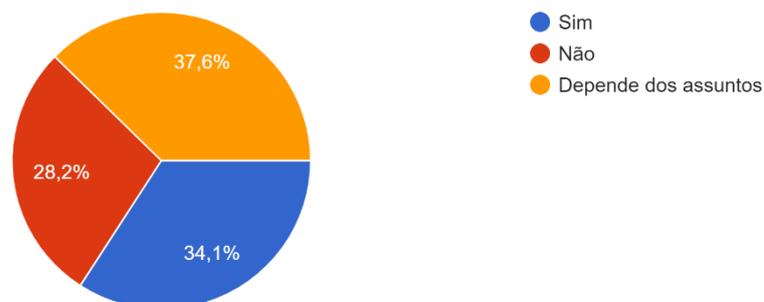
2. Onde procura as informações supramencionadas? Pode selecionar mais que uma resposta.

85 respostas



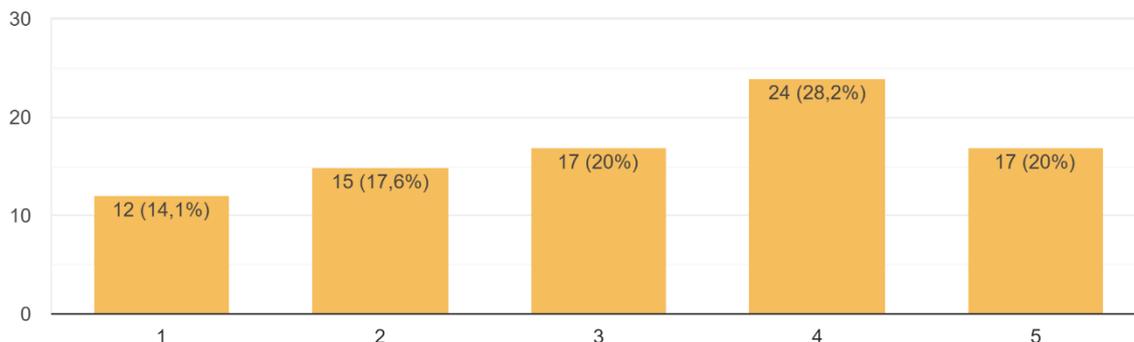
3. Sente-se à vontade para discutir questões relacionadas com a sexualidade com os seus pais/responsáveis?

85 respostas



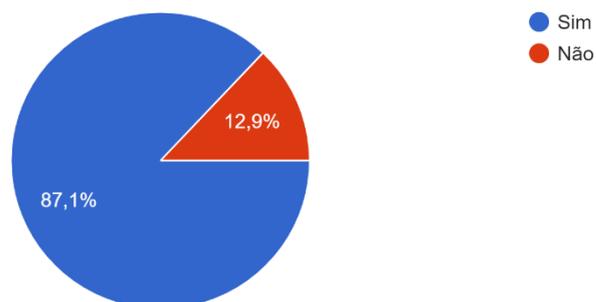
4. Numa escala de 1 a 5, como classifica o seu ambiente familiar quanto ao nível da abertura para o diálogo sobre temas relacionados com a sexualidade:

85 respostas



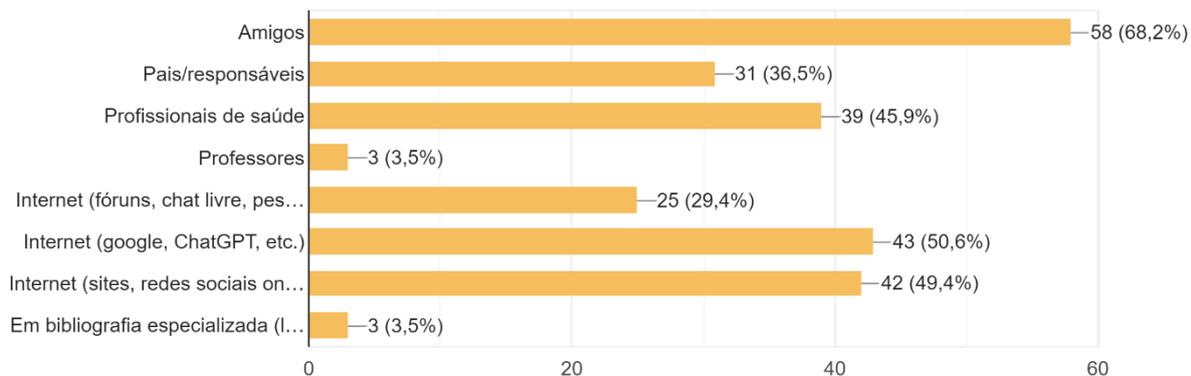
5. Já teve acesso a informações sobre consentimento e relacionamentos saudáveis?

85 respostas



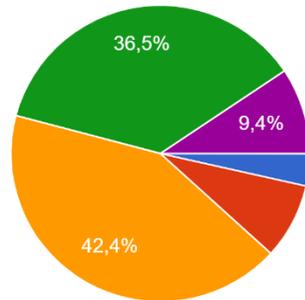
6. Se tivesse alguma dúvida ou preocupação sobre sexualidade, onde procuraria apoio ou orientação? Pode selecionar mais que uma resposta.

85 respostas



7. Como avalia o seu conhecimento sobre sexualidade humana e práticas seguras? Numa escala de 1 a 5.

85 respostas

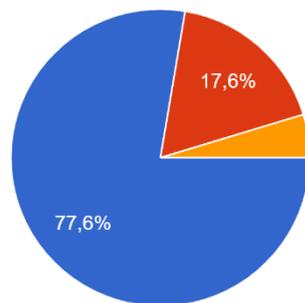


- 1 – Não tenho conhecimento
- 2 – Posso algumas noções sobre os temas
- 3 – Considero-me razoavelmente informado
- 4 – Tenho bastante conhecimento sobre os assuntos
- 5 – Domino as matérias

Parte III - Experiência sexual: atitudes

1. Já teve experiências sexuais ou íntimas?

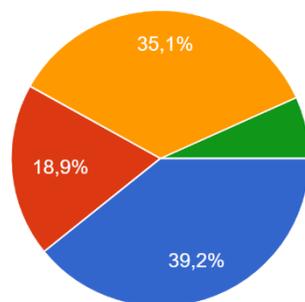
85 respostas



- Sim
- Não
- Prefiro não responder

2. Caso essas experiências não tenham sido individuais, utilizou métodos contraceptivos ou outro tipo de proteção?

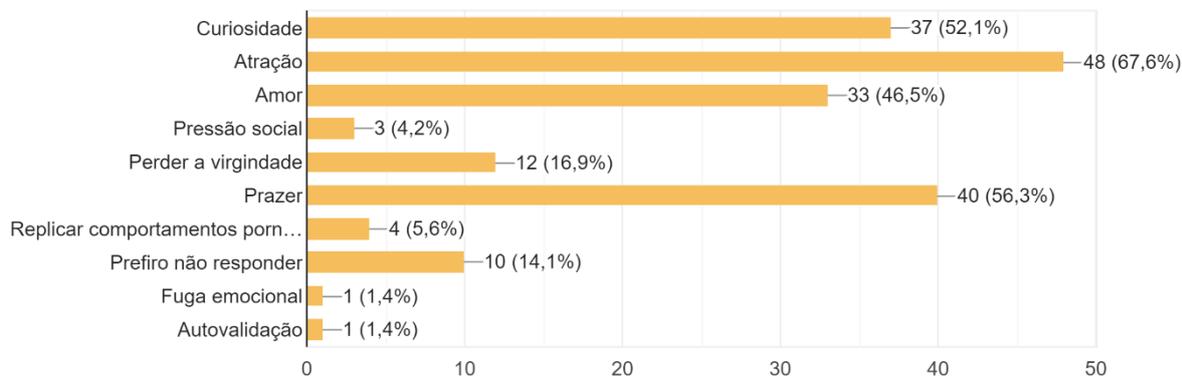
74 respostas



- Sim
- Não
- Umas vezes utilizei, outras vezes não utilizei
- Prefiro não responder

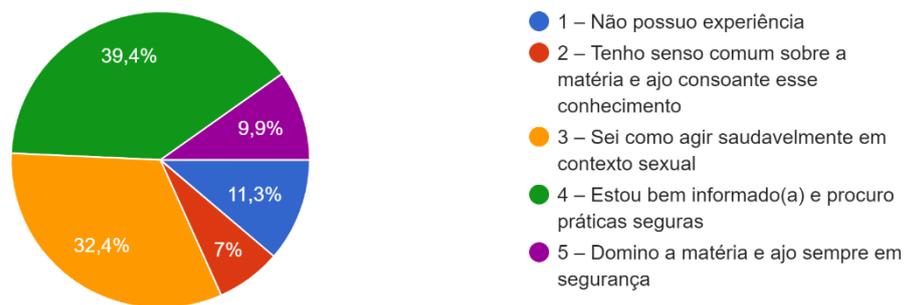
3. Se respondeu afirmativamente à primeira questão desta parte, qual foi a sua motivação? Pode selecionar mais que um motivo.

71 respostas



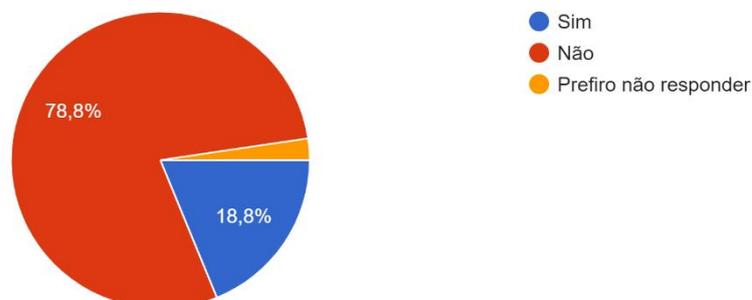
4. Caso tenha respondido afirmativamente à primeira questão desta parte, como avalia a sua experiência relativamente à sexualidade humana e práticas seguras? Numa escala de 1 a 5.

71 respostas



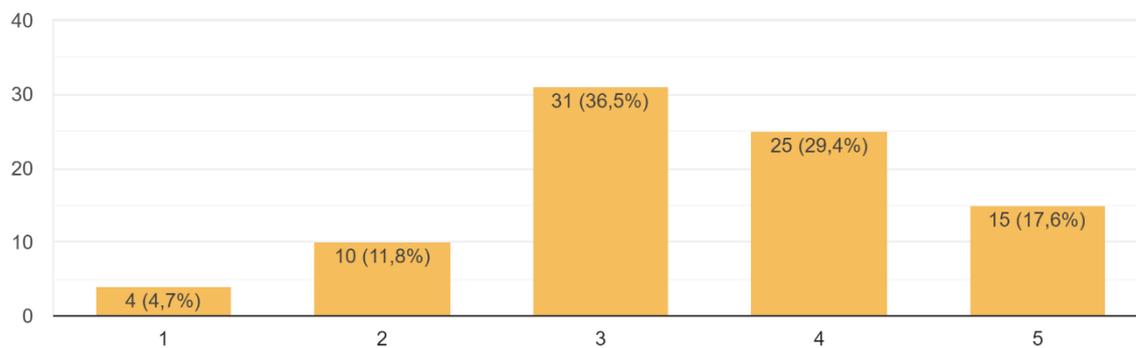
5. Sente algum tipo de pressão para se envolver em atividades sexuais?

85 respostas



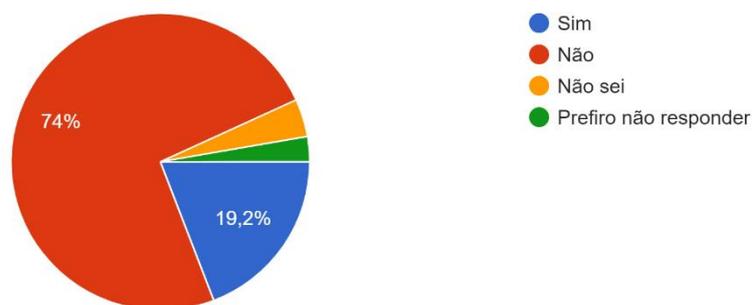
6. Como classifica, numa escala de 1 a 5, a sua experimentação sexual até aos dias de hoje?

85 respostas



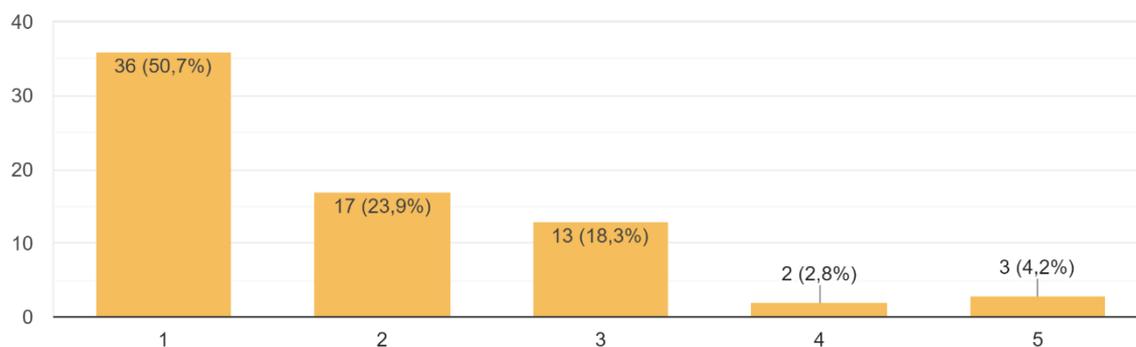
7. Já foi testado para doenças sexualmente transmissíveis (DST)?

73 respostas



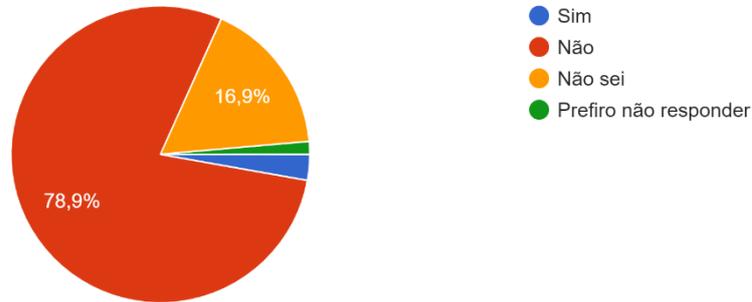
8. Numa escala de 1 a 5. Qual pensa ser o nível de risco atual, que julga possuir, em contrair uma doença sexualmente transmissível (DST):

71 respostas



9. Já contraiu doenças sexualmente transmissíveis (DST)?

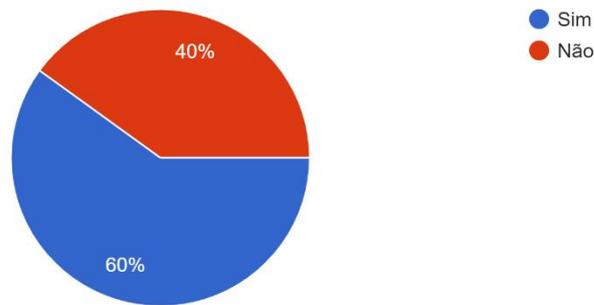
71 respostas



Parte IV - Experiência sexual: discursos

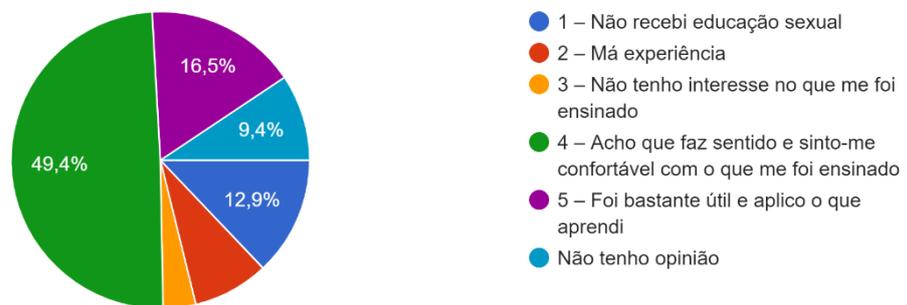
1. Já participou em algum curso, seminário, programa ou aula sobre Educação Sexual?

85 respostas



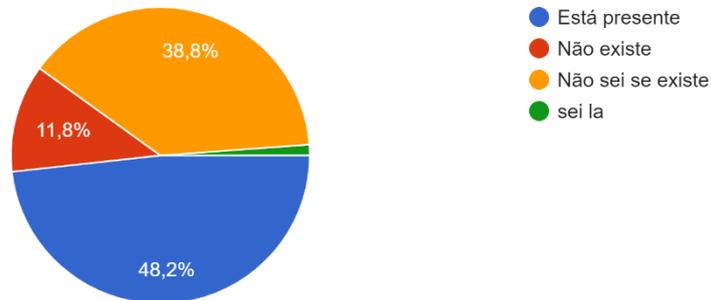
2. Como descreveria a sua experiência com a educação sexual que recebeu até agora? Numa escala de 1 a 5.

85 respostas



3. Qual é a sua opinião sobre a presença da “hipervalorização da sexualidade” nos discursos online?

85 respostas



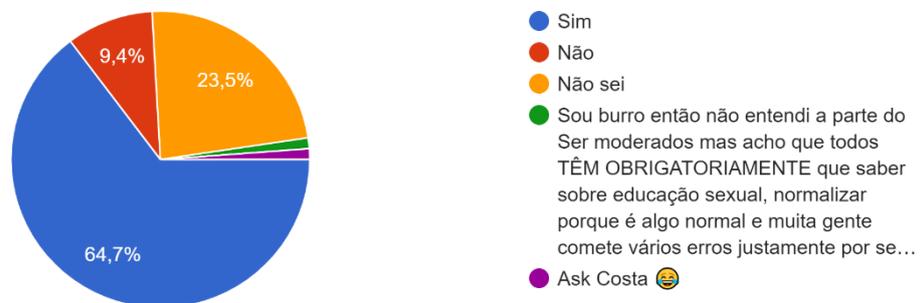
4. Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior, sente que a “hipervalorização da sexualidade” muitas vezes presente nos discursos...modo como a sua identidade sexual é formulada?

69 respostas



5. Pela sua experiência, sente que os discursos online sobre as “questões de sexualidade e género” devem ser moderados pelas plataformas online, de m... e a evitar efeitos nefastos nos seus recetores?

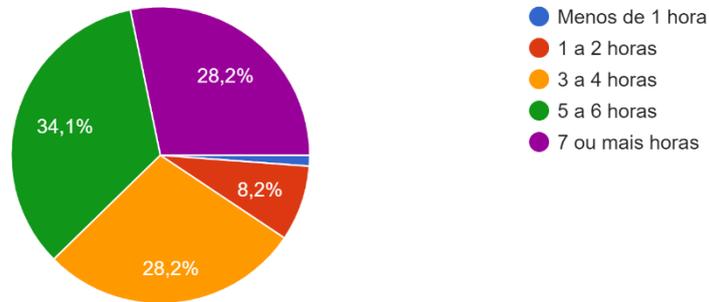
85 respostas



Parte V - Redes sociais online: acesso

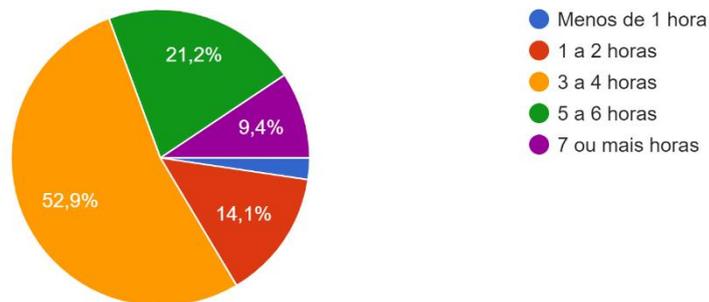
1. Utiliza a internet regularmente? (horas por dia)

85 respostas



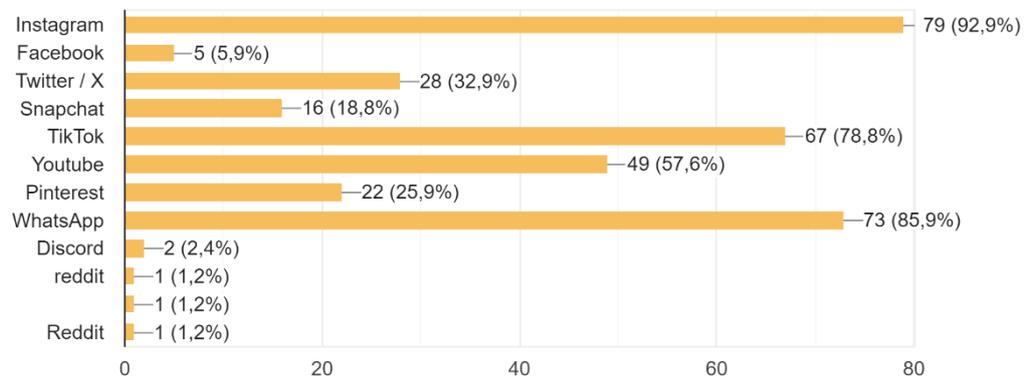
2. Com que frequência acede às redes sociais online? (horas por dia)

85 respostas



3. Quais são as redes sociais online que acede com mais frequência? Pode selecionar mais que uma rede social online.

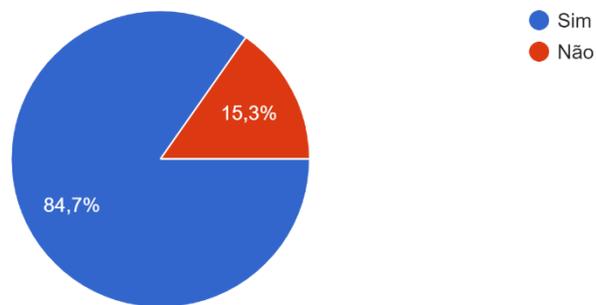
85 respostas



Parte VI - Redes sociais online: utilização

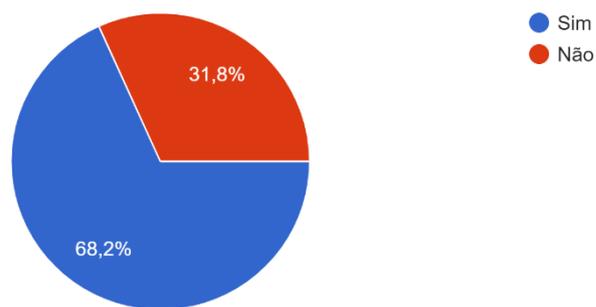
1. Já recebeu informação ou orientação sobre a sua segurança online e proteção da sua privacidade?

85 respostas



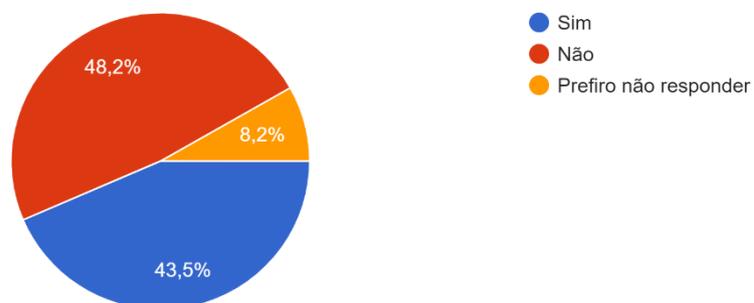
2. Já recebeu informações sobre sexualidade e desenvolvimento sexual por via das redes sociais online?

85 respostas



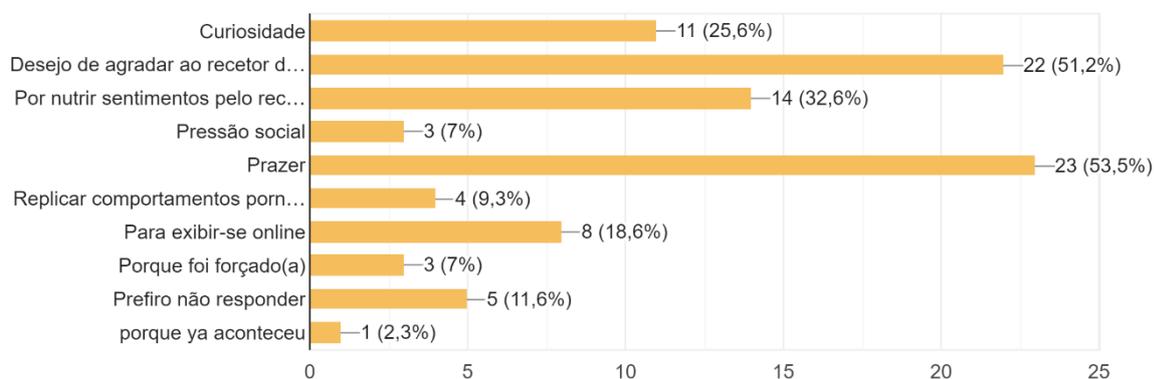
3. Já partilhou conteúdo de natureza sexual ou íntima online?

85 respostas



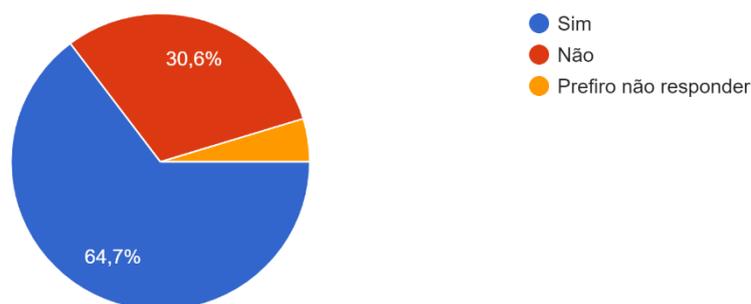
4. Se respondeu SIM à questão anterior, quais foram os principais motivos? Pode seleccionar mais que um motivo.

43 respostas



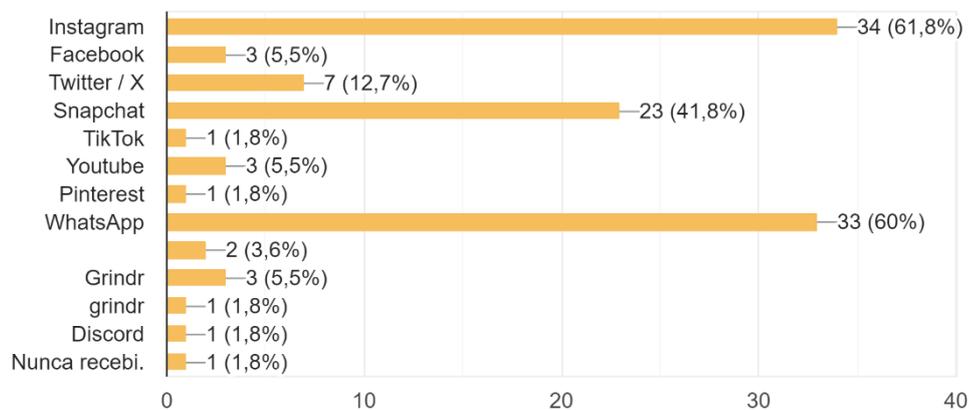
5. Já enviou ou recebeu mensagens de natureza sexual por meio de aplicações de mensagens ou redes sociais online?

85 respostas



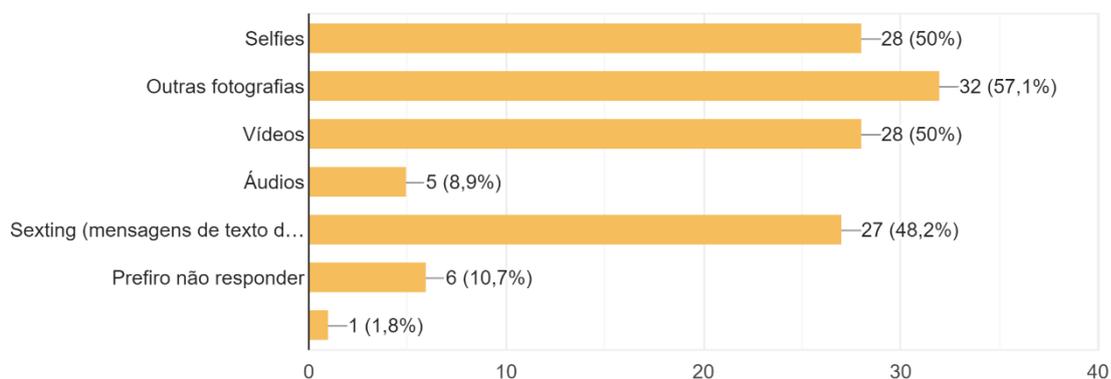
6. Se respondeu afirmativamente à questão anterior, em que rede(s) social online se sentiu mais confortável para o fazer? Pode seleccionar mais que uma rede social online.

55 respostas



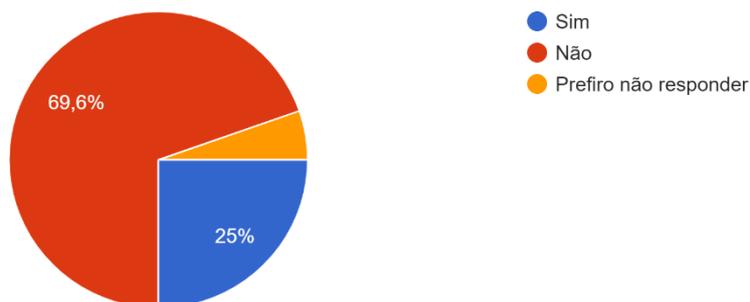
7. Se respondeu SIM à questão 5 desta parte e caso esteja disposto(a) a responder, quais são os formatos de mensagens de natureza sexual que mais utiliza? Pode selecionar mais que uma resposta.

56 respostas



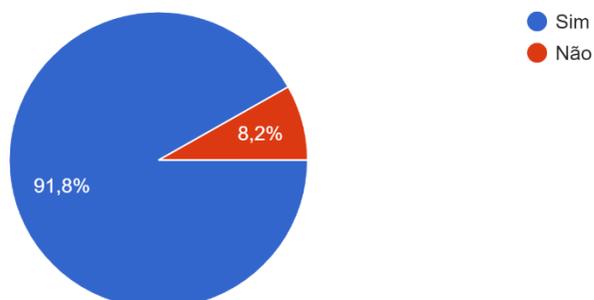
8. Se respondeu SIM à questão 5 desta parte, já se sentiu exposto(a) ou vulnerável devido à partilha de informações sobre sua sexualidade nas redes sociais online?

56 respostas



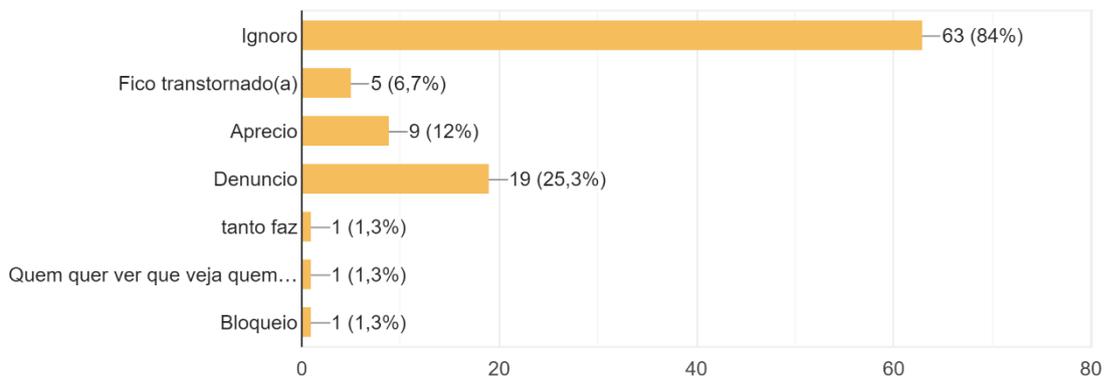
9. Já se deparou com conteúdo sexualmente explícito ou pornográfico sem procurar?

85 respostas



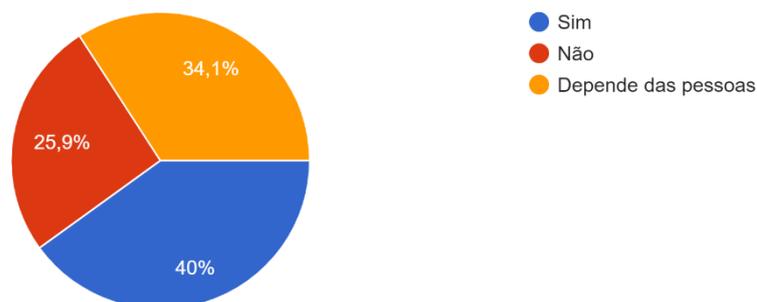
10. Caso tenha respondido afirmativamente à questão anterior, como lida com a partilha de conteúdo sexualmente explícito ou inadequado nas... online? Pode selecionar mais que uma resposta.

75 respostas



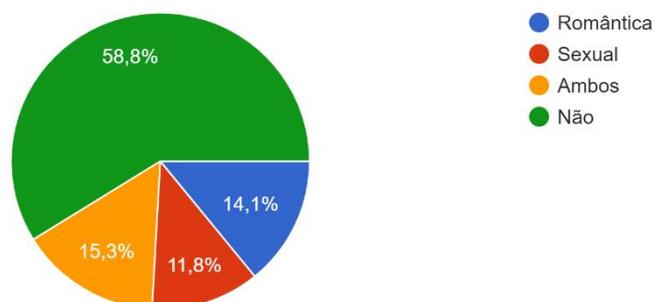
11. Sente-se seguro(a) ao interagir com outras pessoas online em relação à sexualidade?

85 respostas



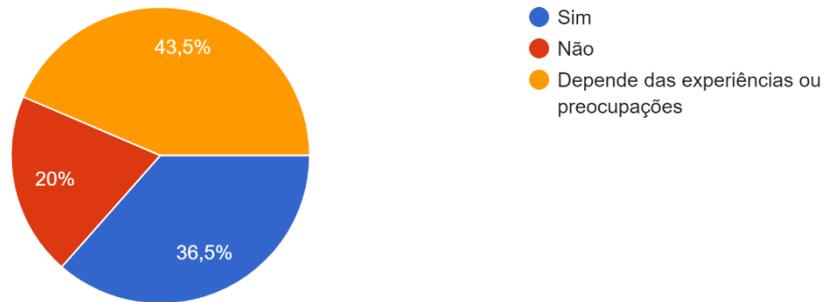
12. Já se envolveu em relacionamentos online de natureza romântica ou sexual?

85 respostas



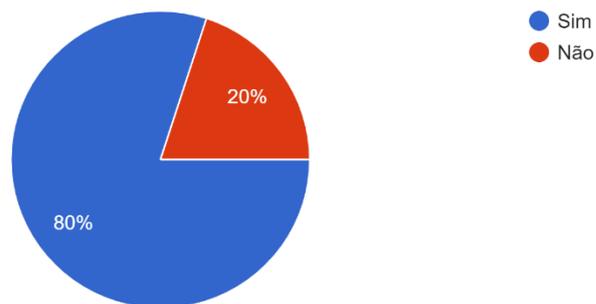
13. Sente-se à vontade para falar com alguém de confiança sobre experiências ou preocupações relacionadas à sexualidade online?

85 respostas



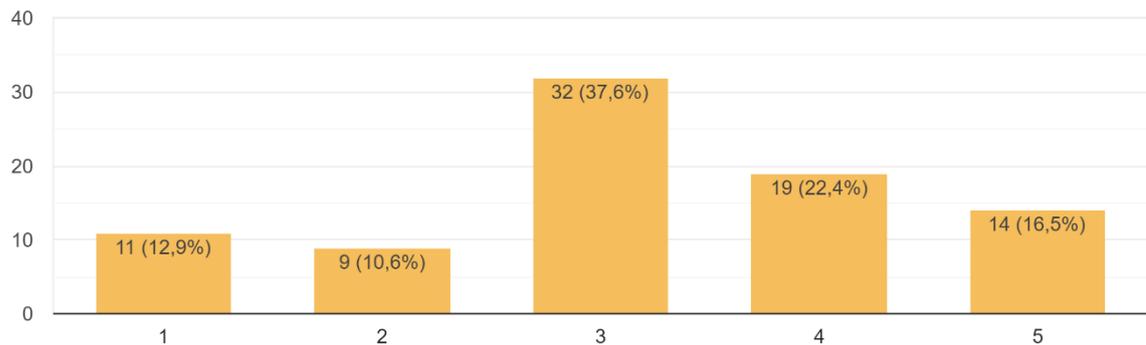
14. Sabe como proteger as suas informações pessoais e a sua privacidade enquanto utiliza a internet?

85 respostas



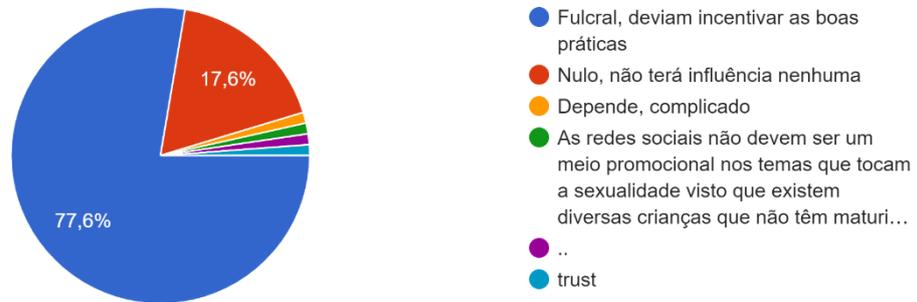
15. Como percebe a influência das redes sociais online na sua compreensão sobre sexualidade, relacionamentos e práticas sexuais? Numa escala de 1 a 5.

85 respostas



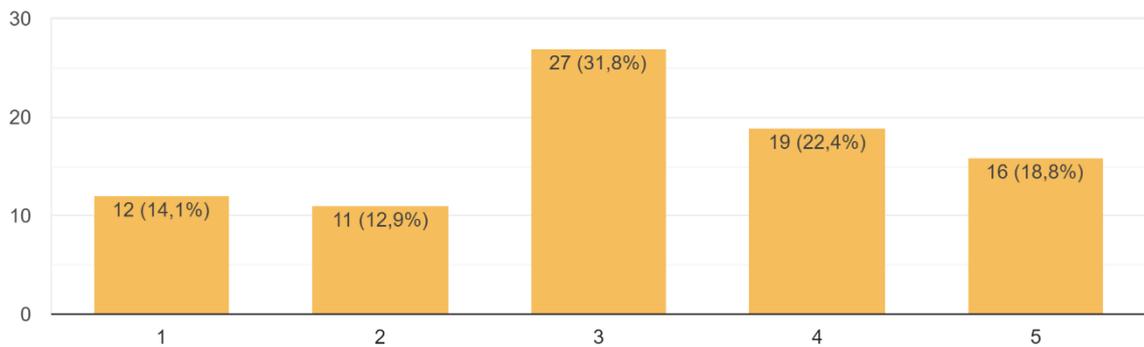
16. Qual pensa ser o papel das mesmas na promoção de relacionamentos e práticas sexuais saudáveis e respeitosas?

85 respostas



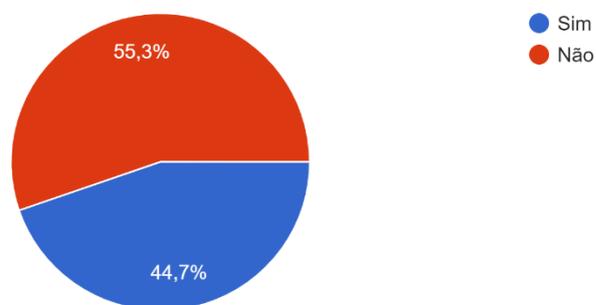
17. Como perceciona o impacto das redes sociais online na sua autoimagem e autoestima relacionadas à sexualidade? Numa escala de 1 a 5.

85 respostas



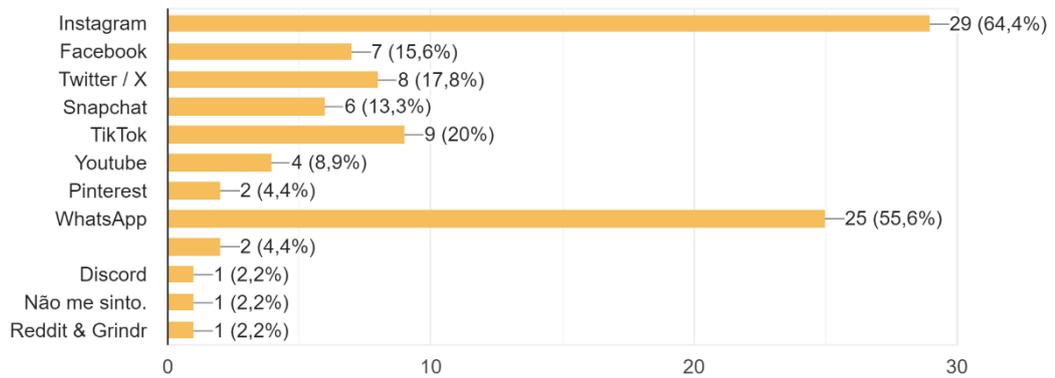
18. Sente-se confortável a discutir assuntos relacionados à sexualidade em plataformas de redes sociais online?

85 respostas



19. Se respondeu afirmativamente à questão anterior, em que rede(s) social online se sentiria ou se sentiu mais confortável para o fazer? Pode selecionar mais que uma rede social online.

45 respostas



20. Já participou em grupos ou comunidades online relacionadas à sexualidade nas redes sociais online? Se sim, quais?

85 respostas



21. Acha que as redes sociais online são neutras em termos de género?

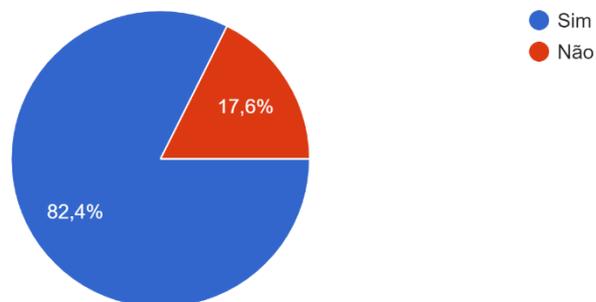
85 respostas



Parte VII - Saúde: comportamentos online de risco

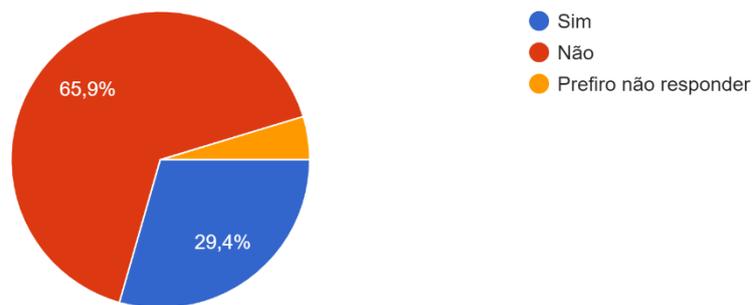
1. Já teve acesso a informações sobre os riscos e consequências de partilhar conteúdo sexualmente explícito online?

85 respostas



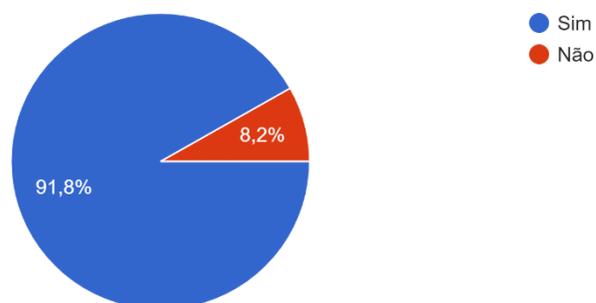
2. Já foi vítima de assédio, bullying ou de algum tipo de abuso online de natureza sexual?

85 respostas



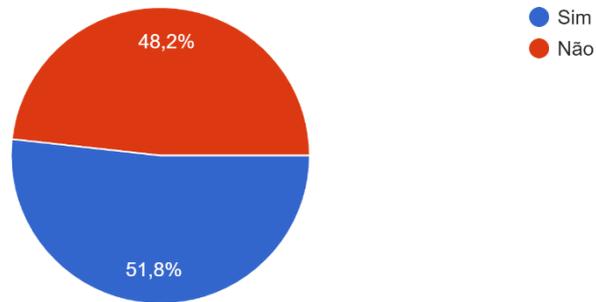
3. Está ciente dos riscos associados à partilha de informações pessoais com estranhos online? Nomeadamente dos riscos associados à partilha de ...exualmente explícitas nas redes sociais online?

85 respostas



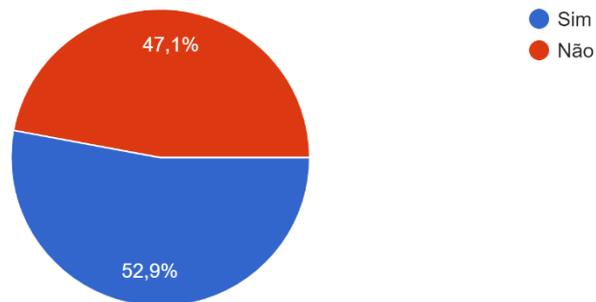
4. Já se sentiu pressionado(a) a seguir padrões de aparência ou comportamento relacionados à sexualidade devido ao que viu nas redes sociais online?

85 respostas



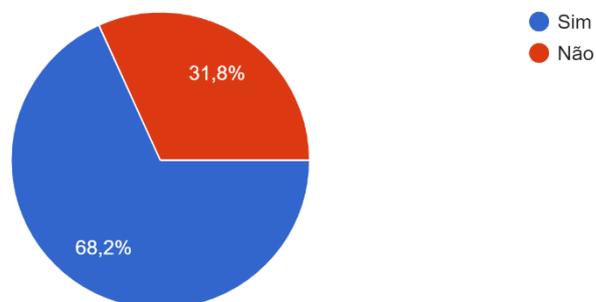
5. Já se sentiu desconfortável ou ansioso(a) ao se comparar com outras pessoas nas redes sociais online em relação à sua sexualidade?

85 respostas



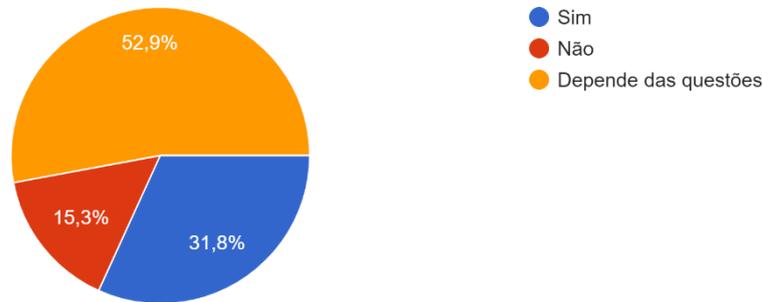
6. Já denunciou comportamentos inadequados ou preocupantes em plataformas online?

85 respostas



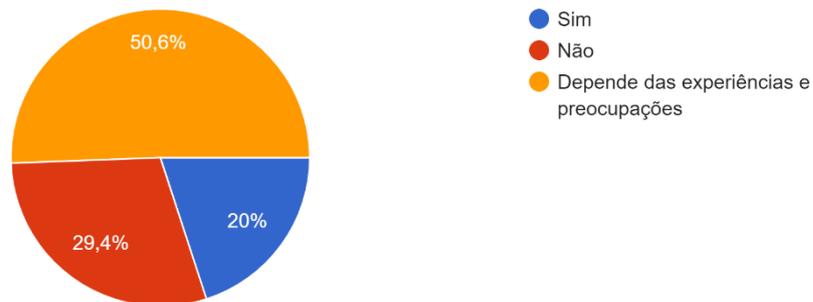
7. Presume que as redes sociais online podem servir como uma fonte segura para procurar apoio ou orientação em questões de sexualidade, se necessário?

85 respostas



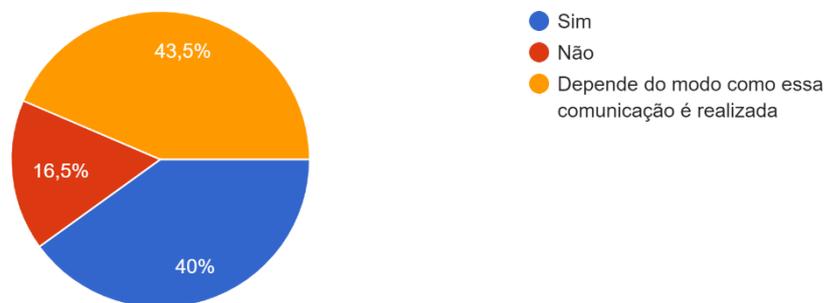
8. Acredita que as redes sociais online podem servir como um espaço seguro para partilhar experiências e preocupações relacionadas à sexualidade?

85 respostas



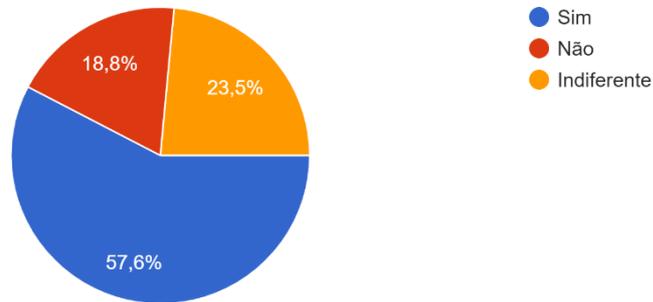
9. Considera que a comunicação sobre sexualidade nas redes sociais online pode contribuir para uma educação sexual mais aberta e inclusiva?

85 respostas



10. Acredita que a comunicação sobre sexualidade nas redes sociais online pode afetar a sua saúde mental?

85 respostas



11. Em que situações acredita que o uso consciente e responsável das redes sociais online pode contribuir para um desenvolvimento sexual mais saudável? Pode selecionar mais que uma resposta.

85 respostas

